

Na hora em que o ciclo da soja vai chegando ao fim, um balanço dos fatores que influíram no que mais de perto interessa ao agricultor: o preço de seu produto.

— Página 14 —



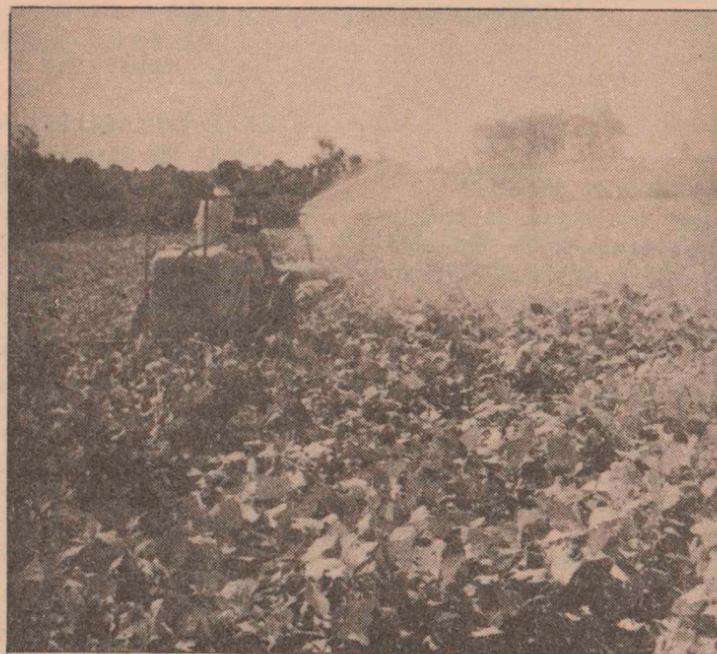
DO ESTOURO DE PREÇOS À QUEDA NO FUNDO DO POÇO

O ABSURDO DA CRISE DO LEITE

— Página 4 —

CRÉDITO: OUTRAS MUDANÇAS À VISTA

— Última página —



O TEMPO DE USAR VENENO À VONTADE JÁ PASSOU

— Página 21 —

DIVERSIFICAÇÃO APROVOU NO TESTE DO INVERNO

O trigo cedeu seu espaço a outras culturas. Os resultados das safras, auxiliados por um clima favorável, voltam a dar mais ânimo para a lavoura de inverno.

— Página 9 —

COOPERATIVA REGIONAL TRITICOLA SERRANA LTDA.



Rua das Chácaras, 1513
Caixa Postal 111 - Ijuí, RS
Fone: PABX -(055) 332-2400
Telex: 0552199

CGC ICM 065/0007700
Inscr. INCRA N° 248/73
CGC MF 90.726.506/0001-75

ADMINISTRAÇÃO

Diretoria Executiva

Presidente:

Ruben Ilgenfritz da Silva

Vice-presidente:

Arnaldo Oscar Drews

Superintendente:

Clóvis Adriano Farina

Diretores Contratados:

Euclides Casagrande, Nedy Rodrigues Borges, Lufs Régis do Amaral, Werner Erwin Wagner, Eduardo Augusto de Menezes, Valdir Zardin, Rui Polidoro Pinto, Bruno Eisele, Wilson Oliveira, Eduardo B. Ferreira, Renato Borges de Medeiros.

(Conselheiros (efetivos):

Alberto Sabo, Erni Schünemann, Egon Eickoff, Telmo Rovero Ross, Joaquim Stefanello.

(Conselheiros (suplentes)

Alfredo Driemeyer, Reinholdo Luiz Komers, Ido Marx Weiller, João Telló, Arnaldo Hermann, José Carlos Vione.

Conselho Fiscal (Efetivos):

Dair Fischer, Aquilino Bavaresco, Antônio Bandeira.

Conselho Fiscal (Suplentes):

Álvaro Darci Contri, Alcenio Elvino Volmer, Rui Adelino Raguzzoni.

Capacidade em Armazenagem:

LOCAL	INSTALADA
Ijuí	164.000 t
Ajuricaba	33.000 t
Augusto Pestana	33.000 t
Chiapetta	60.000 t
Cel. Bicaco	40.000 t
Sto. Augusto - Sede	77.000 t
Sto. Augusto - Esq. Umbú	50.000 t
Ten. Portela	60.800 t
Vila Jóia	67.000 t
Rio Grande	220.000 t
Dom Pedrito	45.000 t
Maracajú - Sede	65.000 t
Maracajú - Vista Alegre	17.000 t
Sidrolândia	52.000 t
Rio Brilhante	29.000 t
Dourados - Sede	82.000 t
Itaum (Dourados)	26.000 t
Indápolis (Dourados)	17.000 t
Douradina	17.000 t
Caarapó	17.000 t
Ponta Porã - Posto Guaíba	42.000 t
Itaporã - Montese	17.000 t
Campo Grande - Anhanduí	17.000 t
Aral Moreira - Tagi	17.000 t
Bonito	17.000 t



COTRIJORNAL

Órgão de circulação dirigida ao quadro social, autoridades, universidades e técnicos do setor, no país e exterior.

Nossa tiragem: 18.500 exemplares

Associado da ABERJE



Associado da



Registrado no Cartório de Títulos e Documentos do município de Ijuí, sob número 9.

Certificado de marca de propriedade industrial M/C11 número 022.775 de 13.11.73 e figurativa M/C11 número 022.776, de 13.11.73.

REDAÇÃO

Christina Brentano de Moraes
Dária C. Lemos de Brum Lucchese
Moisés dos Santos Mendes

Composto no Jornal da Manhã, em Ijuí, e impresso no Jornal do Comércio, em Porto Alegre.

Ao leitor

Da época de euforia, o chamado "boom" da soja, que aconteceu na primeira metade dos anos 70, resta ainda pouca coisa. Hoje, se não caiu no descrédito, a cultura também não é mais vista como salvadora da economia agrícola. E isto não só por culpa das frustrações que amargaram a vida de muito produtor. A causa maior está nos preços que o grão vem recebendo nos últimos tempos, que têm ficado com reajustes inferiores ao aumento da inflação e até mesmo dos custos de produção. O caso é que na soja já não se aposta mais como antigamente e, aos poucos, ela tem inclusive sua área de plantio reduzida nas regiões tradicionalmente produtoras, no Sul do País.

A soja apenas cumpre o seu ciclo, assim como já aconteceu, e vai continuar acontecendo, com outras culturas. Isto é típico de sistema que foi adotado pelo Brasil quando foi decidido que estava na hora de "modernizar" a agricultura. Uma modernização entendida com o uso de insumos, de técnicas sofisticadas, que exigem do produtor a compra de máquinas e mais máquinas, equipamentos e mais equipamentos.

A maioria não se deu conta do que estava acontecendo. Alguns fizeram "ouvidos de mercador" para os alertas que poucos, muitos poucos, tentavam fazer. E isto é muito natural. O ciclo da soja foi — e continua sendo — um grande negócio para uns poucos que enriqueceram, enquanto trouxe a pobreza e a marginalização para muita gente.

Na matéria que estamos publicando a partir da página 14 se conta um pouco da história da soja, vista do lado dos preços, onde se analisa o comportamento do mercado desde que o produto se tornou importante para a economia. Agricultores contam o que a cultura

representou na sua vida, ainda sem a certeza absoluta de que entraram num negócio vantajoso. Não é uma matéria pessimista. Ela apenas tenta mostrar uma realidade que está bem embaixo dos nossos olhos. Uma realidade, por sinal, onde num balanço, os créditos da soja até podem superar os muitos débitos que a cultura trouxe ao meio rural.

Depois dos movimentos contra o confisco e a previdência, mais um protesto está sendo preparado pelos produtores rurais. É uma manifestação contra a crise do leite, provocada por uma das situações mais absurdas possíveis. Falta leite no Brasil — tanto que a cada ano são autorizadas importações do produto em pó — mas agora não existem consumidores. Só que é sobre as costas dos produtores que está caindo todo prejuízo. Veja na página 4.

Outra mudança no crédito não será surpresa no final deste 81. Ela já vem sendo anunciada, extraoficialmente, desde o mês de novembro, e deverá fazer os produtores classificados como médios e grandes tirar um pouco mais de dinheiro do próprio bolso para ariscar na agricultura. Na última página contamos destas especulações, que só passarão à realidade depois do dia 21 de dezembro, quando se reúne o Conselho Monetário Nacional.

A briga aberta por alguns setores da indústria e comércio contra o cooperativismo mereceu uma nota de repúdio publicada em vários jornais. No nosso ela está aí do lado, na página 3. É uma tomada de posição de várias cooperativas gaúchas (entre as quais a Cotrijornal), e mais da Fecotrijo e Centralsul.

Do leitor

ESTADO DE CARÊNCIA

Acuso o recebimento de correspondência de outubro de 1981 a qual solicita o pagamento de Cr\$ 1.000,00 caso queira continuar recebendo o Cotrijornal. Quero informar-lhes que este material é de relevante importância para a minha informação acadêmica, pois serve de fonte de consulta para o aperfeiçoamento extracurricular.

Quero informar ainda que manifesto interesse em continuar recebendo as publicações, mas não tenho condições para pagar a referida taxa, pois sou filho de agricultor minifundiário e devido ao estado de carência estou morando na Casa do Estudante.

Heinbert Sand
Santa Maria — RS

VIAGEM DE ESTUDOS

Acuso o recebimento de correspondência datada de outubro de 1981, com o intuito de propor a assinatura do jornal.

Não respondi antes por estar em viagem de estudos e só agora tomei conhecimento da referida carta.

Comunico que tenho interesse em receber o jornal e, para isso, farei a assinatura apenas quando voltar dos estudos, ou seja lá por abril-maio. Outrossim, comunico que até essa data a remessa do jornal pode ser suspensa.

Sérgio R. Maestrelli
Timbó

FORMAR CONCEITOS

Recentemente tive a oportunidade de examinar um número do excelente jornal Cotrijornal, editado por esta conceituada Cooperativa. Servindo ele de forma expressiva para complementar e formar nossos conceitos sobre a Agricultura brasileira, e também reconhecida a excelência de seu conteúdo, venho solicitar que meu nome seja incluído entre os que recebem o jornal.

Joaquim A. Machado
Capinópolis — MG

TÉCNICOS AGRÍCOLAS

A 5ª Região da ATARGS — Associação dos Técnicos Agrícolas do Estado do Rio Grande do Sul — administra nesta cidade a primeira biblioteca técnica agropecuária do Brasil, criada no início deste ano e que já conta com mais de 3.000 exemplares de publicações técnicas em seu acervo, que servem como fonte de consulta aos profissionais que atuam na Região Litoral Norte do Rio Grande do Sul. É por esta razão que a presente tem o objetivo de solicitar a V. Sª a inclusão de nossa biblioteca na relação dos que recebem regularmente o Cotrijornal.

Adenir José Basso
Presidente 5ª Região
Osório — RS

TRABALHO COM CRIANÇAS

Venho por intermédio desta pedir informações sobre jornais. Tivemos em maio deste ano três dias de curso da Fideine, quando o professor Vicentini nos informou que aí haveria grande número de jornais. Então resolvi escrever pedindo todas as edições.

Sou professora municipal, preciso muito destes jornais para fazer trabalhos com as crianças.

Jane Berlatto
São Raimundo, Planalto — RS

PERMUTA

Recebemos há poucos dias uma correspondência propondo que fizéssemos uma assinatura do Cotrijornal, uma medida que respeitamos, aliás nós também somos defensores da idéia de que não se deve dar nada de graça a ninguém. Reconhecemos que o Cotrijornal é um veículo de informação que se diferencia dos demais, é muito interessante, de grande utilidade. E, para podermos continuar a recebê-lo estamos propondo a permuta com o nosso Suplemento Técnico — NOVA PAISAGEM — que circula encartado no Jornal Evangélico.

Helio Musskopf
Coordenador do CAPA
Santa Rosa — RS

ASSINATURA CONGELADA

Sou procurador de Sadi Sérgio Grimm, o qual é associado dessa tão conceituada cooperativa. Recebi hoje seu comunicado sobre o pagamento que deverá ser feito para continuar recebendo o Cotrijornal.

Gostaria de comunicar que o associado está ausente do Brasil desde julho de 81, e deverá regressar em meados de 1985, pois está fazendo curso de doutorado em Davis, na Califórnia (USA). Diante disto, eu, como seu procurador oficial, solicito o congelamento de sua assinatura até a época de seu regresso.

Deoni Luiz Segalin
Florianópolis — SC

NR: Realmente os altos custos nos forçaram a cobrar pela assinatura do Cotrijornal. Em alguns casos, porém, ele continuará sendo remetido aos leitores como uma cortesia dos associados da Cotrijornal. As exceções são sindicatos, escolas e órgãos públicos.

Ao Heinbert, de Santa Maria, sugerimos que faça suas consultas no Cotrijornal na biblioteca da Universidade, para onde já remetemos alguns exemplares.

A professora de São Raimundo, de Planalto, receberá o jornal através de sua escola, assim como já acontece com outros professores do interior que manifestaram interesse em usar o Cotrijornal como material didático.

A ATARGS, como órgão representativo da classe, também terá seu pedido de assinatura gratuito atendido, assim como aceitamos a proposta de permuta sugerida pelo coordenador do Centro de Aconselhamento ao Pequeno Agricultor. As demais solicitações, infelizmente, dentro dos critérios adotados, não poderão ser atendidas. Nestas situações, o recebimento do Cotrijornal está condicionado ao pagamento da assinatura, no valor de Cr\$ 1.000,00 para o período de um ano. O cheque nominal neste valor, ou ainda uma ordem de pagamento, deve ser enviado para a Cooperativa Regional Tritícola Serrana Ltda. (Rua das Chácaras, 1513 — 98.700 — Ijuí — RS).

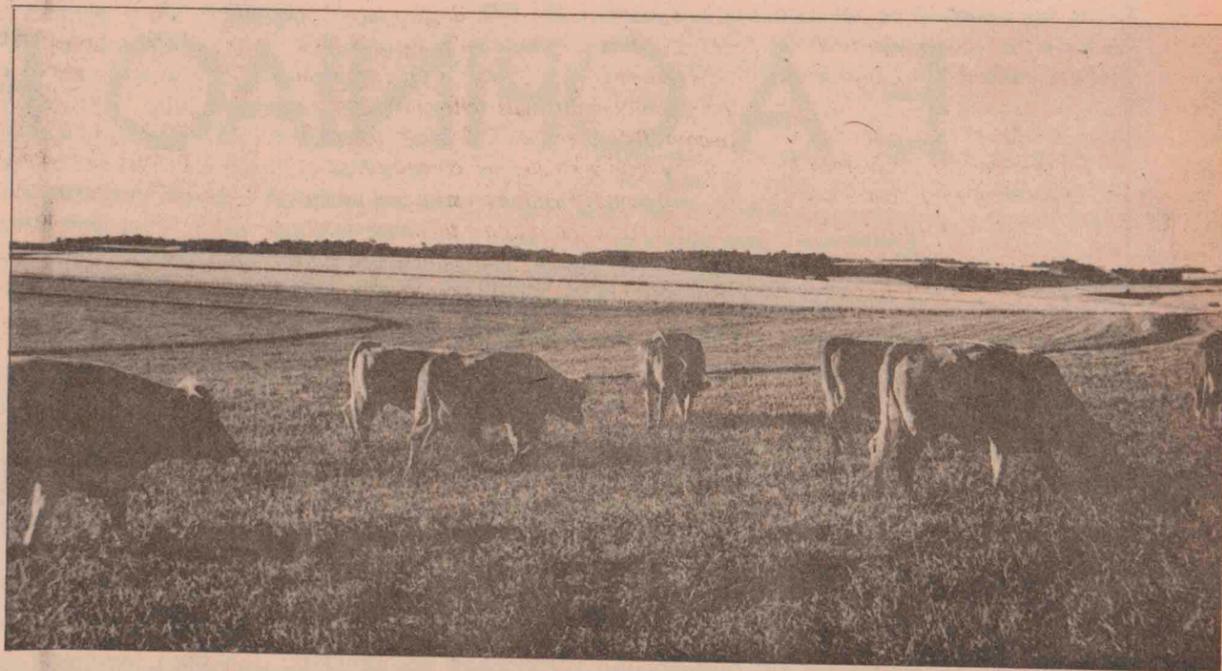


VEM AÍ OUTRO MOVIMENTO

A cada dia que passa mais se agrava uma nova crise que caiu com toda força nas costas dos produtores. É a situação do leite que até está levando muito produtor a pensar em se desfazer das vacas e pôr a pique todos os investimentos que fez na atividade leiteira. Na zona de ação das cooperativas filiadas à CCGL — são 32 em todo estado, incluindo a Cotrijuí — o desânimo cresceu com a decisão da Central em aplicar uma portaria da Sunab que estabeleceu o leite-cota excesso e ainda a cobrança de um segundo frete.

Em todo Estado os produtores estão se movimentando para alterar esta situação que, ao que tudo indica, pode levar de vez à falência as pequenas propriedades rurais.

Através dos sindicatos de trabalhadores rurais estão sendo realizadas várias reuniões para analisar o que pode ser feito para superar esta crise. Uma crise, por sinal, que a exemplo das outras que estão se abatendo sobre a agricultura, apenas reflete o quanto o povo não tem dinheiro para comprar comida e o quanto o produtor não é ouvido na hora em que são tomadas as decisões que vão influir diretamente na sua atividade.



A média faz a cota

A aplicação do leite-cota não pegou de surpresa só os produtores da área de ação da Cotrijuí, mas todos os produtores associados a qualquer uma das outras 32 filiadas da Cooperativa Central Gaúcha de Leite. Embora já tivesse conhecimento da existência do tal de leite-cota — as indústrias particulares já vem adotando tal sistema há um bom tempo — os produtores não ficaram nem um pouco satisfeitos com essa medida da CCGL. A Central inclusive vinha garantindo até alguns meses atrás que não pretendia fazer uso desse sistema.

O leite-cota é a média de produção formada nos piores meses do ano, ou seja, em abril, maio, junho e julho, no caso do Rio Grande do Sul. Vamos dizer que um produtor tenha produzido 932 litros de leite em abril; 880 em maio; 1.016 em junho e 1.592 em julho, totalizando, nestes quatro meses, a quantia de 4.420 litros de leite. A média desses quatro meses será de 1.105 litros. Essa média — 1.105 litros — será a cota que dará direito ao produtor comercializar esse tanto de leite nos meses de verão ao preço normal. Se em dezembro, época em que a produção aumenta, esse mesmo produtor em vez de entregar a sua cota de 1.105 litros mensais, passar a 1.500 litros, terá os 395 litros que passaram da cota considerados como leite-excesso ou extra-cota. Para este excesso receberá um preço bem diferenciado.

Todo o leite-cota, no caso do exemplo os 1.105 litros, receberá um preço de Cr\$ 27,30 por litro, — que é a média do valor de 85 por cento do leite pago como indústria e 15 por cento como leite consumo. O leite que passar da cota (aqui no caso os 395 litros) terá um preço de Cr\$ 20,00.

Aquele produtor que recém está ingressando na atividade leiteira e que não teve condições de formar cota no inverno, vai entregar toda a sua produção como sendo extra-cota, recebendo o preço de Cr\$ 20,00 por litro.

Distribuição de leite pela cidade, atos públicos em frente às indústrias e reuniões com sindicatos, são alguns dos movimentos de protesto que os produtores de leite vem fazendo contra a crise que ora atinge o setor. A movimentação maior vai acontecer no dia 12 de janeiro, quando os produtores de todos os municípios que tiverem bacia leiteira estarão reunidos em assembleias para discutir melhor a situação do leite. As decisões serão levadas à Porto Alegre, quando a classe vai se reunir mais uma vez. Dessa assembleia, marcada para o dia 14, sairão as decisões finais. A possibilidade de uma paralisação geral na entrega de leite não está de toda afastada, mas só será utilizada como último recurso, no caso de que a classe não consiga sensibilizar as autoridades do setor.

PREÇO ÚNICO, SUBSÍDIO

Os produtores de Ijuí, certos de que a situação não pode continuar como está, decidiram fazer algumas reivindicações, que vão desde a fixação, por parte do governo, de um preço único para o leite, baseado nos custos de produção, retirada do segundo percurso, subsídio para o leite à nível de consumidor, compra pelo governo dos estoques de leite para regular o mercado e até uma campanha publicitária incentivando o consumo de leite.

Uma comissão formada por produtores, inclusive mulheres, já anda se movimentando pelo interior de Ijuí, organizando reuniões para esclarecer melhores certas questões, como o caso do leite-cota, segundo percurso, preço, mercado "e também preparando o pessoal para a assembleia do dia 12", explica o Carlos Karlinski, presidente do Sindicato dos Tra-

balhadores Rurais.

A movimentação dos produtores de Cachoeira do Sul, onde o leite é a atividade principal, começou bem cedo, logo no início de setembro. Desde aquela época, todas as primeiras terças-feiras de cada mês, o pessoal faz um ato de protesto, ou na praça da cidade, ou em frente a Corlac, indústria para a qual entregam a sua produção.

As queixas dos produtores de Cachoeira vão desde o leite-cota, o segundo percurso, aos descontos por causa de gordura, peso e quantidade exagerada de leite ácido. "O pessoal se queixa que anda dando muita diferença nos preços", comenta o presidente do Sindicato de Trabalhadores Rurais do município, Walter João Lucchese.

Segundo o presidente do Sindicato, o produtor vinha aumentando a esperança de poder melhorar um pouco a situação, "encolhendo um pouco as contas" logo que chegasse o verão, "mas as indústrias levaram todas as esperanças aplicando um frete que o produtor tem certeza que não existe".

A fixação de um preço único, de Cr\$ 35,00 pelo litro de leite, também está sendo uma das reivindicações do pessoal de Cachoeira. "Como não sabemos qual é a intenção das indústrias, se é de matar o produtor através de tantos desistímulos para forçar a importação de leite em pó, ou pagar um preço mais compensador, também não sabemos se elas estão dispostas a aceitar um preço único", comenta Lucchese. Pela Corlac, os produtores têm um preço formado pela média de leite indústria, 70 por cento — Cr\$ 27,00 — e

leite consumo, 30 por cento, — Cr\$ 29,00.

Em Santa Maria as queixas não são diferentes e os produtores ainda enfrentam mais um problema: o prazo para a venda de leite "in natura" pela cidade termina no fim do mês. As reivindicações mais urgentes da classe é que o governo permita que alguns produtores continuem entregando o leite na cidade, pelo menos até março e que retire o tal de segundo percurso. "Entendemos que a Portaria da Sunab", diz Cláudio Silveira, secretário do Sindicato de Santa Maria, "está bastante clara e fala em frete do entreposto até a usina, enquanto que a Corlac considera o percurso da usina até o consumidor". Também os produtores de Lajeado, que entregam a sua produção ou para a Lacesa ou para a Cooperativa de Encantado, entendem que nada têm a ver com o segundo percurso. "Esse frete quem tem que pagar é a indústria e não o produtor", reforça Aleixo Gisch, presidente do STR de Lajeado.

A situação de parte dos produtores de Lajeado se agrava ainda mais pela ação do intermediário, que recolhe a produção de regiões mais distantes, onde nem a Lacesa nem a Cooperativa atuam, por um preço único de Cr\$ 15,00. Esses produtores, sentindo-se bastante prejudicados, começam a se movimentar no sentido de terminar com o rebanho e partir para uma outra atividade. Esse preço único de Cr\$ 15,00, se comparado com o que o restante dos produtores anda recebendo — média formada pelo leite indústria, Cr\$ 27,00, o leite consumo, Cr\$ 29,00 — está sendo considerado irrisório.

Insatisfação e desânimo entre os produtores

Nem um pouco satisfeito com o que anda acontecendo com o leite, o seu José Mauri Simão, de Fundo Alegre, Augusto Pestana, não quer mais ouvir falar neste assunto. E garante que não é só ele quem anda pensando assim:

— Até nem fazem mais reuniões prá falar de leite que o pessoal se alvoroça todo. E quem tinha mesmo que aparecer nestas reuniões, que são os fiscais da CCGL, nem aparecem, porque sabem que merecem até apanhar pelo que andam fazendo prós produtores de leite.

O preço e o tal de segundo frete têm deixado o seu José tão desanimado, que até andou relaxando um pouco na produção. De 50 litros diários, nem pensou duas vezes e já baixou para 20. Ele conta os motivos dessa sua decisão:

— Sempre me preocupava em aumentar a produção, em manter uma boa média no inverno. O caso é que eles querem agora tirar tudo do colono, que anda perdendo uma nota com as vacas e mesmo assim, o pessoal da cidade não está podendo comprar o leite.

A reclamação do seu José não tem tanto a ver com a aplicação do leite-cota, que ele até acha "uma forma de compensar quem trabalha tanto no inverno como no verão". O que não gostou nem um pouco foi da forma de adotar a medida:

— Não achei nada justo não avisarem prós colonos da aplicação dessa medida e ainda por cima, fazer valer contando prá trás. Tinham que ter avisado. No inverno a gente não sabia de nada. Pegar de surpresa é que não é justo. Com que vontade se vai trabalhar, levantando de madrugada prá tirar leite?

SEGUNDO FRETE DE QUÊ?

O que mais tem revoltado o seu José é o tal de frete dois, "uma medida sem cabimento". E pergunta: "estão cobrando um segundo frete de quê?" Só no mês que passou teve quase Cr\$ 6 mil de descontos, Cr\$ 2.935,60 de frete um e Cr\$ 2.150,00 de frete dois. Recebeu líquido apenas Cr\$ 16.252,87.

O frete dois também anda incomodando o seu Léo Martini e a dona Norma, de Arroio das Antas (Ijuí). Por causa disso, andam pensando em vender as vacas e engordar os terneiros para carrear mais tarde.

Na lida do leite há quase quatro anos, os Martini estão entregando uma média de 10 litros por dia. Sem ter sido informado da aplicação do leite-cota e do frete dois, o seu Leo diz que levou um susto grande quando recebeu o dinheiro do leite, de tanto que eram os descontos.

— Esse frete dois não é nada justo. Depois que o produtor entregou o leite na usina, ele não tem mais nada que ver. Esse frete nem existe. Junto com essa paulada vem mais o leite-cota e, com isso, o produtor fica recebendo menos pela produção.

NÃO VAI COMPENSAR

Por causa do leite-cota e, principalmente, do frete dois, é que o seu Fredolin do Carmo, da Linha 7 Leste, Ijuí, anda querendo negociar as cinco vacas de sua propriedade. Com uma produção diária de

48 litros, o seu Fredolin só vê uma solução prô caso: largar do leite. É que no inverno ele manteve uma média de produção de uns 25 litros e como vem mais uma vaca com terneiro, é certo que a produção vai aumentar, dando mais leite-extra que leite-cota. Pelo preço de Cr\$ 20,00 o litro, o seu Fredolin acha que não compensa.

Revoltado com essa situação, prefere até nem comentar muito o tal de frete dois, "um absurdo", mas garante que o produtor não pode deixar as coisas como estão. Ele reclama:

— A CCGL está explorando o produtor. Como é que pode ter dois, três tipos de preços para pagar o produtor, enquanto o consumidor só paga um preço? Tá certo que colono nasceu prá sofrer, mas não para trabalhar de graça.

E A OPINIÃO DO PRODUTOR?

Representante eleito por Ijuí, o seu Waldemar Roberto Kossa, da Linha 13 Leste, não sabe mais o que dizer aos vizinhos que batem todos os dias a sua casa, reclamando da situação. Como até ele foi pego de surpresa, acha que a CCGL tinha que dar alguma explicação que convencesse melhor, já que sempre garantiu que nunca ia tomar medidas como a do leite-cota. Ele explica:

— O leite-cota causou uma surpresa grande, pois a política da CCGL, e isso ela dizia até alguns dias atrás, era a de que não ia aplicar esse sistema. Isso foi prá matar o colono. Tenho muito vizinho com tambor organizado que já anda dando um jeito de negociar as vacas e cair fora do leite, que ninguém tá a fim de trabalhar com prejuízo.

O seu Waldemar até que nem é muito contra a aplicação do leite-cota, "que por um lado termina com os aproveitadores que só entregam produção nos melhores meses do ano". Sua preocupação maior tem sido a cobrança de um segundo frete, "uma coisa que a meu ver nem existe". Mas reclama da forma como as coisas foram feitas, sem consultar o produtor:

— Eu pergunto, depois dessa decisão da CCGL, onde está a opinião do produtor? Será que ele não tinha que ser consultado? Me parece que o produtor tinha que ser preparado. Foi uma medida drástica e infeliz da CCGL. E o pior é que quem está levando toda a culpa é a Cotrijuí, que não tem nada a ver com a coisa, porque é só uma associada a mais da Central. Será que a situação financeira da CCGL anda tão feia que ela resolveu apelar prô bolso do produtor e cobrar uma coisa que nem existe?

CULPA DA SITUAÇÃO

Já o seu Gustavo Richter Sobrinho, da Linha 7 Norte, também de Ijuí, nem culpa muito a CCGL por tudo o que anda acontecendo. Ele acha que isso faz parte da crise que o país está atravessando. Mas nem por isso, é de acordo que as coisas fiquem no pé em que estão. Com uma produção diária de 40 litros, o seu Gustavo e a dona Nair entraram mesmo prô leite no ano passado, "quando deixamos de ser simples fornecedores". Se tornaram produtores porque acreditaram que era uma coisa cer-



José Mauri Simão: tirar tudo do colono



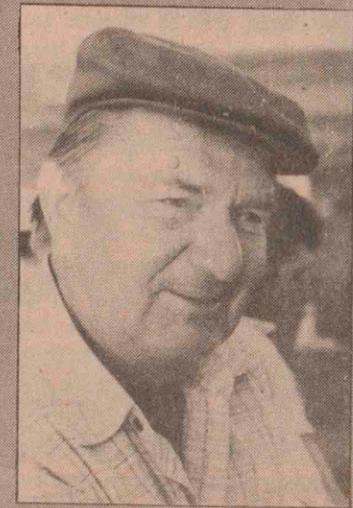
Gustavo e Nair Richter: planos por água abaixo



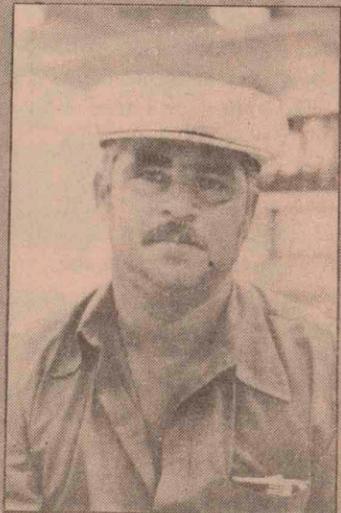
Norma e Léo Martini: vender as vacas



Waldemar Kossa: e a opinião do produtor?



Harry Radke: deixar as vacas à vontade



Fredolin do Carmo: é trabalhar de graça

ta, garantida, "nem que fosse para a comida, o leite sempre dava", garante a dona Nair. Diz o seu Gustavo:

— Agora o leite tá só dando prá trás e ainda por cima vem essa imposição do frete dois. O produtor precisa se unir, e aqui entra muito o trabalho do representante, para derrubar esse frete, que até agora ninguém tá engolindo, e também o leite-cota.

Bem desanimada, a dona Nair anda pensando em vender as vacas, "uma coisa que vai ser difícil porque é o que todo o mundo tá querendo fazer". Os planos de comprar uma ordenhadeira, já foram por água abaixo:

— Chega o que já gastamos no estábulo e não estamos tirando lucro. Tenho pena é daqueles produtores que estão iniciando e estão sendo derrotados de saída.

O seu Harry Radke, da Linha 19 (Ajuricaba) não está vendo nenhuma saída para a crise do leite. Só não acha justo o

produtor ficar pagando os prejuízos. Diz o seu Harry:

— Eu até que gostaria de ter o prazer de provar um queijo da CCGL, só que a gente não encontra no comércio. Também com estes preços, nem adianta sair que ninguém tem dinheiro para comprar.

Com 28 vacas produzindo coisa de 220 litros de leite por dia, a maior queixa do seu Harry é contra o leite-cota, "isso não está certo". Para manter a produção de inverno, fez pastagens, mas mesmo assim não viu muita vantagem. No inverno tinha uma produção de 4 mil litros que agora já está em torno de 5 mil litros por mês.

— Caprichamos bastante e fizemos muita coisa no leite, que achei que podia recuperar os investimentos. Mas tá difícil, porque com o leite-cota, tá dando uma diferença de 1.000 litros por mês. Até nem estamos mais comprando trato, estamos deixando as vacas meio à vontade e o que dá, dá.

A Central pede paciência

“Um pouco de paciência” é o que pede um dos diretores da CCGL (Cooperativa Central Gaúcha de Leite), Ernesto Krug, aos produtores que ele sabe que não estão aceitando a aplicação da portaria da Sunab que carrega consigo, além do leite-cota, o frete de um segundo percurso. Krug, que é diretor técnico da Central, afirma que esta foi a única saída da CCGL para enfrentar os prejuízos que também está sofrendo.

O Ernesto Krug justifica esta decisão, aplicada às pressas e de forma retroativa, dizendo que desde que a Central existe, sempre se falou que um dia o leite-cota teria que ser aplicado:

— Com a crise que está aí, a diminuição no consumo, a CCGL não teve outra saída senão fazer o que estabelece a portaria da Sunab de setembro deste ano.

A situação piorou ainda mais para os lados da Central, segundo o Krug, porque houve um atraso grande no funcionamento do complexo industrial de Languirú. Ali a CCGL afirma que vai encontrar uma saída para diminuir os problemas de comercialização de leite, pois ficará aparelhada para diversificar sua linha de produção, introduzindo leite em pó, doce de leite, cremes, sorvetes, etc.

VOLTA AO NORMAL

Bem que o diretor da CCGL é otimista. Ele acredita que “a tendência de agora em diante é de que a situação melhore”. A esperança é que o preço do leite a nível de consumidor volte a Cr\$ 43,00 (este valor foi reduzido a Cr\$ 40,00, pelo Governo, pensando em aumentar o consumo) e assim aliviar a situação da indústria. Diz o Krug:

— Até março acreditamos que as coisas tenham voltado ao normal.

Ele também entende que aquele produtor mais imediatista, que ainda considera a lida do leite como secundária dentro da propriedade, vai dar um jeito de cair fora. Enquanto isto, “aquele produtor mais esclarecido, que tem um certo conhecimento de toda a situação pela qual está passando a atividade leiteira no Brasil, vai continuar

trabalhando”. O Krug garante inclusive que o leite-cota vai servir para que o produtor se estruture melhor e passe a produzir também em igual quantidades nos meses de outono e inverno.

Foi em má hora que foi também aplicado o segundo percurso e disto o Krug não tem qualquer dúvida. Mas ele lembra que há tempos atrás já existiu até um terceiro percurso, que ia da usina até o consumidor:

— O caso é que a Portaria da Sunab existir tratamentos diferenciados, mesmo que existam realidades diferentes. estabelece cobrança de um segundo percurso e dentro de cooperativismo não pode

SUBSÍDIO

Para Ernesto Krug os problemas de subconsumo de leite no Brasil — o que seria uma das principais razões da crise agora — poderiam ser resolvidos de uma forma até que simples: o subsídio:

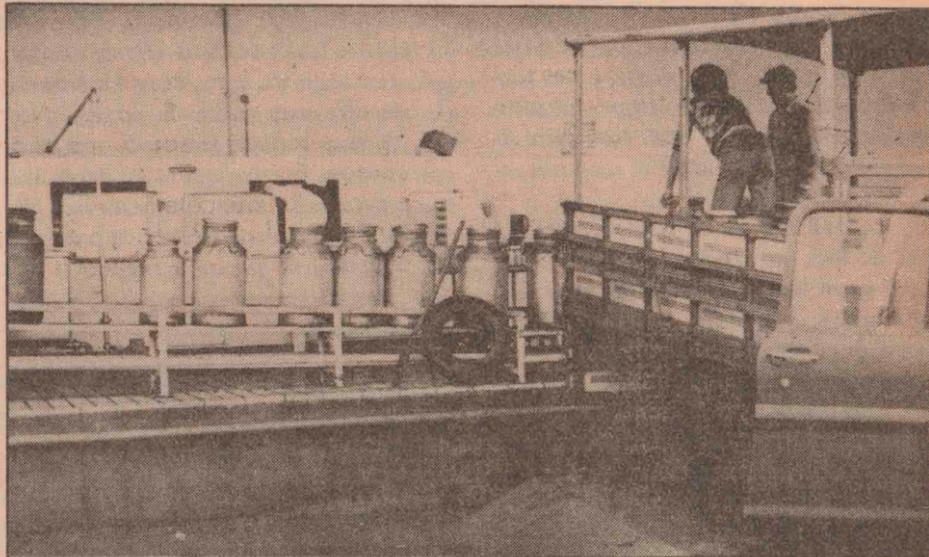
— É a única saída para alimentar o povo e também para resolver de vez esta história de falso excedente. Só que isto nem passa pela cabeça do Governo, que acredita que o subsídio só faz crescer a inflação. Mas em países de poder aquisitivo mais alto que no Brasil o leite é subsidiado para a população, pois se entende que os jovens precisam se alimentar bem para ter um desenvolvimento completo.

O Krug recorda, por exemplo, que 20 por cento da população nordestina se alimenta inadequadamente e que mais de 21 por cento das crianças brasileiras são desnutridas. “Só com isso”, afirma, “valeria o empenho do Governo em comprar o que não é consumido para distribuir à população através de escolas ou da LBA (Legião Brasileira de Assistência).

O subsídio, na opinião do Krug, seria uma forma do Governo continuar estimulando a produção interna do leite ao ponto de deixar de lado as importações:

— Parece mentira, mas o que temos feito até agora tem sido estimular produtores de outros países e desestimular os nossos.

O excesso de um produto que falta



A produção aumentou enquanto o consumo diminuiu

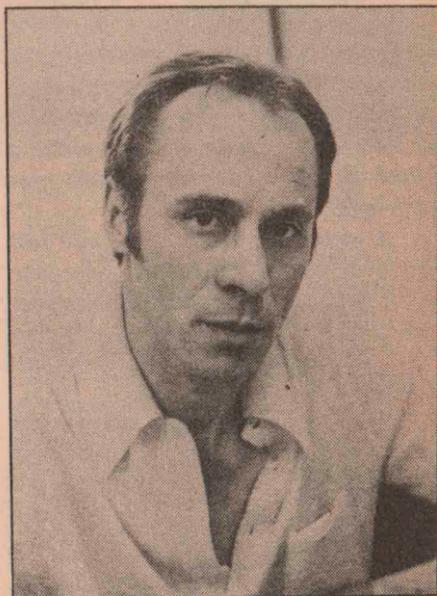
As razões desta crise do leite já são até que bem conhecidas, aparecendo de forma mais clara na redução do consumo não só do leite como também de seus derivados (o queijo, a manteiga, cremes, sorvetes, etc.). De um lado caiu o consumo em cerca de 35 por cento e, do outro, houve um estímulo ao produtor de produzir mais. E bem que se precisava, porque se no Brasil toda população consumisse a quantidade mínima necessária para estar bem nutrida, iria ainda faltar muito leite neste país.

Quem está há um certo tempo lidando com a atividade leiteira não deve ter esquecido que até foi relativamente compensador produzir leite no último ano. É que o Governo, aparentemente preocupado com os gastos de importação do produto, passou a garantir preços mais atrativos para o produtor. Só numa portaria da Sunab, em abril de 1980, eram concedidos dois aumentos, um para o mês de abril e outro para o mês de junho.

MUITOS AUMENTOS

Só que enquanto parecia compensar ao produtor, estes aumentos foram tornando muito caro o leite para o consumidor. Um consumidor, por sinal, já sufocado pelo aumento de 314 por cento no feijão, 390 no arroz e 566 por cento no pão. Sem pensar duas vezes, o consumidor preferiu comprar o feijão, o arroz e o pão do que pagar Cr\$ 43,00 por um litro de leite. O consumo diminuiu enquanto a produção, com a entrada dos meses quentes, continuou a crescer. E o leite começou a sobrar, não por excesso de produção, mas por falta de dinheiro para o povo comprar o leite para sua alimentação. Nem a decisão de baixar o preço para Cr\$ 40,00 conseguiu modificar a situação para melhor.

Se fosse para cada brasileiro consumir os 146 litros de leite por ano que são recomendados como o mínimo necessário pelo INAN (Instituto Nacional de Alimentação e Nutrição) não se teria leite que chegue no Brasil. Só que levando em conta que 70 por cento da população que trabalha no País recebe menos de dois salários mínimos por mês, fica bem claro que a maior parte dos brasileiros só vê leite de longe e o tal do “excedente” nem chega nas mãos dos consumidores.



Ernesto Krug: queijo não foi negócio

O resultado do crescimento da produção interna somado ao problema que apresenta as importações de leite em pó que foram autorizadas pelo Governo é este aí. E como o povo não tem dinheiro para comprar o leite para tomar, e este leite não pode ser estocado assim porque estraga, as indústrias começaram a fabricar queijo e mais queijo. Só que o povo muito menos tem dinheiro para comprar queijo. E o queijo anda ficando estocado em câmaras frigoríficas.

“Fabricar queijo também não foi um bom negócio”, explica Ernesto Krug, o diretor técnico da CCGL (Cooperativa Central Gaúcha de Leite), “pois o produto fica estocado depois de ter sido pago quase de imediato ao produtor”. Só a CCGL manteve, até o final deste inverno, um estoque de cerca de 700 toneladas de queijo.

Diz o Krug que a CCGL também não pensava que a produção de leite reagisse tanto “como reagiu este ano”. O aumento da produção foi de 104 por cento em comparação ao ano passado. A média de recebimento de leite na usina da CCGL em Ijuí no mês de agosto, foi 57 por cento superior à média deste mesmo mês no ano passado; em setembro foi 68 por cento maior e em outubro 125 por cento. Assim, são dois problemas somados: um excedente em função da safra e uma queda no consumo em função da falta de dinheiro.



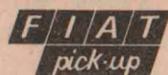
Pick-up Fiat. A maneira mais econômica de levar 500 kg nas costas.

Transportar 500 kg de carga a grande maioria dos utilitários que você conhece transporta. Mas fazer isso gastando pouco, são outros quinhentos. E aí, a Pick-up Fiat está sozinha na parada. Está sozinha porque só a Pick-up Fiat tem mecânica Fiat. E isso quer dizer: economia, desempenho, agilidade no trânsito da cidade e tranquilidade na hora de enfrentar terrenos

irregulares e as estradas difíceis da zona rural. No compartimento de carga, a Pick-up carrega tudo o que você quiser até 1/2 ton. Inclusive objetos longos: a Pick-up Fiat tem porta traseira basculante para facilitar as coisas. O seu moderno motor 1300 cc a álcool ou a gasolina, e o seu tanque com 52 litros de capacidade, garantem muitas idas

e vindas, com muita economia. Por fora a Pick-up Fiat tem o tamanho ideal para o transporte urbano. Ela é fácil de manobrar e é ágil como ela só no trânsito. Por dentro a Pick-up Fiat apresenta várias novidades como os novos bancos, muito mais confortáveis, painel antichoque com instrumentos de fácil leitura e muitas outras novidades. Como você pode ver, além de

carregar 500 kg nas costas, a Pick-up Fiat ainda tem uma vantagem, que só ela tem: ela não pesa no seu bolso. Venha ver a Pick-up Fiat de perto numa Concessionária Fiat.



O pouco que sobra

Com tantos descontos que anda tendo o leite, o que pode sobrar, no final de cada mês, prô bolso do produtor? O Iriné Roberto, do Setor de Pecuária Leiteira da Unidade de Ijuí, é quem andou calculando bem direitinho, tirando todos os descontos, em quanto fica mesmo um litro de leite.

A partir da última portaria da Sunab, o produtor está recebendo

Cr\$ 27,30 por litro de leite-cota, que é o resultado da média dos 85 por cento de leite que vai para a indústria (e que tem um preço de Cr\$ 27,00) com os 15 por cento do leite que vai para consumo (e recebe um preço de Cr\$ 29,00). No final das contas, tirado todos os descontos (Funrural, frete, capital...) o preço do leite-cota fica em Cr\$ 20,26. Pelo litro de leite extra-cota o produtor já anda recebendo des-

de outubro um valor bruto de Cr\$ 20,00, que depois dos descontos fica por volta de Cr\$ 14,30.

Trazendo tudo na ponta do lápis, o Iriné mostra o que um produtor perde de descontos em, por exemplo, 100 litros de leite-cota. De frete-1, o desconto é de 13 por cento, e lá se vão Cr\$ 355,00 (em Ajuricaba o desconto é de 12 por cento); mais Cr\$ 68,25 de Funrural; Cr\$ 81,90 de capitalização e custeio — de cada um é descontado 1,5 por cento — e mais Cr\$ 200,00 de frete-2 — o desconto aqui é de Cr\$ 2,00 por cada litro de leite. Só de descontos já se foram Cr\$ 705,15.

Seendo leite-cota, esses 100 litros terão um valor bruto de Cr\$ 2.730,00. Diminuindo os Cr\$ 705,15 de descontos, sobram Cr\$ 2.024,85, dando um valor líquido por litro de leite de Cr\$ 20,26. O Iriné lembra aqui, que esse valor é válido para aqueles produtores que entregam leite em tarros individuais e com índice de gordura dentro do padrão estabelecido que é de 3,3. Os produtores que entregam leite em tarros coletivos ainda têm mais 1 por cento de aluguel pelo uso do tarro.

Se esses 100 litros de leite fo-

rem considerados extra-cota, o produtor ainda vai receber bem menos por cada litro. Somando os Cr\$ 260,00 de frete-1, Cr\$ 200,00 de frete-2, Cr\$ 60,00 de capitalização custeio e Cr\$ 50,00 de Funrural, se chega a um total de Cr\$ 570,00. Diminuindo este valor dos Cr\$ 2.000,00, que é a receita bruta dos 100 litros de leite, sobram apenas Cr\$ 1.430,00, representando então Cr\$ 14,30 por litro de leite. Também aqui deve se levar em conta o índice de gordura e a utilização dos tarros, se individual ou coletivo.

Com esses preços, aquele produtor que não conseguiu fazer uma boa média no inverno, e que ainda por cima fez investimentos em animais, pastagens, estábulos, dificilmente terá condições de cobrir os custos. O produtor que conseguiu formar uma boa cota e que não depende de nenhum financiamento, poderá trabalhar mais tranquilo. O mais prejudicado em toda a história é aquele produtor que recém está entrando na atividade e que além de receber um preço mais baixo — Cr\$ 20,00 por litro — porque não teve como formar cota, ainda terá que fazer certos investimentos para se programar até o próximo inverno.



O valor líquido de um litro de leite-cota é de Cr\$ 20,26. O leite-excesso é Cr\$ 14,30

Na indústria de Languirú a esperança de uma melhora

Ainda que em fase experimental, já começou a funcionar o Complexo Industrial Languirú, que pertence à Cooperativa Central Gaúcha de Leite. Instalado no município de Estrela, o complexo industrial, que de saída já abriu cerca de 1.000 novos empregos na região do Alto Taquari, destina-se ao beneficiamento e industrialização do leite e seus derivados. Trabalhando por ora apenas no leite em pó — por falta de equipamentos especiais e que dependem de importação — é intenção da Central, tão logo o complexo fique pronto, dar início à produção do leite pasteurizado "Longa Vida", do soro em pó, do doce de leite, de queijos, cremes, sucos de laranja, sorvete e do leite em pó — utilizado na ração de alimentação animal.

Depois de instalados todos os equipamentos e funcionando efetivamente, o complexo terá uma capacidade de produção diária de 80 mil litros de leite empacotado, 4 mil quilos de doce de leite, 16 mil quilos de leite em pó, 15 mil quilos de soro em pó e cerca de 900 quilos de leite em pó. É intenção da CCGL abastecer com o leite pasteurizado toda a região de Porto Alegre e municípios vizinhos, enquanto que o leite em pó absorverá as sobras da safra e abastecerá o mercado regional e nacional bem na época da entressafra. O leite "Lon-

ga Vida" será distribuído por locais de abastecimento considerados irregulares, e os doces ficarão para suprir as deficiências do mercado da região Sul.

INAUGURAÇÃO MARCADA

Mesmo que ainda estejam faltando alguns equipamentos para que comece a funcionar efetivamente, o Complexo Industrial de Languirú deverá ser inaugurado no dia 21 de janeiro próximo. "Até lá", afirma Ernesto Krug, diretor técnico da CCGL, "acredito que todos os problemas estarão resolvidos e o complexo funcionamento a todo o vapor". Muito otimista, Ernesto Krug tem certeza que a Languirú será o pulmão da Central, "para onde será canalizada grande parte da produção leiteira do Estado. Se a Central já não tivesse esse complexo em funcionamento, mesmo que em fase experimental, a situação estaria pior, pois não haveria onde estocar toda a produção que está entrando, principalmente a de leite fluído e que não está tendo consumo".

Partindo para a industrialização de outros produtos derivados do leite, como cremes, sorvetes, leite em pó, e do próprio leite em pó, o complexo Languirú tem intenção de permitir a redução da importação de coisa de 1.500 toneladas de leite em pó, já que terá condições de abastecer uma boa parte do mercado.

Brasileiro, solteiro, vacinado.



As Vacinas Irfa imunizam os rebanhos contra a febre aftosa, garantindo saúde aos animais e maiores lucros ao criador.

É um produto totalmente gaúcho, com a qualidade e eficiência Irfa.

Prestígio o que é nosso.



Vacinas Irfa
Instituto Riograndense
de Febre Aftosa

MERCADO MENOR QUE O PREVISTO

Falta de mercado, em parte para o óleo e principalmente para o farelo, e de preços definidos para a colza, são as justificativas do Diretor da Região Pioneira, Bruno Eisele, para explicar melhor o adiantamento que a Cooperativa liberou pelo produto, liquidado na semana passada ao preço de Cr\$ 1.260,00 o saco de 60 quilos em vez dos Cr\$ 1.600,00 como havia sido prometido. Tudo, como explica Bruno Eisele, é porque a colza ainda é um produto novo, pouco conhecido. "Até certo ponto, é normal que o mercado ainda esteja restrito, pois a colza é uma cultura que recém está se expandindo".

Ao mesmo tempo, Bruno Eisele diz que não entende como o Governo quer que aumente a área de plantio de colza, se nada faz para incentivar a cultura, "haja visto que

nem preço mínimo tem. Se o Governo quer tanto que se plante colza, deveria pelo menos ser mais justo e oferecer toda a cobertura financeira necessária".

UM PREÇO QUE NÃO PODE VIR

Baseada nos custos de produção, a Cotrijuí havia estimado para essa safra, um preço médio em torno de Cr\$ 1.600 mil pelo saco de 60 quilos. O preço, na verdade, não passou de Cr\$ 1.260 mil. "Havíamos estimado esse preço, em torno de Cr\$ 1.600 mil, porque acreditávamos que a colza tivesse esse ano um mercado mais ou menos normal por parte das indústrias do setor privado", explica o Ênio Weber, Coordenador da Comercialização na Região Pioneira. Por outro lado, levando-se em conta que a colza ainda não é bem aceita — condição que

se agrava pelas notícias de que na Espanha o óleo de colza estaria matando gente — o Ênio lembra que a todo o produto novo sempre existe resistência "e tanto é verdade, que as próprias indústrias preferem utilizar o farelo de soja, que já estão acostumadas, do que, pelo menos uma vez, experimentar o farelo de colza".

Do mesmo, é intenção da Cotrijuí, sabendo das dificuldades de colocação do produto no mercado, principalmente no que se refere ao farelo, colocar toda a produção da melhor maneira possível. O Ênio explica:

— Já andamos procurando colocação para a colza até no mercado externo, mas chegamos a conclusão de que o preço não chegaria nem a Cr\$ 1 mil. O Canadá, por exemplo,

seria um de nossos compradores, mas o preço não ajuda em nada, e a solução para o problema está mesmo é no mercado interno.

OUTRA MODALIDADE

Embora estivesse oferecendo, logo no início da safra, um adiantamento de Cr\$ 15,57 pelo quilo de colza, a Cotrijuí encerrou a liquidação da modalidade preço médio para a produção já entregue, ao preço de Cr\$ 21,00 o quilo, ou seja, Cr\$ 1.260,00 pelo saco de 60 quilos. Ao mesmo tempo, abriu uma nova modalidade, a do preço do dia, que até então não existia. "Com a modalidade preço do dia, o produtor pode ficar um pouco mais tranquilo. Mas, mesmo assim, não acreditamos que o preço chegue a Cr\$1.600 mil o saco, como vinha sendo estimado", fala o Ênio.

Esperança por um preço melhor

Um pouco foi a curiosidade, outro pouco foi o preço mais ou menos compensador, que levou o Vilson Luiz Breunig a plantar colza em 3 de seus 25 hectares de terra lá em Irapuá, Miraguaí. A curiosidade do Vilson era mais para ver o rendimento que dava a colza e também porque andava querendo mudar um pouco, fazer rotação de culturas, para não deixar sempre a mesma palha na terra. Plantou a lavoura por conta e colheu 59 sacos, que considera uma boa média, se comparada com outras produções. Não foi melhor por causa de um ataque violento de lagartas. Ele só não enterrou tudo, porque reparou que o estrago, no final das contas, não tinha sido dos maiores.

Também o preço, por volta de Cr\$ 1.600 mil, andou colaborando para que o Vilson se tocasse a plantar colza. Ele contava, antes de saber da liquidação do produto, que acabou alcançando Cr\$ 1.260,00.

— Uns falavam em Cr\$ 1.600 mil o saco e outros em Cr\$ 2.600 mil. Até agora só deu Cr\$ 945,00 de adiantamento, o que assim, de arrancada, é muito pouco. Plantei com a idéia que desse pelo menos uns Cr\$ 1.600 mil, que tava bom, mas até agora não sabemos o que vai vir de resto.

O melhor de tudo, segundo o Vilson, é de que o preço fosse o prometido de começo e que ainda viesse à vista. Calcula também que o preço da colza ficou assim ruim, por causa das notícias que saíram pelas rádios, dizendo que o azeite de colza estava matando gente lá

pela Espanha. Ele pede um preço do dia:

— Este negócio da cooperativa fazer preço médio está muito errado, que nós vendemos a nossa produção à prestação. A colza tinha que ter um preço do dia, para a gente calcular o que dá no final das contas.

COLHER O DOBRO

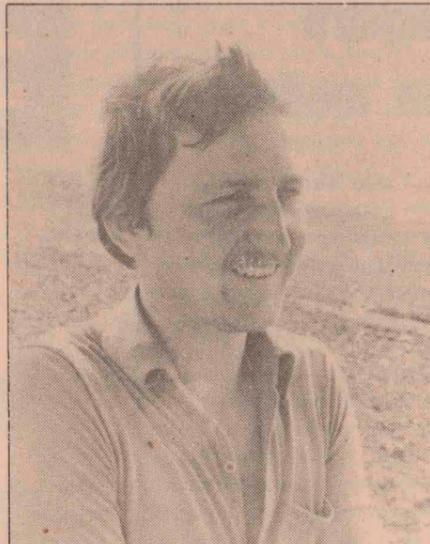
Para poder pagar o financiamento dos 20 hectares, que plantou em sociedade com o sogro, o Agenor Antonio Savariz, de Inhacorá, Catuípe, teria que colher mais que o dobro da sua produção. Plantou incentivado pelo pessoal da Emater e não foi nada bem:

— Os técnicos falaram que era uma coisa muito boa, então fui na cooperativa e peguei a semente. Só consegui tirar 80 sacos dos 20 hectares, que nem que valesse Cr\$ 2.000 mil o saco, daria para cobrir o financiamento que foi de Cr\$ 195 mil.

Tão mal foi o Agenor, que tratou logo de saída, de pedir Proagro. Acredita que não foi muito bem porque plantou no cedo, em 4 de maio. Se tivesse plantado primeiro o trigo e depois a colza, tem certeza de que era capaz de ter acertado.

Além de ter ido louco de mal com a colza, Agenor não gostou do adiantamento que a cooperativa andou dando, de Cr\$ 15,57 pelo quilo. Ele é de opinião de que a colza tenha o mesmo valor da soja.

— Não gostei mais ainda do preço da cooperativa, quando andei sabendo que uns vizinhos entregaram para uma outra firma, a Ol-



Vilson Breunig: preço à vista

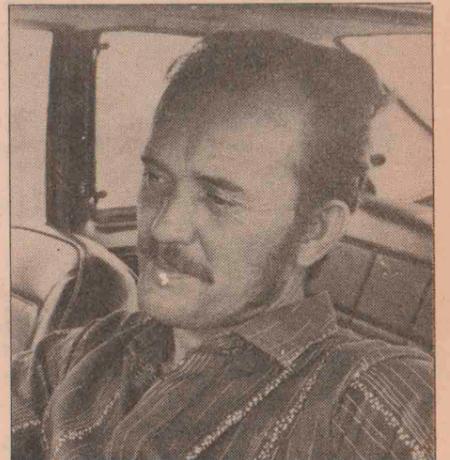
vibra, e receberam Cr\$ 20,00 por quilo de adiantamento. A colza tem que valer a mesma coisa que a soja. Tinha que ser um preço comparado.

NÃO COBRIU FINANCIAMENTO

Para poder tapar o valor do financiamento, o seu José Anesi, de Rosário, Augusto Pestana, diz que o preço tinha que melhorar bastante, e além disso, a colza é uma cultura muito perigosa, que nem sempre dá bem. Diz ele:

— Se a cooperativa pagasse Cr\$ 1.600 mil, que andava prometendo, ainda dava prá gente se sair bem do financiamento.

Proprietário de 110 hectares, o seu José reservou 10 para a colza, de onde tirou 5.170 quilos, "mas foram classificados só 4.200, o resto foi de descontos". Não colheu melhor porque a chuva não ajudou.



Agenor Savariz: mesmo valor da soja



José Anesi: não deu para pagar o financiamento

De adiantamento, recebeu Cr\$ 72 mil pela produção que entregou enquanto que o financiamento ficou por volta de Cr\$ 86 mil. Por um preço assim tão baixo, não sabe se volta a lidar com a colza.

— Apesar dos técnicos dizerem que a colza endireita demais a terra, ainda estou pensando se volto a plantar. Primeiro quero ver se vem mais algum dinheiro para pegar o resto do financiamento.



Quem não deixou a lavoura sem planta, no último inverno, não deve estar arrependido. O trigo rendeu o que não havia rendido nos últimos anos e as outras alternativas começaram a se firmar como opções realmente válidas para uma região onde a monocultura imperou por tantos anos. O tempo ajudou, e a própria redução nas áreas de plantio contribuiu para que a lavoura fosse melhor cuidada. Num balanço da safra de inverno, a aveia, a cevada, a linhaça, o tremoço apresentam resultados com mais pontos positivos do que negativos, e vão conquistando, junto com outras culturas, e com bastante cautela, espaços cada vez maiores, numa lavoura em que praticamente só a triticultura mandou por duas décadas seguidas.

AS CULTURAS NO TESTE DO INVERNO

A regular safra do último inverno mostra seus resultados a partir da própria produção alcançada pelo trigo. Esta lavoura, que em 1979, com 238 mil hectares na Região Pioneira, havia conseguido um rendimento médio de apenas 311 quilos por hectare, no ano passado havia sido reduzida para 177 mil hectares, quando a produtividade foi de 469 quilos. Este ano, a redução foi maior ainda, em termos de área, para 90.400 hectares, mas o rendimento médio saltou perto de 1.200 quilos.

TRIGO: ÁREA MENOR E BEM MAIS CUIDADA

A principal explicação para tão boa produtividade é encontrada no clima seco que caracterizou o inverno. Entre maio e agosto o Estado teve chuvas com médias bem abaixo das precipitações dos últimos anos, e somente em abril e junho choveu com mais intensidade. Setembro e outubro também foram meses secos, e isso favoreceu ainda mais a lavoura. Mas o diretor técnico da Cotrijuí, Renato Borges de Medeiros, afirma que o clima não pode ser apontado como único fator responsável pela boa safra.

Ele lembra que a maioria dos produtores escolheu as melhores áreas para o trigo, em função da lavoura ter sido reduzida. Também por causa da diminuição nas áreas de plantio, o trigo foi semeado mais no tarde, ali pela segunda quinzena

de maio e início de junho. Com isso, a cultura é beneficiada, porque escapa dos maiores problemas, que acontecem no período crítico da formação de grãos, e quando o excesso de umidade pode prejudicar.

O agrônomo Mário Lagos, professor na Universidade Federal de Santa Maria e estudioso da triticultura, vem assessorando a Cotrijuí nessa área, e resalta que esse aspecto, da lavoura plantada mais tarde, é importante. Ele acha que com a redução nas áreas de plantio, o produtor não se vê obrigado a ter pressa para desocupar a lavoura e preparar a terra para a soja. Assim, as variedades do ciclo médio, como a Jacuí, CNT-10 e CNT-9, são as ideais para o Rio Grande do Sul. O agricultor plantaria em fins de maio, para colher no início de novembro.

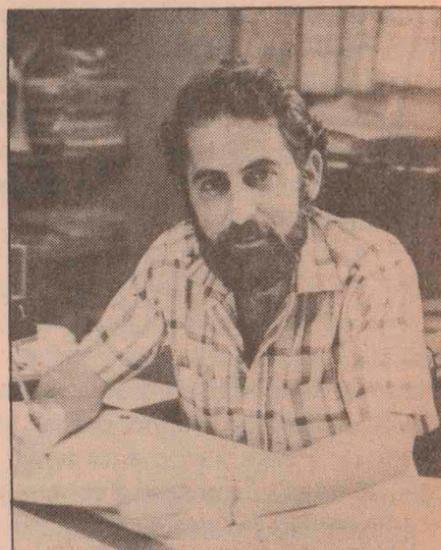
Mário Lagos lembra ainda que, nesse caso, o plantio direto da soja se encaixa bem. Com uma lavoura menor, o produtor pode inclusive melhorar os cuidados com a cultura, preparar mais a terra, controlar pragas e doenças, e alcançar, é claro, bons rendimentos. Com esses cuidados, o diretor técnico da Cotrijuí acha que, aos poucos, a lavoura de trigo pode inclusive voltar a crescer em extensão. Renato lembra, no entanto, que a partir de agora a cultura estará incorporada ao processo de diversificação, e por isso deve ser vista como uma importante alternativa, entre outras tantas.

AVEIA: MERCADO É CADA VEZ MELHOR

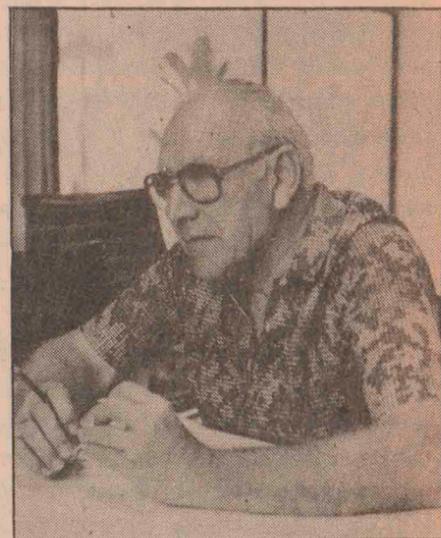
A aveia teve uma área de 10.340 hectares, na Região Pioneira, e foi igualmente beneficiada pelo clima seco, que favorece a produção de grãos. A umidade só interessa para quem planta para formar massa, para pastagem. A área de aveia apenas para forrageira atingiu 6.157 hectares no último inverno. A produtividade dos 10.340 hectares para grãos teve uma média de 1.250 quilos.

A Cotrijuí espera contar, dentro de pouco tempo, com variedades mais resistentes à ferrugem, que estão sendo pesquisadas pelo setor de Plantas de Lavoura, da Faculdade de Agronomia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. São variedades com ciclo mais curto, e que talvez consigam rendimentos superiores a 1.500 quilos por hectare, beneficiando quem pretende plantar para colher grãos. Mas ainda não se sabe quando essas variedades estarão prontas para serem distribuídas aos produtores.

Renato Borges de Medeiros recorda que a aveia surgiu como opção de duplo propósito, ou seja, para servir como pastagem e para a produção de grãos. Aos poucos, a planta vai tendo sua qualidade aprimorada, e conquista fatias do mercado, tanto para semente como para comércio. É uma cultura importante, nos planos de diversificação, não só por obter resultados econô-



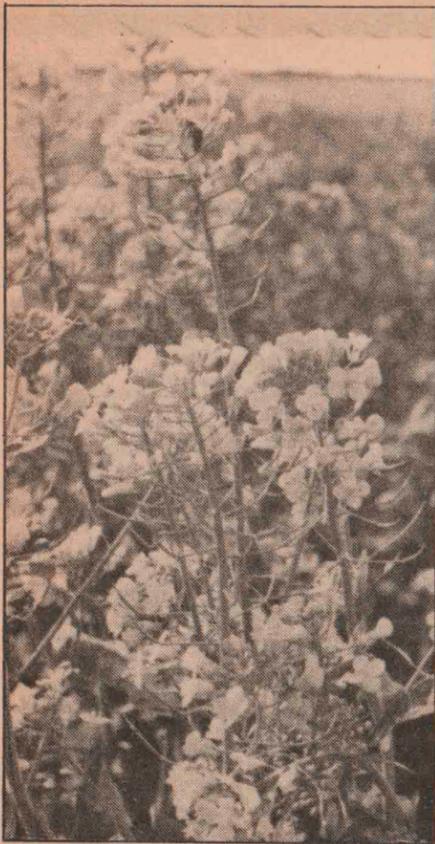
Renato: muitos fatores ajudaram a lavoura



Lagos: recomendando trigo de ciclo médio

micos satisfatórios, mas também por ajudar na recuperação do solo, com suas raízes que alcançam boa profundidade.

Cícero de Oliveira Júnior, coordenador da área de sementes na Cotrijuí, diz que o mercado para a aveia é mesmo promissor. Só a aveia preta, mais destinada à pastagem, é que vai saindo dos planos de quem se dispõe a produzir grãos, pois o comércio é meio fraco. Este ano, as aveias branca e amarela, para comércio, receberam, de acordo com a classificação, adiantamentos de Cr\$ 22,07; Cr\$ 21,06; Cr\$ 20,05 e



Colza não teve bom rendimento

Cr\$ 19,04 por quilo. A aveia desclassificada recebeu Cr\$ 10,00. Não é possível se prever se, além do adiantamento, haverá acréscimo até a liquidação, pois tudo depende da comercialização.

A aveia para semente, da branca e da amarela, recebeu Cr\$ 21,00 como adiantamento; e a preta, Cr\$ 20,00. Os produtores de sementes deverão receber bonificação, após a comercialização, mesmo porque o mercado é bom inclusive no comércio. A Cotrijuí começou a competir no comércio no ano passado, destinando a produção para consumo de animais, e este ano já começa a vender aveia para consumo humano, em função da boa qualidade dos grãos. Mantendo regularidade na produção, para atender a procura, Cícero acha que a aveia nunca deixará de ter compradores.

CEVADA: CLIMA TAMBÉM FAVORECEU

A cevada teve uma área de 5.100 hectares, e o rendimento médio ficou por volta de 1.450 quilos, também porque o clima ajudou. Ao contrário da aveia, a cevada não é cultura recomendada para rotação com o trigo, porque sofre o ataque das mesmas doenças. Por isso, é uma planta de alto risco, e não está entre as consideradas mais importantes na diversificação. Esses riscos talvez não compensem quem venha a investir nessa planta em função do mercado meio favorável, pois o Brasil importa cevada.

Segundo Enio Weber, coordenador de comercialização da Cooperativa, a cevada recebeu um adiantamento de Cr\$ 1.200,00 pela saca de 60 quilos, e a liquidação deverá acontecer até o final de dezembro. O preço final a ser pago ao produtor dependerá do padrão que as



Qualidade do alho vem melhorando, e assim o produto conquista mercado

maltarias irão determinar. Mas o produto é considerado de boa qualidade e poderá conseguir de Cr\$ 28,00 a Cr\$ 29,00 por quilo.

COLZA: A PROCURA DE MELHOR MERCADO

A colza teve um rendimento baixo este ano, e também ficou com um preço aquém do que estava sendo previsto. A seca prejudicou, no início da germinação, e houve problema também no início da floração. Só as lavouras com boa fertilidade é que se recuperaram bem, quando voltou a chover, pois a colza é uma cultura exigente. Renato e o agrônomo Volnei Viau, que vem coordenando os trabalhos nessa área, entendem que a planta não será imposta como alternativa, mas crescerá, isto sim, de acordo com a importância que for constatada pelo próprio agricultor.

Os rendimentos foram bem variados, de 500 a mil quilos, nos 4.250 hectares plantados este ano, mas aos poucos, com a busca de novas variedades, a produtividade poderá melhorar, para que a colza tenha condições de competir com outras opções de inverno. Volnei lembra que um dos aspectos negativos da cultura, mais lembrados pelo produtor, que é a debulha, só será amenizado com os progressos que forem conseguidos, ano a ano. A debulha — diz ele — deve ser levada em conta como problema que existe em função de todo o desenvolvimento da planta, até a colheita.

A comercialização da colza a preço médio já foi encerrada, a nível de produtor, e a saca de 60 quilos ficou em Cr\$ 1.260,00. No dia 4 de dezembro, a Cotrijuí também adotou para esse produto o preço do dia, que poderá ser escolhido pelos que não tiverem ainda entregue a safra. Até o dia 8, o preço do dia havia permanecido em Cr\$ 1.260,00, e os valores não deverão oscilar muito, segundo Enio Weber. Ele lembra que o produto, ainda não chegou a conquistar um mercado interno, mas entende que isso acontecerá de ano a ano.

LINHAÇA: PREÇOS CONTINUAM ESTÁVEIS

A linhaça teve uma área de 4.908 hectares, e ficou com um rendimento médio de 900 quilos. É uma cultura com poucos riscos técnicos, mas que tem um ciclo longo, com plantio em fins de junho e colheita em fins de novembro. O plantio no cedo pode favorecer o surgimento da septória, que é a doença que mais ataca a linhaça, mas nos últimos anos a lavoura não tem apresentado problemas. É uma planta recomendada para rotação com trigo, aveia e cevada.

A comercialização está sendo feita pelo preço médio e preço do dia. O adiantamento pelo preço médio foi de Cr\$ 20,00 por quilo, e o preço do dia, adotado na segunda quinzena de novembro, andava em Cr\$ 1.500,00 no dia 8 de dezembro. A liquidação talvez aconteça em março, e é difícil de se prever o preço final. O mercado para a linhaça é estável, sem muitas oscilações, e continua com boas perspectivas.

TREMOÇO: MENOS PRODUÇÃO DE SEMENTE

O tremoço começa a ficar desinteressante, para quem ainda pensa em produzir sementes para comercializar. A área de plantio ficou em 15 mil hectares, sendo que 700 destes foram destinados exclusivamente à produção de grãos, e o resto para adubação verde. O rendimento ficou em torno de uns 700 quilos por hectare, por causa da estiagem. O departamento técnico alerta mais uma vez que o tremoço não é aconselhável para rotação com soja, por causa das doenças que atacam as duas culturas. O bom seria roçar a lavoura em agosto, e semear milho com plantio direto na mesma área.

O mercado, para quem produz semente, ficou inflacionado, segundo Cícero de Oliveira Júnior, porque essa é uma cultura que oferece facilidades para ser produzida. Muita gente plantou e ficou com semente própria, para aproveitamento depois em áreas que servirão de

adubação. Por isso, as áreas para produção de grãos não devem aumentar. Mas surge uma alternativa, o tremoço doce, que se presta para alimentação humana. Por enquanto, as sementes dessa variedade não estão sendo distribuídas.

O adiantamento, para o tremoço dessa safra, ficou em Cr\$ 20,00 por quilo, e é pouco provável que ainda seja concedida uma bonificação, por causa do excesso de oferta no mercado e da inexistência de compradores no comércio. O tremoço não tem utilidade para a indústria, e até o momento faz parte dos planos de diversificação como planta recuperadora do solo.

CENTEIO: ÁREA CONTINUA PEQUENA

O centeio continua com lavoura inexpressiva. Teve uma área plantada de 493 hectares, na Região Pioneira e não há tendência de aumento da lavoura. Cícero diz que o mercado é relativamente bom, para quem produz semente, mas ainda não ganhou importância no comércio, mesmo porque a produção na região é muito pequena para que se tente atrair a procura dos compradores.

Este ano, o centeio também teve problemas com a falta de chuvas, e por causa da reduzida área plantada ainda não há base do rendimento médio. O adiantamento foi de Cr\$ 21,00 por quilo, e a previsão é de que até julho a comercialização estará encerrada. Só aí é que se ficará sabendo se, na hora da liquidação, haverá bonificação. As sementes são vendidas principalmente para os mercados do Rio Grande do Sul e do Paraná.

ALHO: O PREÇO PODE ATÉ DOBRAR

O alho deve alcançar um rendimento médio de 2.200 quilos, segundo estimativas do departamento de Estudos Econômicos da Cotrijuí, e a produção a ser entregue talvez fique ao redor de umas 230 toneladas. A lavoura foi igualmente um pouco atingida pela estiagem, especialmente em setembro, pegando as variedades do cedo. O alho do tarde, como o Portela, conseguiu melhor produtividade, conforme Nelcy Baroni, do setor de comercialização de hortigranjeiros.

Os adiantamentos foram de Cr\$ 105,00 para o alho graúdo; Cr\$ 70,00 para o médio; e Cr\$ 45,00 para o alho-indústria. Baroni destaca que esses valores dobraram os pagos no ano passado, e as perspectivas para comercialização são favoráveis. As vendas deverão estar fechadas ali pelo início do próximo ano, e há previsões de que, quando da liquidação, o produtor talvez até receba o dobro do que já foi pago como adiantamento.

Diversificar contou pontos

Os resultados imediatos da diversificação, considerando-se principalmente os preços pagos, podem não ser ainda muito bons, mas isso parece que não preocupa quem investiu nas alternativas de inverno. É o caso do seu João Hélio Tissotti, de Rosário, Augusto Pestana. Pela terceira vez este ano, ele deixou de plantar apenas o trigo, em seus 75 hectares, e está satisfeito com os resultados que vem conseguindo.

A propriedade do seu João Tissotti teve 40 hectares de trigo, 13 de aveia, 10 de tremoço, 10 de linhaça e cinco de cevada. O trigo rendeu umas 30 sacas por hectare, e essa boa produtividade pode ser explicada no fato de que ele escolheu a melhor área, nas partes altas, e onde antes havia cultivado tremoço e linhaça. Ano que vem, mesmo que o preço mínimo e o VBC sejam mais ou menos parecidos com os deste ano, ele volta a plantar a mesma área. E garante que não vai aumentar a lavoura de trigo, caso o governo decida voltar a incentivar essa cultura.

A aveia rendeu uns dois mil quilos por hectare, apesar da lagarta ter provocado uma quebra. Os Cr\$ 22,00 por quilo, pagos de adiantamento, foram considerados razoáveis por seu João. Ele ainda espera mais uns Cr\$ 200,00 por saca, de bonificação para a semente. No próximo ano, volta a plantar os mesmos 13 hectares de aveia, pela terceira vez. Também a linhaça, que foi plantada igualmente pela segunda vez este ano, terá a mesma área em 82. Seu João diz que a linhaça lhe deu lucro nas duas safras, mas aconselha que "o pessoal deve ir com calma, pois os custos são meio altos". Este ano a linhaça deu uns 25 sacos de rendimento.

SEM PREJUÍZOS

O tremoço teve a terceira safra, com parte para semente e parte para adubação verde. Seu João sabe que já não vale a pena plantar para semente, pois há muita oferta de tremoço. Ano que vem ele plantará um pedaço só para enterrar, pois notou que na área onde cultivou trigo este ano, e onde no ano passado havia tremoço, chegou a dar rendimento de 35 sacos por hectare. O rendimento do tremoço foi de uns 35 sacos. Seu João anda interessado no tal tremoço doce, e se conseguir semente irá experimentar a planta em 82. Também a linhaça, que rendeu 30 sacos por hectare, terá a mesma área da primeira safra deste, mesmo que ele considere o mercado "um pouco duvidoso".

Seu João garante que nunca teve prejuízo com as alternativas de inverno, até agora, e vai continuar com as mesmas lavouras "para não dar en-

trevero". O trigo pegará o maior pedaço, porque é produto que "o Rio Grande do Sul ainda vai produzir muito", em função da rotação e das pesquisas, que talvez descubram variedades mais resistentes. "Com o tempo - diz ele - isso será possível".

VOLTA AO TRIGO

O seu Manoel Antonio Conceição, de Vila Jóia, Tupanciretã, colheu este ano sua segunda safra diversificada. Vinha plantando 40 a 50 hectares de trigo, nos últimos anos, mas por causa do mal-do-pé e do mosaico deu uma parada. Cultivou 10 hectares de tremoço, 10 de colza e 10 de aveia, além de outros quatro hectares de aveia para pastagem. Acha que vai dar uma parada com a colza, em 82, e plantar, além do tremoço e da aveia, um pouco de cevada, linhaça e trigo, nos 64 hectares de sua propriedade.

A colza rendeu de 13 a 14 sacas por hectare, apesar de ter sido plantada numa área bem fértil, segundo seu Manoel, pois o tempo não ajudou. Ele achava, ali pelo início de dezembro, que os Cr\$ 16,00 por quilo, recebidos como adiantamento, não estavam compensando. E, além disso, considera muito arriscada a colheita dessa planta, que vem debulhando.

VAI MELHORAR

O tremoço foi plantado por conta, e por isso o pouco que ele receber pela semente irá compensar, pois o rendi-

mento foi bom, com uns 1.500 a 1.800 quilos. Ano que vem, seu Manoel vai plantar talvez só para enterrar, por causa do excesso de oferta. A aveia deu "uns 15 mil quilos brutos", e o adiantamento de Cr\$ 22,00 pelo quilo foi considerado "mais ou menos bom". Seu Manoel acha que essa cultura dá resultados, mesmo que venha a sobrar semente, pois ele acredita que exista comércio. É possível até que ele plante mais aveia no ano que vem, porque a planta também é meio barata.

Seu Manoel pretende destinar uns 25 hectares para o trigo em 82, e retorna a esta lavoura porque entende que a diversificação vai melhorar a planta. Lembrando que tudo depende muito da safra de soja, ele já vai planejando plantar tremoço, aveia para grão e pastagem pras vacas de leite, linhaça, trigo e cevada. O produtor está entre os que entendem que é preciso ir testando as plantas, trocando uma pela outra, até se descobrir as que são mais apropriadas para cada lavoura e que rendem mais, em termos econômicos.

CUIDAR A TERRA

A persistência do agricultor na diversificação tem outro defensor, que é o seu Victor Gomes de Oliveira, de Santo Augusto. Ele acha que o produtor tem que acreditar na diversificação, não pensando só na lavoura. Seu Victor tem 150 hectares em Esquina Pompílio



Manoel: testar aos poucos



Victor: cuidando do solo

Silva e em Coroados, e vinha investindo mais no gado de leite, há dois anos, quando começou na atividade com duas vacas. Hoje, ele produz 300 litros de leite por dia, e é por causa da criação que vem cuidando da terra, com bastante pastagem.

Este ano, plantou colza pela primeira vez, em cinco hectares, e o rendimento foi de uns 18 sacos. "É uma cultura boa, mas muito melindrosa", diz o seu Victor. Ele explica, no entanto, que plantou a colza na área mais pobre. Só que não está decidido a testar a cultura em terra forte, ano que vem, principalmente por causa do preço, pois acha que os Cr\$ 1.260,00 pagos pela saca não compensam muito. Em 82, vai dar uma parada com a colza, se o preço não melhorar, e talvez volte a plantar anos depois.

A aveia também foi plantada pela primeira vez para dar grão, em 15 hectares cultivados por conta. Só que ele acha que se passou no pastoreio e judiou da planta, por falta de pasto. A produtividade deve ter ficado nuns 1.500 quilos, e ele ficou com a semente para replantar em 82 para pastagem. Este ano, seu Victor também cultivou cinco hectares de centeio, pensando no grão, mas pela falta de pasto fez só pastoreio.

A lavoura de inverno foi complementada com 100 hectares de trigo, que é a área que ele vem plantando nos últimos anos. "Colhi uns 22 sacos, e esse rendimento eu só tive mesmo em 77", lembra o agricultor. Em 82, ele volta a plantar a mesma área, e vai ocupar o resto só com pasto. Assim, seu Victor acha que vai investindo no que mais lhe interessa, que é a criação de gado de leite, e ao mesmo tempo cuida da terra.

SINDICATO DOS TRABALHADORES RURAIS DE SANTO AUGUSTO

EDITAL DE CONVOCAÇÃO

O PRESIDENTE DO SINDICATO DOS TRABALHADORES RURAIS DE SANTO AUGUSTO RS, CONVOCA os senhores associados deste Sindicato em pleno gozo de seus direitos sindicais para a ASSEMBLÉIA GERAL EXTRAORDINÁRIA a se realizar no próximo dia 17/12/81, às 13,00 horas em primeira convocação com 50% mais um dos associados presentes em condições de votar, ou em segunda convocação uma (1) hora após com qualquer número de associados presentes, a qual será realizada no Salão Paroquial da comunidade Católica desta cidade de Santo Augusto, RS.

ORDEM DO DIA

- A) Fixação aumento de mensalidades;
- B) Homologação da Demissão de Funcionário;
- C) Assuntos Gerais;

OBS: De acordo com o Estatuto Social artigo 10º - os associados estão sujeitos as penalidades de suspensão e de eliminação do quadro social.

§ 1º - Serão suspensos os direitos dos associados;

A - Quando não comparecer a 3 (três) assembleias gerais consecutivas sem justa causa.

Só poderão votar os associados quites com a tesouraria e a apuração será por escrutínio secreto.

Santo Augusto, 07 de dezembro de 1981
VALCIR LUIZ GONZATTO
Presidente S.T.R. - Santo Augusto - RS

AMARELÃO!



Observe a sua soja atentamente. Ela pode estar com amarelão pelo uso de um herbicida pouco seletivo. Agora compare-a com aquele talhão onde você usou DUAL. Você poderá notar a diferença. Onde passou DUAL a soja cresce forte e bonita, as folhas de cor verde escuro, a produção abundante. É que DUAL é o herbicida de superfície realmente seletivo para soja, mesmo usado no dobro de sua dosagem. Da próxima vez, pense em segurança, use DUAL na área toda.

Dual, a opção que faltou ao Agricultor Brasileiro nos últimos 10 anos.

CIBA-GEIGY
DIV. AGRICULTURA
Dual, o herbicida para soja.



UM PREÇO MÉDIO BEM VARIADO

Difícilmente dois associados da Cotrijuí tiveram o mesmo valor de preço médio para a soja depois da liquidação do produto nos primeiros dias de novembro. O valor fixado foi de Cr\$ 1.110,00, mas sofreu uma variação para mais de acordo com a data e quantia de adiantamento retirada por cada associado durante as épocas de liberação deste dinheiro. Isto porque nesta safra de 80/81, a cooperativa fez uma pequena mudança no sistema de liquidação. Uma mudança, por sinal, que não vale apenas para a soja, mas também para os outros produtos comercializados na modalidade preço médio (como milho, sorgo, linhaça, etc).

Pela nova mecânica, os associados que não retiraram adiantamento, ou mesmo que retiraram uma pequena parcela do valor creditado em sua conta-corrente, tiveram uma bonificação que acabou representando um aumento no valor do preço médio. Este aumento, nos cálculos de Ênio Weber, coordenador de comercialização da Região Pioneira, chegou até Cr\$ 325,00 por saco de soja, o que vai representar um preço médio final de Cr\$ 1.435,00.

“Esta medida”, como explica o diretor para a Região Pioneira, Bruno Eisele, “foi tomada com a intenção de estimular o produtor a não retirar o adiantamento, para economizar esta parcela”. Mas é o diretor administrativo e financeiro da Cotrijuí, Oswaldo Olmiro Meotti, quem esclarece direitinho como funcionou o sistema este ano para a soja, comparando ainda com a mecânica anterior:

— Até o ano passado a Cooperativa liberava um adiantamento, e sobre este valor, o produtor pagava um juro que era proporcional à quantia do adiantamento e período de retirada. A taxa deste juro era proporcional à média do custo de captação de dinheiro para a cooperativa.

CRÉDITO NA CONTA

É que para liberar o adiantamento, a Cooperativa, por não ter capital de giro (dinheiro em caixa) suficiente para atender todas as retiradas, se via forçada a buscar este dinheiro nos bancos, pagando juro por ele. Assim, na hora de formar o preço médio final, a cooperativa somava o valor das despesas que teve para comercializar o produto e não considerava este juro, que era descontado diretamente do produtor que havia retirado adiantamento. Diz o Meotti:

— Este ano, com a introdução do novo sistema, os custos financeiros que existiram para pagar o banco, e que seriam cobrados do produtor, foram le-

dos como crédito para sua conta-corrente, como bonificação do produto pela não retirada do adiantamento.

Para deixar mais claro, ele exemplifica com o caso de um produtor que entregou uma carga no dia 30 de abril e retirou todo seu adiantamento no mesmo dia. Seu preço médio final, como o valor do adiantamento não chegou a permanecer na sua conta nem por um dia, foi de exatamente Cr\$ 1.110,00. Agora, se ele não tivesse retirado o adiantamento, teria recebido os mesmos Cr\$ 1.110,00 acrescidos de um valor médio de Cr\$. 280,00 pela economia de custos financeiros, já que no seu caso estes custos não foram desembolsados pela Cooperativa. Conta o Meotti:

— De acordo com a data de entrega e data de retirada ou não de adiantamento, os associados tiveram uma bonificação proporcional. Esta bonificação cada um poderá verificar no seu extrato de conta-corrente.

Ao valor de Cr\$. . . 1.110,00 a cooperativa chegou somando as receitas que obteve com a comercialização deste produto e deduzindo os custos de impostos, frete, administração e a própria bonificação creditada na conta-corrente do produtor. Na média, o valor do preço médio na verdade chegou a um pouco mais de Cr\$. . . 1.240,00, como explica o diretor regional Bruno Eisele.

EXPERIÊNCIA

Este sistema que introduziu a bonificação, salienta Oswaldo Meotti, “é uma experiência inovadora, cuja eficiência ainda está em estudo. Estamos esperando tão somente concluir a liquidação para iniciarmos um trabalho de avaliação deste sistema. Vamos analisar como ele se comportou, para então definirmos sua continuidade, alteração ou até eliminação, voltando, se for o caso, à forma que vinhamos adotando até a safra de 79/80”.

Muitos inseticidas protegem sua soja de algumas pragas.

Só Nuvacron protege contra todas!

Nuvacron extermina todos os percevejos, a lagarta da soja, a plusia, a broca das axilas, todas de uma só vez!

Nuvacron é também indicado para controlar os pulgões e lagartas do trigo.

CIBA-GEIGY

Antes de aplicar qualquer inseticida leia com atenção as recomendações do rótulo.



Nuvacron: defesa total da soja.

Cada um com suas razões

O valor de Cr\$ 1.110,00 pago pela Cotrijuí, para a soja comercializada na modalidade Preço Médio é realmente baixo? Pois esta discussão foi tomando conta de muita conversa em volta de canchas de bocha, nas portas das capelas, nas reuniões dos agricultores por este interior afora. E junto com a discussão sobre o valor, anunciado quando foi feita a liquidação da safra passada, também entrou em avaliação o novo sistema de remuneração do preço médio, que foi mais alto para os associados que não tiraram adiantamento na Cooperativa.

Edgar Aloys Kuntzler, de Bela Vista (Três Passos), entregou na unidade de Tenente Portela em Preço Médio 228 sacos de uma colheita de 500 e poucos sacos. Ele conta que achou um pouquinho complicado entender como esta história de bonificação na conta-corrente para quem não pegasse adiantamento poderia representar um preço médio mais alto. Mas depois até que achou certo este novo sistema de liquidação. Seu Edgar comenta:

— Eu peguei o adiantamento, mas não bem na



Edgar Kuntzler: negócio complicado



João Escobar: melhor assim

hora em que ele foi dado pela Cooperativa. Peguei uns dois meses depois. No preço médio eu esperava um pouco mais, pelo menos prá lá de Cr\$ 1.200,00

O restante de sua produção seu Edgar vendeu no preço futuro, pegando Cr\$ 1.085,00 pelo saco. A comercialização, para ele, tem se mostrado um negócio um tanto cheio de mistérios:

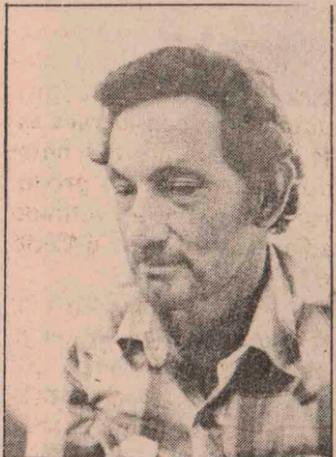
— O negócio é complicado. Até nem sei se era melhor liquidar como antes, pagando juro pelo adiantamento, ou como agora, deixando o dinheiro prá esperar bonificação.

Cr\$ 300,00 A MAIS

“Se o dinheiro saiu de algum lugar para se ter o adiantamento, entendemos perfeitamente que se pague a diferença, porque este dinheiro não era nosso”. Quem faz o comentário é João de Deus Paula Escobar, administrador da granja de Erasmo Chiapetta, em Chiapetta. Ele lembra que entregaram 12.300 sacos em preço médio, retirando todo o adiantamento a que tinham direito, aproveitando este dinheiro para comprar bois:

— Com este negócio lucrarmos pelo menos mais Cr\$ 300,00 por saco. O resto da produção, que no total era de 34.350 sacos, nós comercializamos tudo a preço do dia, e o valor mais alto que pegamos foi só de 1.090,00 por saco. Por isto que o Chiapetta também achou melhor assim, pois com o adiantamento fizemos bons negócios.

Já o seu Orlando Antunes, de São Luiz (Santo Augusto) acha que esta nova mecânica de liquidação, apesar de bastante explicada, não foi entendida por



Orlando Antunes: prá mim foi bom

todo mundo. Então, alguns gostaram e outros não gostaram do preço anunciado. No seu caso, ele achou vantagem ter entregue 100 dos 300 sacos que colheu em preço médio:

— Peguei todo adiantamento e me deu Cr\$. . . 1.110,00 justo de preço médio. O resto eu tinha faturado a Cr\$ 1.010,00, que deixei de botar a preço futuro de Cr\$ 1.210,00. O adiantamento eu apliquei e me rendeu mais, então prá mim não achei ruim o preço médio. Agora, quem pegou, se empregou mal, jogou pif, jogou bocha, aí é outra coisa.

APARECER PREÇO ALTO

Harri Reisdorfer, de Arroio Bonito, em Augusto Pestana, sabe que nem todo mundo se agradou do preço médio de liquidação da soja. Mas, para ele, “quem tem mania de reclamar reclama sempre. O preço médio, para mim, ficou acima do que consegui no preço do dia”.

Ele colheu quase 3 mil sacos de soja e colocou exatamente 393 na modalidade preço médio. De bonificação recebeu ainda Cr\$ 23,00 por saco, o que completou um valor de Cr\$ 1.133,00:

— Se eu não tivesse colocado no preço médio, teria que ter vendido logo no início da comercialização, quando estava a Cr\$ 1.030,00, e assim poder pagar umas contas. Então, preferi pegar o adiantamento. O mais alto preço do dia que peguei foi de Cr\$ 1.200,00, mas a minha média ficou abaixo de Cr\$ 1.100,00.

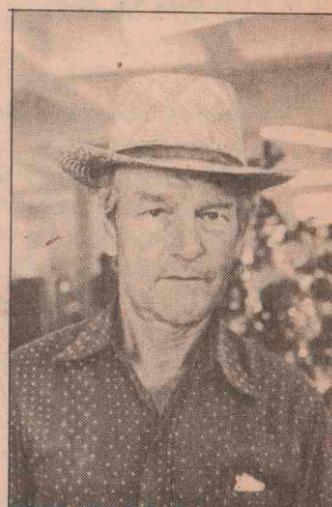
Sobre a mudança no sistema de liquidação, ele acha que “ficou uma pela outra. Seria melhor aparecer um preço médio mais alto, com o desconto do juro pelo adiantamento, que muitos querem ver o preço lá em cima, mesmo que depois desconte o juro”.

APLICAR O ADIANTAMENTO

Reinhard Maron, da Linha 26, Ajuricaba, bem que pensava num preço médio mais alto do que os Cr\$ 1.110,00 a que teve direito por ter retirado todo adiantamento. Na sua



Harri Reisdorfer: ver o preço alto



Reinhard Maron: aplicar o dinheiro

opinião, compensou mais a produção que ele comercializou a preço do dia, no início da safra, quando pegou Cr\$ 1.050,00 pelo saco.

Ele achou que seria mais negócio pegar o adiantamento do que esperar a bonificação deixando o dinheiro na conta-corrente:

— Aproveitei o dinheiro para comprar uma F-4.000, que me custou Cr\$ 1 milhão e 325 mil. Hoje ela custa Cr\$ 2 milhões.

Ele tem certeza que acertou este ano ao negociar sua produção, pois

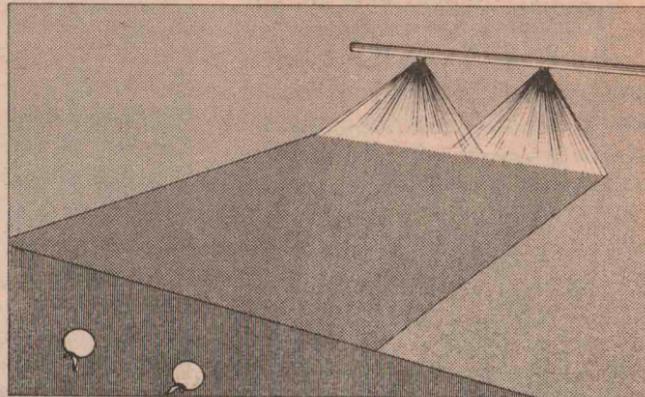
sempre quem vende no início, segundo ele, faz negócio melhor. Deixar a soja em depósito para ele é bobagem, pois é difícil dar uma alta no mercado que compense deixar o produto parado. Como seu Reinhard diz, “é melhor vender e pôr no preço médio e aplicar o adiantamento em outra coisa”.

Inclusive este novo sistema de bonificar o saldo da conta-corrente ele achou muito certo:

— Quem deixa o dinheiro tem vantagem nisto. Quem precisa também não fica muito prejudicado em tirar.

Plantador de soja!

Da próxima vez que você for incorporar a sua mistura de herbicidas, pense na segurança. Pense Dual.

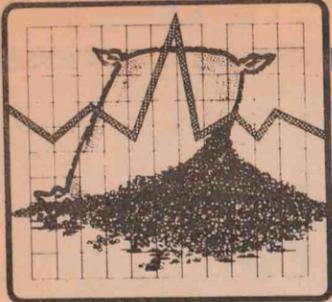


As misturas com Dual são aplicadas logo após o plantio e não são incorporadas. Portanto, o produto fica longe das delicadas sementes de soja em germinação. Com Dual, você fica mais seguro. É uma questão de bom senso!

Dual, o herbicida para soja tão moderno que dispensa incorporação.

CIBA-GEIGY





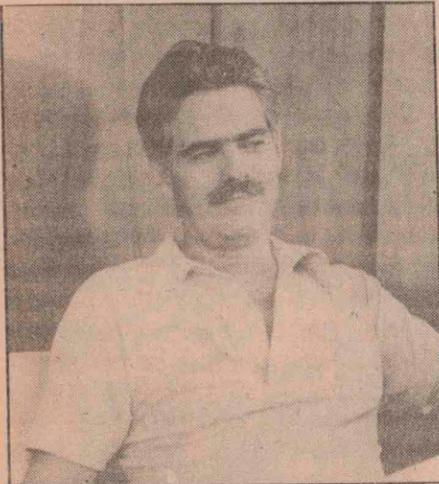
O CICLO DA SOJA

O fechamento das operações na Bolsa de Cereais de Chicago na tarde de ontem registrou um pequeno aumento para a soja e seus derivados no mercado internacional. A soja ficou cotada a 243 dólares e 81 cents; o farelo a 221 dólares e 98 cents; e o óleo a 440 dólares e 48 cents por tonelada. A Cotrijuí estará pagando hoje, na modalidade preço do dia, 1.250 cruzeiros pela saca de soja.

Este foi o boletim que os agricultores do noroeste do Estado ouviram pelo rádio, na manhã do dia 26 de novembro último. Há uns seis anos que informações como esta podem ser escutadas da manhã à noite, não só na Região Pioneira da Cotrijuí, mas em todas as zonas tomadas pela soja na década de 70. Há uns dois anos, no entanto, os boletins com as cotações do produto não transmitem a euforia de outros tempos, e uma pequena alta, como a do dia 26, não muda quase nada. A verdade é que os preços vão deixando de ser compensadores, e de ano a ano o tal Ciclo da Soja vai ficando para trás.

A situação de hoje faz com que muita gente lembre a promessa de fartura, trazida pelo estouro do preço em 73, e com que outros poucos recordem um tempo que está ainda mais longe, quando a cultura surgiu na região, por volta de 1920. Chegou a hora de se dar à soja os créditos e os débitos que ela merece. E no meio de um pouco de desencanto, até que fica difícil de se saber se algumas das consequências dessa lavoura foram boas ou ruins.

Os danos sociais da monocultura às vezes exagerada, o excesso de insumos modernos. Foi assim que a agricultura chamada intensiva expulsou produtores para as cidades e outras regiões, por se tornar inviável para os pequenos. Quem sobreviveu a tudo isso, quer agora saber de que forma a soja invadiu tantas áreas, para fazer um balanço do Ciclo, considerando o que mais lhe interessa no futuro estão diante de todos, começando pelo estrago do solo, a mecaniza-



Roy: mercado é imprevisível

momento: o preço de seu produto, a margem que lhe sobra após a colheita, o lucro cada vez mais escasso.

TERRA VERMELHA

Não são poucos os que devem conhecer as histórias envolvendo as primeiras tentativas de comercialização da soja brasileira, quando a oleaginosa deixa de servir apenas como alimento para suínos. Isso acontece no início dos anos 60, com os comerciantes brasileiros tentando fechar negócios com o exterior. Naquela época, além da baixa qualidade dos grãos, dos rendimentos bem pequenos e outros problemas, as vendas ocorriam sob condições precárias. O vice-presidente da Cotriexport, Edward Roy Haybittle, é quem lembra que, por um bom tempo, os preços eram discutidos por telegrama, e o acerto levava até uma semana para acontecer.

"Era difícil de se amarrar um negócio", diz Roy Haybittle, que hoje lida diariamente com o mercado da soja através da Cotriexport, a subsidiária da Cotrijuí que cuida de exportações e importações. Ele recorda que a situação era tão braba que, na década de 60, o Japão chegou a rejeitar um carregamento brasileiro, a área de plantio foi crescendo, a qualidade melhorou, e o país agilizou suas vendas, principalmente através das cooperativas.

leiro porque os grãos estavam com muita terra vermelha. Pouco a pou-

Apesar de entrar na Bolsa de Cereais de Chicago apenas em 1975, o Brasil já podia então se basear nas cotações internacionais, com as informações que vinham dos Estados Unidos. Em 73, foi a Bolsa quem anunciou que o mercado estava bom demais, e os produtores correram às cooperativas para liquidar suas safras. A seca de 72 nos Estados Unidos e na Rússia favoreceu a soja brasileira. Os preços no exterior, que estavam em torno de 100 dólares por tonelada, até o final de 72, saltam para 180 dólares no início de 73 e chegam a 500 dólares até junho do mesmo ano. Ali por julho os Estados Unidos reavaliam sua safra, e voltam ao mercado, fazendo com que a cotação caia bastante, mas sem nunca baixar dos 200 dólares.

CONFISCO DUAS VEZES

O estouro da soja fez com que em 73 o governo brasileiro controlasse as exportações, para garantir o abastecimento interno. "No fim, até sobrou farelo no Brasil, e se perdeu boa parte da safra, que poderia ter sido vendida", como lembra o diretor da Região Pioneira da Cotrijuí, Bruno Eisele. Em 75, o Brasil entra então na Bolsa de Chicago, e começa a entender melhor os cacoetes do mercado e fazer uso da mecânica dessa área. A comercialização se aperfeiçoa, e o agricultor passa a ser informado, todos os dias, das cotações no exterior e dos preços a serem pagos

em cruzeiros por seu produto.

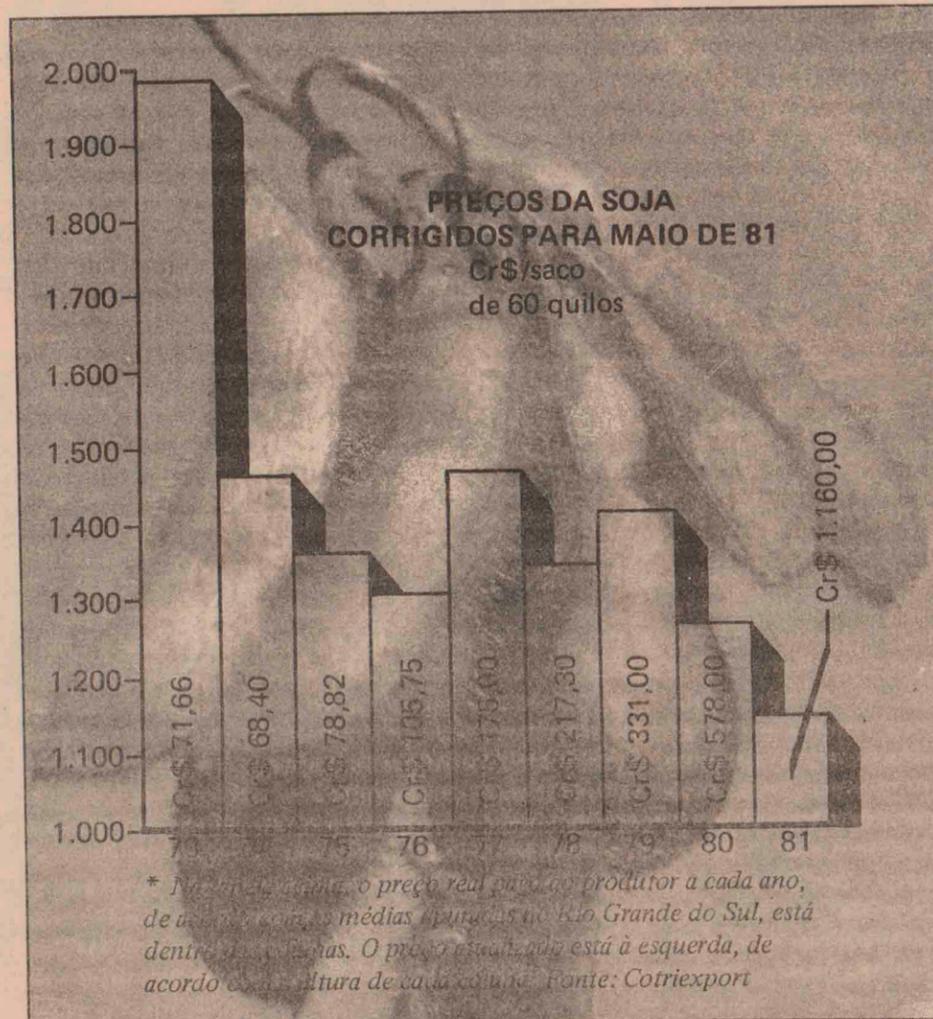
Em 77, por entender que a soja estava dando um bom dinheiro ao produtor, o governo instituiu pela primeira vez o confisco, pegando sete por cento do valor de todo o volume exportado. Há uma reação, não muito forte dos produtores, mas em agosto o confisco caiu. O pior aconteceria em 79, quando o confisco ressurge, com 13 por cento, no final do ano, para cair somente em abril de 1980, depois de passeatas em todas as zonas produtoras, iniciadas na Região Pioneira da Cotrijuí.

O governo havia desvalorizado o cruzeiro em 30 por cento, em relação ao dólar, e achava que o produtor ganharia muito com isso. Na verdade, os ganhos não seriam tantos, pois os preços andavam, antes de abril, por volta de 460 a 500 cruzeiros, e depois da queda do confisco caíram para perto do mínimo, que era de 440 cruzeiros. Essa queda ocorreu em função do contingenciamento adotado pelo governo, que resolveu então trancar a maior parte do volume de soja que seria exportado. Na troca do confisco pelo contingenciamento, quase nada mudou.

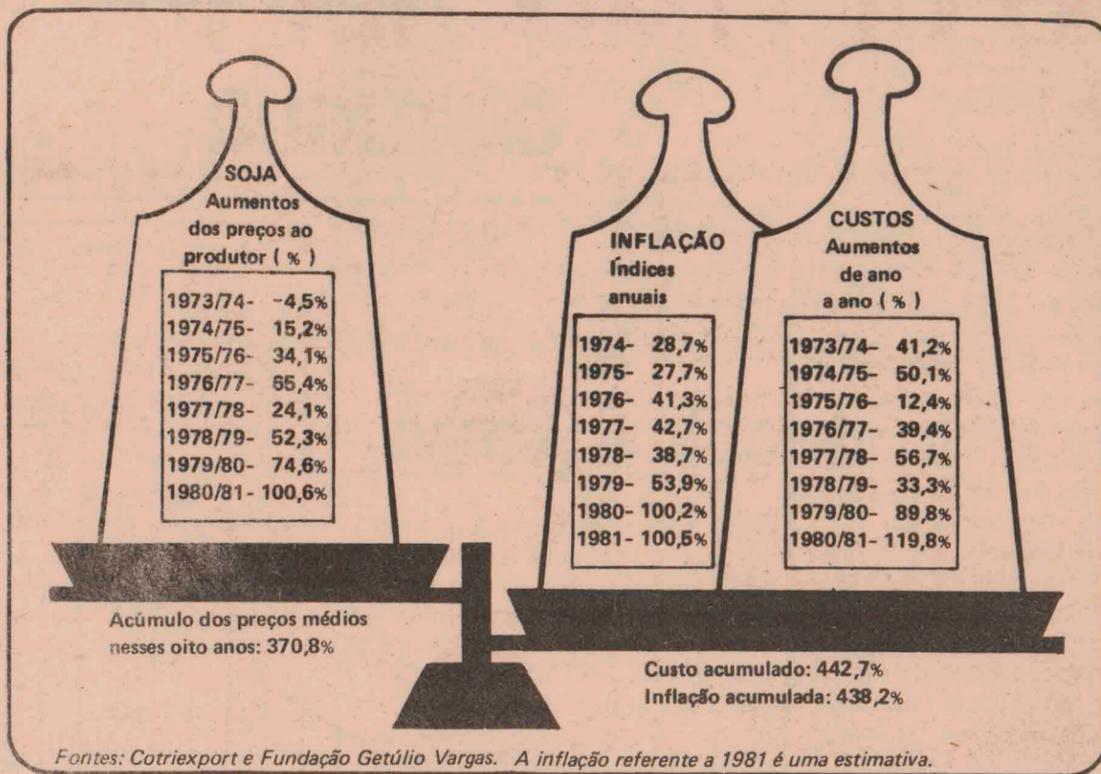
O movimento dos produtores foi entendido com uma prova de que o agricultor já decifrava melhor uma área difícil, que também confundiu os exportadores, quando o Brasil recém havia entrado na Bolsa, que é a grande feira de cereais do mundo. Roy Haybittle lembra que a Bolsa chegou a favorecer os especuladores que "fabricavam" compras e vendas para beneficiar um ou outro. Ali, os negócios envolvem apenas papéis, e por isso nem sempre a lei da oferta e da procura, que faz subir ou baixar preços, funciona. Não se considera só o que há de produto disponível no momento no mercado, mas inclusive safras futuras. Comprando e vendendo só com papéis, sem envolver o produto, que às vezes nem está ainda colhido, os especuladores agem facilmente.

E AS CAUSAS?

Assim é que a soja ao produtor pode valer mais ou menos, pois o mercado externo controla tudo, em função das ofertas de produto, da procura, das secas ou das boas safras, e da cotação do dólar. Há uns 90 dias, por exemplo, com o mercado em baixa, chegou a se dizer que não havia bons preços porque o dólar estava fortalecido, ou seja, custava muito caro para os europeus, encarecendo automaticamente as compras. Mas o dólar teve uma queda em sua cotação, e o mercado não melhorou. Por isso, o vice-presidente da Cotriexport diz que nem sempre é fácil de se identificar as causas dos baixos valores pagos pela soja.



Os preços, os custos, a inflação



Apesar de nos últimos anos não ter ocorrido nenhum outro estouro de preço, como o de 73, isso não quer dizer, segundo Roy Haybittle, que a soja esteja com mercado ameaçado. É claro que dificilmente uma nova alta extraordinária como aquela irá acontecer, mas a tendência é de estabilidade, de se manter as cotações em níveis razoáveis. O Brasil concorre hoje, nesse bom mercado, com os Estados Unidos e a Europa até mesmo em industrialização, para conseguir melhores preços. O farelo e o óleo podem render um pouco mais, que o grão em termos de dinheiro, mesmo que isso nem sempre aconteça.

Mesmo que a produção cresça no Brasil, ninguém vê isso como ameaça de queda significativa nos preços. Roy assegura que os mercados consumidores buscam novas formas de utilização da soja. Os países ricos precisam de farelo para conseguir proteína animal, e outras nações, como as do Oriente Médio, querem o produto para o engorde de aves. Além disso, outros mercados podem ir aumentando sua participação nas compras, inclusive nos países considerados pobres. O problema, hoje, segundo ele, é que as nações que mais precisam de proteínas, que são as subdesenvolvidas do Terceiro Mundo, não têm como pagar pela soja.

MENOS GANHOS

O diretor financeiro e administrativo da Cotrijuí, Oswaldo Meotti, confirma essas previsões, e explica os fatores que mais pesam na redução dos preços pagos ao produtor. Primeiro, é preciso considerar que há retração do mercado, ou seja, as compras estão em ritmo mais lento atualmente. Isso faz com que hoje a cotação da soja não seja boa, mas há uns cinco anos que os preços não registram elevações expressivas, e aí então devem ser levadas em conta também outras causas.

Meotti lembra que o dólar é que define preços, na hora de se converter o valor pago pela soja aos cruzeiros que serão recebidos pelo produtor. Acontece que o cruzeiro é desvalorizado com um índice igual ao da inflação brasileira, menos a inflação externa. Se a inflação brasileira está então a 100 por cento, e a americana a 20 por cento, o cruzeiro é desvalorizado em 80 por cento. O dólar que paga a soja exportada não fica, dessa forma, nunca igual ao índice da inflação, e o produtor vê menos dinheiro quando acontece a conversão para o cruzeiro.

Além disso, os ganhos do agricultor são cada vez menores porque também o dólar é que vai pagar as importações de insumos. Com um dinheiro fraco, como é o cruzeiro, na hora de converter a moeda para o dólar e fazer as compras de insumos, o Brasil acaba adquirindo um produto que sai caro demais. Aí se entende porque a soja não vem registrando um aumento de preço que acompanhe os custos enfrentados pelo agricultor, com as despesas com defensivos, fertilizantes e outros produtos.

O estouro da soja, em 1973, quando os preços dispararam e o produtor obteve seus melhores ganhos, pode ser comparado com a situação de desencanto de hoje. A Cotriexport tem dados que revelam, por exemplo, que os Cr\$ 71,66 conseguidos pela saca de 60 quilos pelos produtores gaúchos, como média em 1973, equivaleriam hoje a uns Cr\$. . . 2.000,00. Este seria, então, o valor que o agricultor teria que conseguir hoje, para obter o mesmo preço médio de oito anos atrás. Mas o certo é que isso dificilmente irá acontecer de novo.

A Cotriexport mostra estes dados com base em correções de preços, feitas pela Fundação Getúlio Vargas, do Rio de Janeiro. A Fundação atualizou os valores pagos pela soja, a partir de 1973, para que se tenha uma idéia de quanto o produtor ganhou ano a ano, até a última safra. Nessa comparação (veja a tabela), é possível notar que somente em 73 a saca de 60 quilos conseguiu um preço realmente alto. Depois, os melhores valores pagos ao agricultor foram os de 74, com uma queda grande em relação ao de 73, chegando ao que seriam hoje uns Cr\$ 1.460,00, e os 77, com o mesmo preço.

Este ano, considerando a média calculada após as vendas realizadas até maio último, a soja teve o mais baixo preço de toda a história do ciclo, ficando ao redor de Cr\$ 1.150,00. Além de receber o preço menor, o produtor viu aumentar também a relação entre o valor pago pela saca, o custo da lavoura e a inflação. Foi no ano passado que o custo da lavoura passou bem na frente do valor médio conseguido pela soja, considerando-se os percentuais de aumento desses dois números (confira na tabela acima).

PERDENDO PARA CUSTOS E INFLAÇÃO

Em 74, por exemplo, o custo da lavoura cresceu em 41,2 por cento,

em relação a 73, e o preço médio conseguido pela soja no Estado em vez de subir até que caiu, em 4,5 por cento, também em relação ao ano anterior. Depois, o preço médio do produto só subiu mais que o custo total da lavoura em 76, 77 e 79. Em 80 e 81, calculando-se a média de preços pagos até maio deste ano, a soja teve um aumento acumulado de 175,2 por cento, enquanto que as despesas para o agricultor somaram 209,6 por cento. Os valores conseguidos pelo produtor nesses dois anos foram, portanto, inferiores em 34,4 pontos percentuais aos dos custos totais, em função do aumento dos insumos, dos juros, das máquinas.

Em relação à inflação, a situação não é diferente. Os preços médios pagos aos produtores gaúchos também ficaram sempre abaixo das taxas da inflação no país, a partir de 74. Somente em 77 o crescimento inflacionário ficou atrás dos valores ob-

tidos pela soja: a inflação teve uma taxa média de 42,7 por cento, e a saca de 60 quilos subiu de preço, em relação a 76, em 65,4 por cento. Este ano, o preço médio do produto talvez aumente por volta de 100 por cento, em comparação com o do ano passado, e aí então vai acontecer um empate, porque a inflação também pode ficar mais ou menos com esse índice.

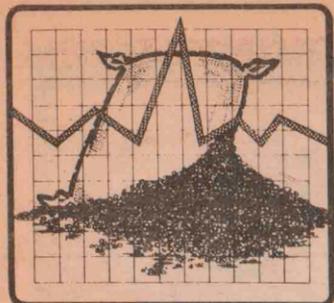
Na soma dos percentuais dos oito anos, e considerando-se sempre que os números de 81 são ainda parciais, porque resta esperar o que não foi liquidado, os preços da soja subiram em 370,8 por cento a partir de 1973. O custo da produção cresceu 442,7 por cento; e a inflação teve um acúmulo de 438,2 por cento. Daí se conclui que o preço do produto ficou 71,9 pontos abaixo do custo da produção nesse período; e 67,4 pontos atrás dos índices da inflação.

O PREÇO MÍNIMO E OS PREÇOS MÉDIOS

ANO	PREÇO MÍNIMO OFICIAL	PREÇO MÉDIO DA MODALIDADE	PREÇO MÉDIO DE LIQUIDAÇÃO
1972	Cr\$ 24,80	Cr\$ 36,00	Cr\$ 26,34
1973	Cr\$ 30,00	Cr\$ 70,00	Cr\$ 32,30
1974	Cr\$ 36,00	Cr\$ 92,00	Cr\$ 70,00
1975	Cr\$ 60,00	Cr\$ 119,00	Cr\$ 67,98
1976	Cr\$ 75,00	Cr\$ 172,00	Cr\$ 82,00
1977	Cr\$ 96,00	Cr\$ 218,40	Cr\$ 114,95
1978	Cr\$ 112,20	Cr\$ 210,00	Cr\$ 218,20
1979	Cr\$ 150,00	Cr\$ 230,00	Cr\$ 210,00
1980	Cr\$ 440,00	Cr\$ 660,00	Cr\$ 583,00
1981	Cr\$ 660,00	Cr\$ 1.110,00	Cr\$ 1.030,80
1982	Cr\$ 945,00		

* Fonte: Departamento de Custos e Estatísticas da Cotrijuí.

Os preços médios de liquidação foram calculados com base nas médias das três modalidades: preço médio, preço do dia e preço futuro, que surgiu nos últimos anos. A média de Cr\$ 1.030,80, para este ano, é uma estimativa, pois a comercialização não havia sido encerrada. Os valores de preço médio da modalidade e de liquidação são baseados nos preços pagos pela Cotrijuí. Os Cr\$ 945,00 do preço mínimo da próxima safra serão corrigidos quando da comercialização, com o percentual do INPC (Índice Nacional de Preços ao Consumidor), pois o sistema foi alterado a partir deste ano. O INPC é anunciado a cada mês, e fica ao redor de 40 por cento.



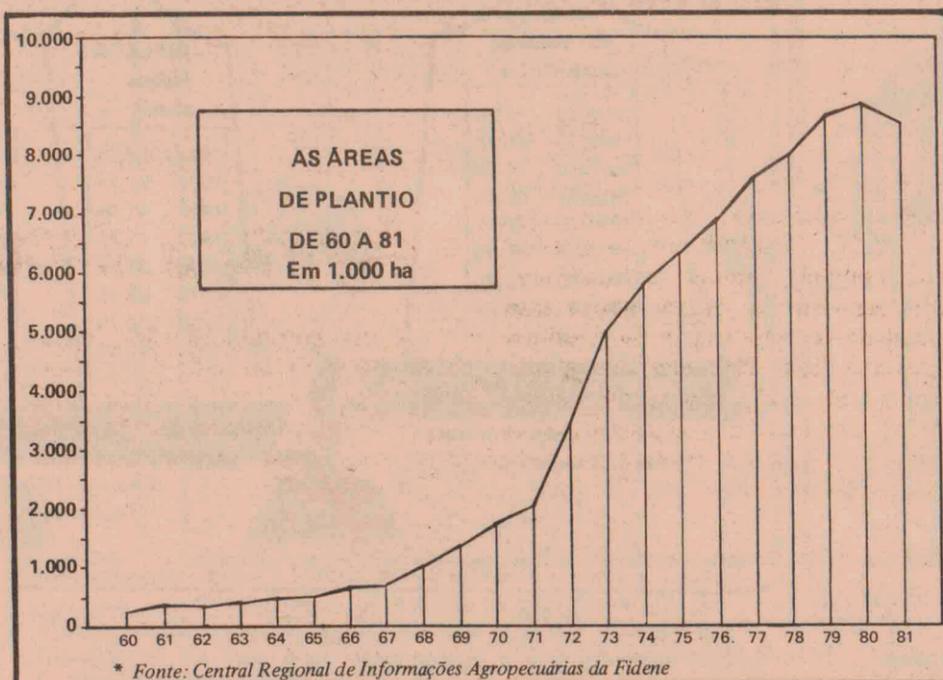
O CICLO DA SOJA

Quem diria que a pequena lavoura de soja do início dos anos 70 cresceria tanto, para chegar agora a quase 10 milhões de hectares. Apesar de não existirem dados exatos sobre as áreas de plantio de duas décadas atrás, dizem que em 1959 a soja ocupava só uns 400 mil hectares, em todo o Brasil. Foi em 67 que aconteceu um salto grande na área plantada, atingindo 700 mil hectares, e em 1968 a lavoura completava seu primeiro milhão de hectares. De lá pra cá, a cultura ocupou cada vez mais espaço (veja o gráfico). E seu crescimento ainda não parou, pois ela deixa de interessar muito aos pequenos produtores do Sul, mas é bem recebida pelos grandes proprietários, especialmente do Cerrado.

Hoje, o Brasil é o segundo maior produtor de soja do mundo, ficando atrás apenas dos Estados Unidos. O crescimento da lavoura brasileira até que influíu na participação que os norte-americanos vinham tendo no mercado. Até 1973, os EUA contribuíam com 73 por cento da produção mundial, e depois caíram para 66 por cento. Em 85, segundo previsões, a participação americana vai descer mais, para 60 por cento.

O Brasil, aumentou, entre 1968 e 1975, sua participação na produção

O interesse continua



de soja do mundo 1,6 por cento para 15 por cento. Hoje, o país deve estar colocando no mercado uns 17 por cento da produção, e até 1985 pode participar com 25 por cento. Estas estimativas foram feitas pelos próprios norte-americanos, e divulgadas no Brasil num trabalho elaborado em conjunto pela Fundação de Economia e Estatística e o Conselho de Desenvolvimento do Extremo Sul, denominado "Mercado e Custos da Produção de Soja".

VENDENDO E COMPRANDO

Levando em conta o ano comercial americano 80/81, que fechou em setembro último, o Brasil conseguiu passar à frente dos Estados Unidos na venda de farelo e óleo nesse período, iniciado em outubro de 1980. Assim esses produtos brasileiros chegaram pela primeira vez ao primeiro lugar este ano. O Brasil vendeu 8 milhões e 600 mil toneladas de farelo, e um milhão e 250 mil toneladas de

óleo, ocupando 45 por cento do comércio mundial de farelo, e 37 por cento do mercado de óleo.

Para que essa façanha fosse possível, muitos fatores devem ser considerados. O país importou bastante soja, antes de encerrar os negócios deste ano, e depois exportou óleo e farelo resultantes do esmagamento desses grãos. Além disso, a produção nacional de soja cresceu bastante, e o Brasil pôde vender parte do que colheu à União Soviética, beneficiado pelo boicote dos Estados Unidos aos russos. É que os EUA decidiram trancar a venda de alimentos àquele país, por causa da invasão dos soviéticos ao Afeganistão, e o Brasil não quis apoiar esse boicote, tomando um pedaço do mercado que era dos norte-americanos.

INDÚSTRIA OCIOSA

Mas o Brasil não é só um dos maiores produtores e exportadores. Atualmente, o país está em terceiro lugar na industrialização da soja. A capacidade de esmagamento das indústrias brasileiras é a mesma dos Estados Unidos e dos países desenvolvidos da Comunidade Econômica Europeia. Mas pouco do produto dessa industrialização fica aqui.

Na verdade, com essa estrutura de esmagamento, o que o Brasil quer é conseguir melhores preços com sua soja, pois a venda de óleo e farelo é, na maioria das vezes, mais interessante que a exportação de grãos. O Brasil pode esmagar até 22 milhões de toneladas de soja por ano, e tem, portanto, um parque industrial ocioso, que não utiliza toda sua capacidade. Atualmente, as cooperativas estariam participando com 25 a 27 por cento dessa capacidade.

A lavoura toma novos espaços

O ciclo da soja vai sendo esgotado, na verdade, na região Sul do país, e principalmente no Rio Grande do Sul, onde tomou a forma de monocultura. Mas aos poucos a cultura é transferida para o Centro do Brasil, junto com o trigo, o que quer dizer que a diversificação não significa o fim dessa lavoura. Pelo contrário, há quem diga que as áreas de plantio poderão crescer, e que até 1985 o Brasil vai aumentar sua participação na produção mundial.

Este ano, a lavoura de soja no Brasil deve ficar em torno de oito milhões e 500 mil hectares, caindo entre um e três por cento em relação à última safra. É que os estados do Sul diminuirão bastante a área de plantio, e o aumento que ocorreu no centro do país pode ser maior em percentuais, mas não em números absolutos, no total a ser plantado. No Rio Grande do Sul, no Paraná e em Santa Catarina, a redução deve ficar acima de cinco por cento. A lavoura gaúcha talvez seja de três milhões e 750 mil hectares.

Também em São Paulo e na Bahia há previsões de que a área será

menor. E a lavoura crescerá, em compensação, em Minas Gerais, Goiás, no Mato Grosso e no Mato Grosso do Sul. No Mato Grosso, a produção vai crescer de 40 a 50 por cento, e no Mato Grosso do Sul ao redor de cinco por cento. Nesses Estados, ainda há muita área a ser ocupada pela agricultura, e por isso a soja vai tomando mais espaço.

MAIS MILHO

Essa redução na área de plantio, nos estados do Sul, vai implicar, é claro, numa diminuição da colheita, e isso acontecerá pela segunda vez desde o início do ciclo da soja. A primeira foi em 78, em função da seca que pegou a lavoura do Sul. As previsões para 1982 são de que o Brasil terá uma produção de umas 15 milhões e 100 mil toneladas, contra as 15 milhões e 400 mil deste ano. No total, considerando todas as culturas, o país espera colher no próximo ano 54 milhões de toneladas de grãos contra as 53 milhões e 700 mil toneladas deste ano.

A produção total vai crescer, porque, ao mesmo tempo em que

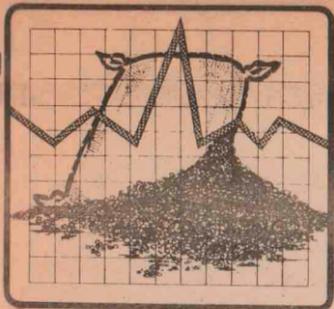
se reduz a área de plantio da soja, também se registra um aumento em outras lavouras, principalmente de milho e feijão. O milho vai ter uma lavoura superior em nove por cento à da última safra, e o feijão crescerá em 12 por cento. Na Região Pioneira da Cotrijuí, o milho passa de uma área de 60.600 hectares, para 70.900 hectares este ano de acordo com estimativas. A soja, por sua vez, será menos plantada: dos 303.747 hectares da última safra, desce para os 298 mil hectares, na Região Pioneira.

Se as estimativas forem confir-

madas, até o final da colheita da soja o Brasil terá uma produção um pouco inferior à de 81, mas isso não vai alterar em quase nada a política oficial nessa área. Já há previsões de que o país irá exportar, do total a ser colhido, 7,8 milhões de toneladas de farelo; 1,1 milhão de toneladas de óleo; e 1,8 milhão de toneladas de grãos. Para consumo interno ficarão 2,8 milhões de toneladas de farelo, e 1,4 milhões de toneladas de óleo. Até outubro, o Brasil também realizaria importações, que podem chegar perto de um milhão de toneladas de grãos.

PAÍSES	1.977	1.978	1.979	1.980	1.981
ESTADOS UNIDOS	48.097	50.859	61.722	48.772	57.331
BRASIL	12.513	9.541	10.240	15.169	15.485
CHINA	7.300	7.600	7.460	7.880	7.800
ARGENTINA	1.400	2.700	3.780	3.650	3.800
PARAGUAI	377	333	450	600	800
OUTROS	5.530	5.011	5.722	5.563	6.088
TOTAIS	74.217	76.044	89.374	81.634	91.304

* Fonte: Cotriexport



O CICLO DA SOJA

A maior fatia do crédito

A soja só perde hoje para o café e o cacau, na hora de pegar os recursos oficiais destinados à agricultura, quando se trata de investimentos. Desde 1973 a cultura vem figurando na lista dos três produtos que mais consomem os financiamentos, e ganha fácil das outras plantas, quando as verbas são para custeio e comercialização. Até 1972, a soja nem constava entre as três culturas que mais pagavam as verbas para custeio, mas em 73 ficou em segundo lugar, e a partir de 74 passou para o primeiro.

De acordo com dados dos relatórios do Banco Central, fornecidos pela agência de Porto Alegre, em 1970, pela ordem, o café, o milho e o arroz consumiram a maior parte do custeio. Em 1971, o café, o algodão e o arroz; e em 72, o café continuou em primeiro lugar, o arroz passou para o segundo e o algodão para o terceiro. Em 1973, novamente o café aparece em primeiro, com um bilhão e 707 milhões de cruzeiros em financiamentos; e a soja surge em segundo, com um bilhão e 630 milhões. Naquele ano, o arroz pegou o terceiro maior custeio, com um bilhão e 316 milhões de cruzeiros.

PULANDO PARA O PRIMEIRO

Em 74, a soja salta na frente do arroz e do café (veja a tabela abaixo), e até 1979 sai da primeira posição somente em 1975. Mas na área de investimentos, a soja não figura entre os primeiros colocados, onde o café, o cacau, as frutas e o algodão lideram os volumes de financiamentos tomados. Nesse caso, o Banco Central considera como investimentos a aquisição de máquinas, gastos com ampliação das áreas de

plantio e outras melhorias nas propriedades.

Na comercialização, a soja volta a liderar a lista, tomando sempre, a partir de 1974, a maior parte do dinheiro destinado aos produtores, com EGFs (Empréstimos do Governo Federal), notas promissórias, adiantamentos e outros gastos que envolvem o movimento do produto após a colheita. O Banco Central não revela esses dados por cultura, antes de 74, e por isso não se sabe se a soja começa a aparecer mesmo somente naquele ano, ou se já vinha figurando na lista.

COMERCIALIZAÇÃO SAI CARO

É, aliás, na comercialização que o Brasil mais gasta com a soja. Os custos da lavoura brasileira, segundo estudos realizados nos últimos anos, ficam abaixo inclusive dos registrados nos Estados Unidos e na Argentina, mas as despesas na hora de comercializar encarecem o produto nacional. E os gastos com a comercialização, não só da soja, como também de outras culturas, ficam evidentes nos balanços do crédito, ano a ano.

Em 1979, por exemplo, dos 326 bilhões e 583 milhões de cruzeiros destinados à agricultura (sem contar os subsídios), 195 bilhões e 756 milhões de cruzeiros foram para custeio; 73 bilhões e 201 milhões para comercialização; e 57 bilhões e 625 para investimentos. Isso mostra que os recursos para comercialização são maiores inclusive que os destinados a investimentos, e não só em 1979, mas durante quase toda a década de 70. As verbas para investimentos só foram superiores às de comercialização em 1972.



Agora, a década do milho

Assim como o trigo foi a cultura da moda nos anos 60, e a soja a lavoura dos anos 70, o milho surge agora como a planta da década de 80. Parece que, enfim, uma cultura nossa poderá garantir boa parte das necessidades de alimentação dos brasileiros. Mas só parece. Na verdade, o milho vem ocupando maiores áreas no Sul do país, em substituição à soja, mas dificilmente irá melhorar muito a situação do mercado interno de alimentos. E essa não é a única esperança que o milho vai frustrar. Também o produtor poderá ser frustrado, se esperar alguma mudança mais a fundo, com os estímulos à cultura.

O professor Argemiro Luís Brum, responsável pela Central Regional de Informações Agropecuárias da Fidene, de Ijuí, vem estudando esse assunto, e é ele quem faz essas previsões. O milho não está virando moda só no Brasil, mas também na Argentina, e poderá ser a cultura da década também no Paraguai, no Uruguai. Brum acha que não é preciso pensar muito, para que se conclua que essa lavoura apenas dá continuidade à reciclagem, às pequenas mudanças que vêm acontecendo desde o início da modernização da agricultura. Atrás do milho pode vir, portanto, toda a dependência imposta à soja.

COMO COMPETIR?

O professor lembra que há pouco tempo o ministro Delfim Netto anunciou a venda de milho à União Soviética, e que isso é sinal de que a produção brasileira irá parar no exterior, em boa quantidade. Se for assim, o milho nacional estará, daqui a alguns anos, na Bolsa de Chicago, e mais uma vez o produtor ficará dependendo das cotações determinadas pelo mercado externo. "E de que forma o Brasil, que tem uma produção estimada entre 23 e 25 milhões de toneladas para o próximo ano, poderá competir, por exemplo, com a produção dos Estados Unidos, que é de mais de 200 milhões de toneladas?" — pergunta Argemiro Luís Brum.

Será uma competição difícil mesmo de se vencer, porque, entre outras coisas, a Bolsa de Chicago fica lá nos Estados Unidos. Para o professor, o Brasil precisa é descobrir uma

forma de evitar isso, e mesmo que venha a vender milho para o exterior. Ele sugere que o país crie mecanismos internos, uma espécie de "bolsa brasileira", para ficar livre de Chicago e fechar negócios diretamente com os compradores. É uma idéia bem ambiciosa, mas que, para ele, já pode ser pensada, mesmo que provoque muita polêmica. As cooperativas e suas federações poderiam levar essa proposta adiante.

Mas as questões que envolvem o milho não ficam aí. Além de fazer com que o agricultor continue atrelado ao mercado externo, esse produto vai também manter a dependência dos insumos, das máquinas, da produção especializada. É que a diversificação também surge modernizada, no reboque do que foi planejado pelos grupos que controlam as tais agroindústrias. Os mesmos grupos que fornecem os insumos vão comprar a produção, para que funcionem os projetos integrados. O milho vai, então, sendo produzido em função dos frangos, dos suínos.

MILHO DE INVERNO

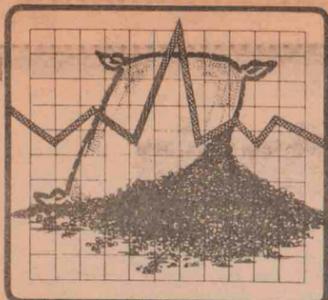
A importância do milho, para que tudo isso aconteça de acordo com os interesses das multinacionais, é tão grande que já se fala até em variedades para plantio no inverno, como diz Argemiro Luís Brum. O esquema é violento, para que o produtor fique atado desde o momento em que compra as sementes, os insumos, até a comercialização. De acordo com esses planos, só poderá competir no mercado quem plantar milho para conseguir bons rendimentos. E boa produtividade só terá quem investir bastante, aumentando, é claro, os custos da lavoura.

Essas previsões podem assustar e até ser interpretadas como uma recomendação para que não se plante milho. Mas não é bem isso o que se quer, segundo o professor da Fidene, pois essa cultura é, afinal, a principal alternativa para o verão no momento. O melhor, no entanto, é que o agricultor fique sabendo que há muita coisa por trás do que acontece de mudança em sua atividade. Avaliando bem tudo o que nem sempre é explicado, o produtor entenderá que a simples troca de uma cultura por outra não basta para que sua situação melhore.

OS FINANCIAMENTOS DE CUSTEIO E COMERCIALIZAÇÃO

ANO	CULTURA	CUSTEIO (em Cr\$ 1.000,00)	CULTURA	COMERCIALIZAÇÃO (em Cr\$ 1.000,00)
1974	soja	3.178.165	soja	2.236.715
	arroz	2.736.033	algodão	1.493.938
	café	2.734.321	café	1.149.214
1975	arroz	5.736.860	soja	6.014.005
	soja	5.324.795	algodão	2.203.747
	trigo	3.809.637	café	2.033.014
1976	soja	7.440.819	soja	4.655.772
	arroz	4.420.760	arroz	2.037.232
	café	3.540.851	milho	1.233.354
1977	soja	13.042.141	soja	11.823.822
	arroz	10.332.173	algodão	6.035.907
	café	8.345.148	arroz	3.621.025
1978	soja	18.071.980	soja	12.235.128
	arroz	11.674.273	algodão	7.905.798
	café	10.731.222	café	3.876.414
1979	soja	22.847.761	soja	8.840.112
	arroz	13.284.870	algodão	4.755.603
	milho	9.518.811	arroz	2.672.787

* Fonte: Banco Central



O CICLO DA SOJA

O agricultor Theobaldo Remus, dono de 500 hectares em Rondinha, Tupanciretã, pega lápis e papel para provar o que diz, e garante: "Hoje não vejo a lavoura de soja como via anos atrás". Seu Theobaldo apostou na cultura, e tem certeza de que deve à soja as terras que foi comprando aos poucos, até chegar aos 500 hectares. Mas ele sabia que o mercado "iria saturar, em função da super-oferta", apesar dos vizinhos garantirem, mesmo em 1973, que essa era uma planta que sempre teria bons preços.

Seu Theobaldo conhece bem a soja. Ele começou essa lavoura em 1960, em Cruz Alta, quando ocupava terra arrendada. O Moinho Rio-grandense fornecia a semente e exigia, como pagamento, dois sacos de soja para cada um fornecido. Ele se recorda que na primeira safra deve ter colhido umas 50 a 60 sacas, para 10 plantadas. Seu Theobaldo também se lembra que no início bateu fede-fede, uma praga meio nova. "Se colhia o trigo, se mexia na terra para fazer nascer a primeira camada de inço. Depois voltava a se mexer na terra para acabar com inço, e só então se plantava a soja", diz ele.

SAÍDA: O GADO

De lá pra cá, ele nunca parou de plantar. Em 73, quando deu o estouro no preço, já tinha 330 hectares, e arrendava outros 448. Hoje, além dos 500 hectares que tem em Tupanciretã, arrenda outros 450 em São Gabriel, em sociedade com um genro. O entusiasmo pela planta já passou, e por isso há dois anos seu Theobaldo cria gado: seu rebanho tem 150 cabeças. Mesmo que esteja meio desiludido com a soja, ele não aposta no milho, também por duvidar do mercado. "Vou levando com a soja, enquanto as máquinas se desgastam, porque máquina nova não dá para comprar. O que tenho de maquinário hoje é reserva".

Para provar que nem para o grande a soja é tão bom negócio como antes, seu Theobaldo faz as contas. Acompanhando a evolução dos custos da lavoura, ele acha que no próximo ano um hectare custará Cr\$ 50 mil ou pouco mais. Acreditando que em 82 a safra plantada agora não consiga mais de Cr\$ 2 mil pela saca, e colhendo 25 sacas por hectare, haveria empate entre custos e ganhos. A conclusão vai mais longe, com uma pergunta: "Assim, de que forma o produtor poderá reinvestir na lavoura, se o que ele ganha numa safra não cobre os custos da seguinte?".

— Eu até concordo com o fim do subsídio (juro baixo) pra lavoura, mas acho que tem coisa que não

O entusiasmo já passou



Theobaldo Remus: sabia que ia saturar

pode estar certa, como as altas nos custos. E quanto a mercado, quando mais se pensa que se sabe, nós mais nos sentimos atrapalhados.

SEMPRE ATRÁS

Se o seu Theobaldo, que tem boa quantidade de terra, se sente atrapalhado, como não estarão os pequenos produtores, como o seu Delmo Pedro Wagner, que tem seis hectares e arrenda outros 90, em As Brancas, Chiapetta? Ele plantava milho, feijão, arroz, e criava porco, e então começou a plantar soja, e lembra que "naquele tempo se tinha dinheiro, e hoje não se tem". Seu Delmo tem certeza de que com essa lavoura só foi pra trás:

— Planto muito em várzea, e nos dois ou três últimos anos não deu colheita. A minha soja sofreu antes por causa das pragas, e quando vinha seca já não tinha mais soja.

Mesmo assim, até que ele acha que, considerando o geral, a cultura foi uma boa coisa pro colono. Os problemas foram as frustrações e, agora, as quedas nos preços pagos ao produtor. "O que nós produzimos sempre está atrás do que compramos. Se precisamos de uma caixa de fósforo, o preço não baixa nunca, mas a soja baixa. Quando é que deu Chicago na gasolina? Não tem isso não, que a gasolina nunca baixa como a soja, só tem alta", diz o seu Delmo.

Fazendo um balanço da situação, ele conclui que foi um dos produtores que empobreceram com a soja, pois "antes eu não tinha dívida e hoje estou endividado com o trigo e a soja, que não sei nem como sair". Seu Delmo calcula que "de cem pessoas, talvez umas 40 enriqueceram, e 60 ficaram mais pobres", em função da monocultura. "E com o preço que está hoje, não é muito fácil ganhar dinheiro".

TROCA FOI BOA

O seu Ricardo Carlini, dono de 75 hectares na Linha 21, em Ajuricaba, está entre os que não ficaram



Ricardo Carlini: falência na agricultura

mais pobres, mas também anda meio alarmado com a queda nos preços da soja. Ele compara sua situação de hoje à da época em que só criava porco, e acha que melhorou. Seu Ricardo se recorda que em 64, quando a soja era cortada a foicinha, ele foi desaconselhado a continuar investindo na suinocultura. A soja deixou de ser alimento só para os porcos, começou a entrar no comércio, e o agricultor comprou um tratorzinho e até aumentou a propriedade:

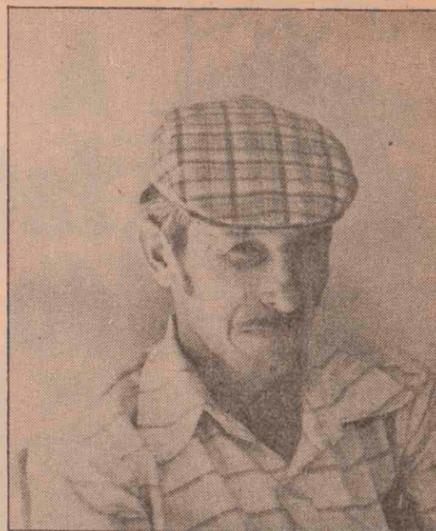
— Quando comecei com a soja, comprei mais terras. Eu tinha 25 hectares, e comprei mais 25, usando o dinheiro do porco. Depois, com a soja, comprei mais 25. Hoje são 75 hectares, em conjunto com a família.

Seu Ricardo sabe que o preço é que não compensa hoje, e faz um cálculo de que a saca deveria estar nuns Cr\$ 2 mil, para que pudesse se equilibrar. Ele até prevê que pode acontecer "uma falência na agricultura", se os valores pagos ao produtor não melhorarem. Mesmo que nunca tenha deixado de plantar outras culturas, e criar galinha, porco e vaca de leite, para o consumo da casa, ele sente que hoje dá só "pra ir vivendo". Mas seu Ricardo não se surpreende com isso, pois os vizinhos faziam previsões, quanto à queda no preço da soja, nas rodas de chimarrão:

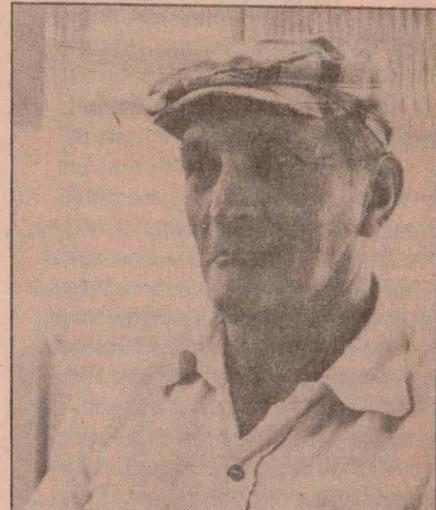
— Hoje a soja não vale mais nada. A gente não gosta nem de falar, mas são as multinacionais que estão levando a gente deste jeito.

TEM COISA AÍ

Essas desconfianças rondam também a cabeça do seu João Emílio Schneider, da Linha São João, em Augusto Pestana, onde tem 80 hectares. "A gente desconfia que tem alguma coisa aí no meio, que faz acontecer estas coisas", diz ele, falando sobre a desvalorização da soja e do aumento nos preços dos insumos. Seu João foi outro



Delmo Wagner: foi coisa boa



João Emílio Schneider: tem coisa no meio

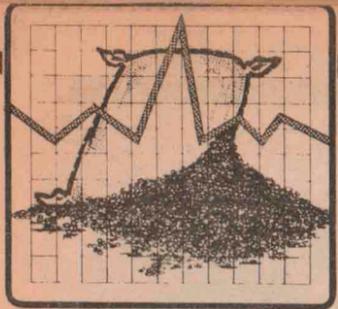
que começou com a soja e foi largando a suinocultura, nos anos 60. Ele plantava soja nos vãos das carreiras de milho: se a colheita de milho era pouca, a soja engordava os porcos.

Nos anos 70, ele fez o que a maioria decidiu fazer, investindo quase tudo na lavoura, mas sem se descuidar das plantas de subsistência, pra alimentação da família. Mas aí, seu João acha que teve gente que exagerou e perdeu os limites, comprando máquina todo ano. "Depois que se entra neste negócio é difícil passar um ano sem comprar mais uma coisa, e quando se vê está com o terreno cheio de ferro", diz ele.

Seu João está preocupado é com a mudança que deve acontecer, porque a soja trouxe facilidades para o agricultor. "Sair desta para entrar noutra não é fácil", afirma o produtor, duvidando que os mais novos possam ajudar muito nisso, pois as crianças que nasceram na colônia só sabem de soja, pouco entendem de porco e talvez nem consigam amansar uma junta de bois.

Na hora de dizer se a soja valeu a pena, seu João fica meio em dúvida, porque, afinal, ele tinha só 25 hectares até 1970. Parte da terra comprada depois foi conseguida com o dinheiro da suinocultura, mas a lavoura ajudou também. Ele tem três filhas moças e quatro rapazes, e acha que a saída é ir comprando mais uns hectares, para garantir um pedaço de terra aos herdeiros. Falando nisso, seu João lembra de um ditado antigo:

— A gente luta como se nunca morria, sabendo que vai morrer amanhã.



O CICLO DA SOJA

O ciclo da soja nunca será explicado apenas com o exame de aspectos técnicos. Ele tem muitas implicações políticas, como qualquer outro rumo econômico que tenha sido tomado pelo país, desde seu descobrimento. E isso fica fácil de se entender num trabalho elaborado pelo Centro de Ciências Agrárias da Fidene, denominado "Texto Básico para os Seminários de Administração e Economia Agrícola". Essa análise da evolução da agricultura brasileira será transformada em livro, mas parte do texto pode ser antecipado, para que se tenha uma idéia de como a soja tomou conta das lavouras, especialmente do sul do país.

A história da soja é um pedaço da história da dependência da economia brasileira, que entre 1945/1950 decide se modernizar. Dois caminhos poderiam ser seguidos para que se chegasse a isso: as reformas de base, com mudanças profundas, ou a "modernização conservadora", sem que se alterasse muito a estrutura da economia. A segunda opção foi a que prevaleceu, e a partir daí aconteceu o que se verifica até hoje. O Brasil foi aberto ao capital externo, das grandes potências mundiais.

Para que essa opção fosse escolhida, prevaleceu a força dos países desenvolvidos. Eles conseguiram assim um novo mercado para seus produtos; mão-de-obra barata e o apoio das autoridades da época. Foi assim que se entendeu que o sul do país deveria ser adequado à modernização, com culturas específicas. Trocou-se, então, as lavouras de subsistência, pelas de trigo, inicialmente, e depois pelas de soja. O Brasil começa a consumir insumos modernos, máquinas. E cada vez mais pega empréstimos no exterior, para levar adiante a idéia. As indústrias multinacionais tomam conta dessa área, e tudo passa a girar em função do dinheiro.

PRESSÕES EXTERNAS

Tudo isso faz com que a agricultura modernizada transfira para a indústria todas as prioridades. Essa mudança é bem mostrada no fato de que, a partir da modernização, e com o enfraquecimento da agricultura, as lideranças políticas começam a sair do meio industrial. Os antigos dirigentes partidários, que assumiram destaque nacional, como Getúlio Vargas e tantos outros, vão cedendo lugar aos líderes urbanos, que representam a indústria estrangeira, o capital de fora, toda a dependência imposta não só ao setor primário, mas à economia em geral. Se inicia o êxodo rural, a terra passa a valer muito, a tecnologia importada é a que vale.

Até o suicídio de Getúlio Vargas, em 54, e a eleição de Juscelino Kubitschek para a presidência do

Uma história de dependência

Brasil podem ser sintomas de que as mudanças iriam pra frente. Vargas, que se matou anunciando ter visto ameaças contra o Brasil, dá lugar ao novo presidente, que inicia a implantação de indústrias chamadas pesadas no país, como a de automóveis. Aí sim todas as mudanças de base, como a Reforma Agrária, são mesmo deixadas de lado. Em 61, as "pressões externas" podem de novo ter influído na política brasileira, quando Jânio Quadros renuncia. Até hoje nem tudo foi explicado, mas Jânio também deixou o governo falando das tais interferências que viriam de fora.

DOIS ESTÁGIOS

Para que todas as etapas da modernização, que trouxe o trigo e a soja, os insumos, as máquinas, a dependência do mercado externo e tantas outras coisas, sejam bem entendidas, o trabalho da Fidene divide as mudanças em estágios, que têm duas fases. O primeiro estágio, de 1950 a 1974, é o que explica o boom da soja e outras alterações na economia brasileira. Na primeira fase desse estágio, se investe na agricultura moderna, surgem as culturas de exportação, a indústria cresce, os bancos aumen-

tam seus lucros. Isso até por volta de 1968.

Na segunda fase do mesmo estágio, de 68 a 74, o produtor começa a colher os resultados desse investimento. Aumenta a euforia com os rendimentos conseguidos com a soja, e também se amplia o atrelamento do agricultor aos bancos. Em consequência disso, também cresce o consumo, e o produtor passa a comprar, favorecendo quase todas as áreas da indústria e do comércio. A moda e os costumes da cidade invadem a zona rural. O estouro da soja coincide com o chamado "Milagre Brasileiro", a época de crescimento da economia, que se esgota pouco tempo depois.

Mas em 74 a coisa começa a mudar, e se inicia o segundo estágio, que tem sua primeira fase até 1980. A diversificação vai sendo proposta, e a monocultura começa a ser desprezada. O governo deixa de conceder tantos estímulos, com dinheiro barato, e exige que o produtor passe a reinvestir seus lucros. Mas tudo também é planejado pelas mesmas áreas financeira e da indústria, para que o produtor continue atrelado, dependendo de crédito e insumos. Caem os preços dos produtos, e crescem os

preços dos fertilizantes, dos defensivos, das máquinas.

TUDO NA MESMA

Enquanto se encaminha a diversificação, surgem outras mudanças, e a indústria também se enquadra nessas alterações. Agora, nesta década de 80, que abre a segunda fase do segundo estágio, serão fortalecidas as agroindústrias, que absorverão a produção diversificada. Surgem os projetos integrados, que fazem com que o agricultor se transforme quase que num empregado dessas empresas. E, mais uma vez, o capital estrangeiro, a dominação dos grandes grupos, assume o controle da situação, sem que nem mesmo as agroindústrias cooperativas ou as pequenas empresas brasileiras tenham muitas chances.

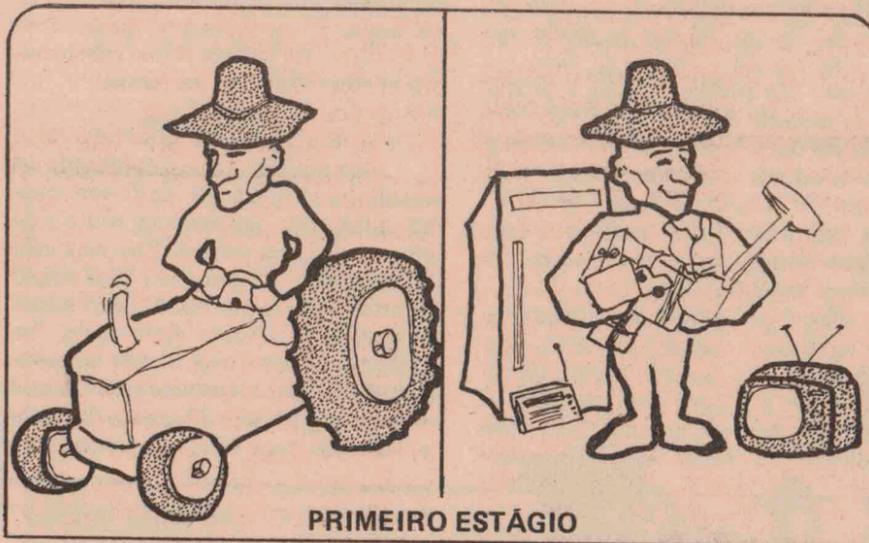
O trabalho da Fidene mostra que o produtor sempre foi o "recheio" do sanduíche que envolve bancos, indústrias de insumos, indústrias de transformação da produção, o comércio. As indústrias de insumos controlam boa parte dos bancos, e seguem com o comando dos demais setores. O que acontece então? O dinheiro que o produtor pegou para aplicar na lavoura sempre, e de qualquer forma, foi parar de novo nas mesmas mãos. O agricultor ficou emaranhado numa rede da qual não consegue se livrar.

Para conseguir esses resultados, os grandes grupos influenciaram até no ensino. Os técnicos que saíram das faculdades foram formados, nesses anos todos, para defender os pontos de vista que favorecessem a dominação. Foi por isso que as técnicas caseiras, a experiência do produtor, deixaram de valer. A tecnologia, a pesquisa, todo o ensinamento veio de fora, com o objetivo de garantir a venda de insumos, o atrelamento aos bancos. O dinheiro foi emprestado ao agricultor para que tivesse um retorno certo aos grupos que teceram essa rede.

QUAL A SAÍDA?

E a situação vai mudar? O Centro de Ciências Agrárias faz uma previsão pessimista, e diz que não. E por que não? Porque a monocultura pode deixar de existir, mas a dependência continua. Os grupos apenas se reciclam, se atualizam, para continuar tudo de novo. O pequeno agricultor será forçado ainda a aumentar rendimentos, a ter produtividade que compense sua atividade, e isso só será conseguido com os insumos, as máquinas, a técnica que estes grandes grupos vendem junto com o dinheiro emprestado.

Mas há uma esperança. E a dependência só poderá ser bem entendida, bem decifrada — segundo a Fidene —, se os sindicatos, as cooperativas, todas as entidades que congregam produtores, tomarem a iniciativa de promover o debate em torno de tudo o que aconteceu até agora, e do que poderá continuar acontecendo.



PRIMEIRO ESTÁGIO

PRIMEIRA FASE

Os bancos emprestam bastante dinheiro. Começa a modernização e a monocultura

SEGUNDA FASE

O agricultor ganha bem, cresce o consumismo. É a época do chamado "milagre brasileiro"



SEGUNDO ESTÁGIO

PRIMEIRA FASE

Já não há euforia. O produtor pára para pensar e a diversificação surge como saída

SEGUNDA FASE

Mas os grandes grupos pensaram antes. O agricultor vai sendo atrelado à agroindústria

A FALTA QUE FAZ UM BOM SAL MINERAL

De um modo geral todos os produtores de gado leiteiro têm conhecimento do quanto se faz necessário o fornecimento, tanto do sal comum como do sal mineral ao rebanho bovino, principalmente para as vacas que estão produzindo leite. Mesmo sabendo da importância do sal para o organismo animal, é grande o número de produtores que simplesmente não tem o hábito de utilizar suplementos minerais na alimentação, ou então, quando o fazem, é uma vez que outra — uma vez por semana ou a cada 15 dias —. Só que esta prática, segundo o Otaliz de Vargas Montardo, coordenador do Setor de Pecuária Leiteira da Cotrijuí, “é absolutamente insuficiente”.

Depois de fazer uma análise da situação, o pessoal da área Veterinária da Cooperativa, andou chegando a conclusão de que as carências minerais do rebanho leiteiro devem-se principalmente à falta de uma orientação mais clara quanto ao fornecimento desses suplementos. Pensam ainda os preços muito altos dos suplementos minerais comerciais e as dúvidas quanto a eficiência dos produtos que estão sendo usados. Os produtores que estão se utilizando de sais minerais argumentam de que não estão vendo nenhum resultado. O Otaliz explica melhor o que anda acontecendo:

— Realmente já está mais do que comprovado que a grande maioria dos suplementos minerais que se encontram à venda no mercado, não fornecem as doses suficientes de elementos minerais necessários ao rebanho. E isto pode ser por causa de suas formulações inadequadas ou pelas recomendações incorretas de uso, feita pelos próprios fabricantes.

FUNÇÕES VITAIS

Os minerais (como o fósforo, o cálcio, o magnésio, o sódio, o potássio, o cloro, o enxofre, o ferro, o iodo, etc) são tão importantes para os animais, quanto a água, as proteínas, as vitaminas e as fontes de energia. Eles desempenham no organismo do animal, funções considera-

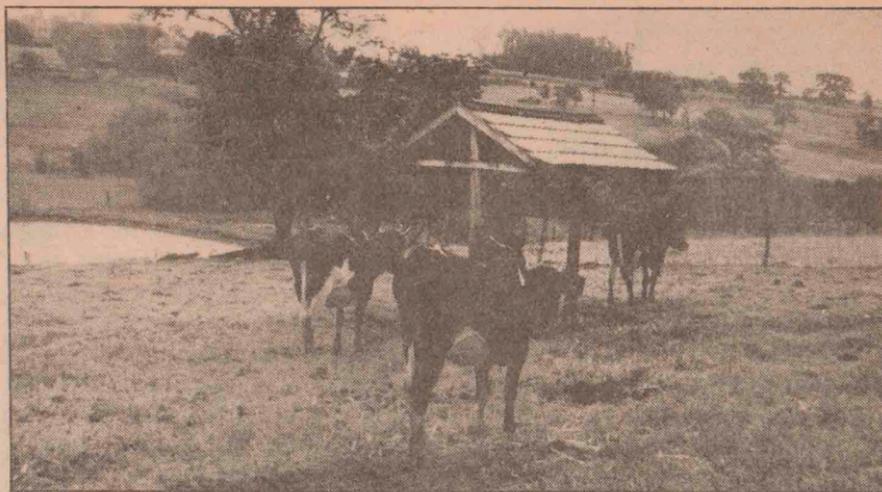
das vitais, pois além de permitir a formação e a rigidez ao esqueleto, fazem parte da composição de todos os tecidos do corpo, (como músculos, sistema nervoso e sangue) e ainda colaboram na digestão e absorção dos alimentos.

As quantidades dos diferentes minerais que os animais precisam comer diariamente são muito pequenos e variam de acordo com uma série de fatores, que vão desde a idade do animal, o tamanho, o período de gestação até a lactação. Mas os técnicos dizem que, de um modo geral, a quantidade desses minerais disponíveis nos alimentos naturais (pastagens e grãos), já bastam para cobrir as necessidades diárias do organismo animal. Só não são suficientes as quantidades de cloro, sódio e fósforo que se encontram nesses alimentos. E isto por uma deficiência natural do solo do Rio Grande do Sul, onde estes elementos são também insuficientes nas pastagens. “Desta forma justifica-se a necessidade de serem fornecidos aos animais sob a forma de suplementação — sal comum como fonte de cloro e sódio e um suplemento de fósforo”, complementa o Otaliz.

CONSELHOS ERRADOS

Em se falando de carência mineral do rebanho leiteiro da região, o maior problema, segundo o Otaliz, se resume simplesmente na deficiência do cloro, sódio e do fósforo. Só que na medida em que o sal comum — cloreto de sódio — é fornecido diariamente ao gado, o problema da carência do cloro e do sódio fica resolvido. Já a suplementação fosfórica, para solucionar o problema da falta de fósforo no organismo animal, pode ser feita com a farinha de ossos ou o ortofosfatobicalcário, — que é uma outra fonte de sais minerais.

Pois é na questão da suplementação do fósforo, segundo o Otaliz, que se encontra os maiores problemas. O caso é que a maioria dos sais minerais comercializados atualmente não têm condições de suprir satisfatoriamente



O sal mineral complementa a alimentação dos animais

as necessidades de fósforo, principalmente no organismo das vacas leiteiras. Explica o Otaliz:

— Esses produtos comerciais apresentam na sua composição, ou pelo menos no rótulo das embalagens, uma infinidade de elementos minerais, sendo que a maioria deles é absolutamente desnecessário, servindo apenas para justificar os elevados preços cobrados pelo saco do produto.

O fato se agrava ainda mais porque existe uma infinidade de empresas que comercializam sais minerais e que têm por hábito aconselhar os produtores a misturar o sal mineral ao sal comum. “Estas recomendações são em proporções totalmente erradas e têm a simples finalidade de fazer seus produtos parecerem mais baratos do que os dos seus concorrentes”, fala o Otaliz. “É por isto que muitas vezes, o produtor segue bem à risca as recomendações dos fabricantes, mas não vê vantagens. É que realmente, mesmo com as misturas, ele não está conseguindo suprir as necessidades de seu rebanho”.

O QUE FALTA

Para mostrar o que fica faltando no rebanho, principalmente de fósforo, mesmo tratado com sais minerais, o Otaliz dá um exemplo bem simples. Para uma vaca de 450 quilos, em gestação e produzindo 10 litros de leite por dia, são necessários 42 gramas de fósforo diariamente. Em condições normais, seja através de pastagens ou de ração concentrada, esse animal consome no máximo 27 gramas de fósforo, faltando, portanto, 15 gramas para

suprir a sua necessidade diária. Neste caso, está mais do que claro a necessidade de um suplemento mineral que forneça esses 15 gramas, que estão faltando no organismo desse animal.

Se o produtor usar uma determinada marca de sal comercial — chamada aqui de sal mineral “A”, semelhante a maioria dos produtos minerais que existem no mercado — e que possui na sua composição 126 gramas de fósforo em cada quilo, misturado ao sal comum na proporção de 50 por cento, ou meio a meio, ele terá num quilo dessa mistura, apenas 63 gramas de fósforo. Para obter as 15 gramas necessárias, a vaca teria de comer 238 gramas dessa mistura do sal “A” com o sal comum por dia. Isto é absolutamente impossível já que um animal come em média, coisa 30 gramas por dia. “Na maioria dos casos, as recomendações de uso, impressas nos rótulos das embalagens dos sais minerais, apenas induzem o produtor a misturar produtos de forma totalmente errada”, alerta o Otaliz.

Diante dessa situação, quando o sal mineral está sendo dado de forma errada por orientação dos próprios fabricantes, a equipe de Veterinários da Cotrijuí chegou a conclusão de que se o produtor leiteiro fornecer ao rebanho, regularmente o sal comum e o ortofosfatobicalcário, o problema mais sério de carência mineral ficará resolvido. Tanto um como o outro, devem ser fornecido ao animal separadamente, “de preferência em um cocho que possua uma divisão ao meio”, como salienta o Otaliz, “porque o animal absorve assim melhor os suplementos”.



Grand Petit
Gourmet

Venax, fogão dos bons



Metalúrgica
Venax S.A.



Fogão à lenha
Gabinete

À venda
nas Lojas



USAR SE PRECISO. MAS COM CONSCIÊNCIA

O tempo de passar defensivos à vontade já passou. A preocupação com a saúde, o meio-ambiente e os custos dos venenos, leva o pessoal a pensar duas vezes

“Veneno brabo, estes de pó, não quero nem mais saber, que vai tudo lá no vizinho. Se uso veneno, é só estes de litro, que bota em água, cai em cima do produto e não vai embora. Dos outros eu tenho medo, que vão lá no vizinho e são muito perigosos”.

Hoje em dia não é só o seu Gustavo Mülbeier, que tem 47 hectares em Derrubadas, no município de Tenente Portela, quem anda pensando nos perigos dos defensivos agrícolas para o meio-ambiente. É do seu Gustavo a declaração de que veneno que se espalha e vai parar no vizinho é coisa muito perigosa para o produtor andar lidando. Assim como ele, vão crescendo os exemplos de produtores que pensam duas ou mais vezes antes de comprar e de aplicar qualquer defensivo na lavoura.

Apesar disso, porém, ainda aparecem algumas denúncias de falta de cuidado e mesmo de respeito pela saúde das vizinhanças. É um produtor que usou a água de um lagoado, que abastece mais de uma propriedade, para lavar seu pulverizador ou mesmo para buscar a água e fazer a aplicação. Ou então uma reclamação porque alguém deixou embalagens vazias de defensivos na beira de um curso d'água, que aplicou o veneno numa hora de vento e espalhou por tudo quanto é canto, menos sobre as plantas infestadas de pragas.

O MAL QUE FAZ

E que veneno faz mal para a saúde, hoje em dia não é mais novidade prá ninguém. Em praticamente toda comunidade do interior se sabe de um caso, ou mais de produtor que não pode mais lidar com veneno de qualquer espécie. Às vezes basta chegar perto para começar a sentir tonturas, ânsia de vômito, dor de cabeça. Este é o caso de Hilário Wunder, de Esquina Gaúcha, em Augusto Pestana. Há dois anos ele se intoxicou só de passar no meio da soja logo depois que os empregados tinham aplicado defensivo:

— Me descuidei e não lavei as mãos antes de comer uma fruta. Hoje não posso mais trabalhar com veneno, mesmo que os de agora não sejam mais tão brabos como os de antes.

O Hilário conta que dá para reparar que atualmente o pessoal apli-

ca bem menos defensivos do que há uns anos. Só que ele acha que isto se deve bastante ao fato de que as pragas também não aparecem mais tanto:

— E se aparecem tem que liquidar, se não elas é que liquidam a planta.

Se os venenos, para ele, são uma realidade inevitável, deve porém existir muito cuidado na aplicação. Hilário lembra que sempre explica aos seus empregados para cuidar na hora da aplicação de defensivos, que nos últimos tempos tem sido feita de avião, pois a lavoura é grande e passa dos 200 hectares:

— O próprio aviador já manda que eles fiquem contra o vento, do outro lado.

O VENENO VAI LONGE

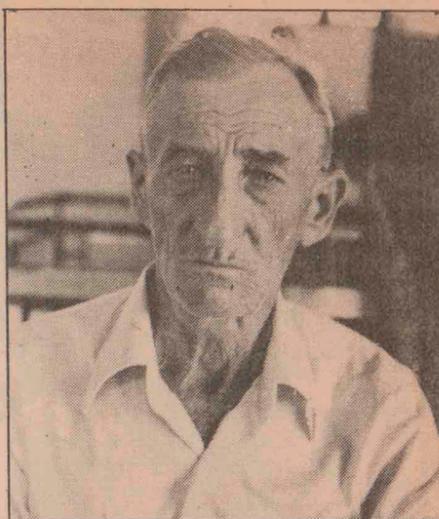
E é exatamente por causa do vento que o seu Gustavo, lá de Derrubadas, começou a reparar mais nos venenos. Um dia ele se deu con-

ta o quanto os venenos se espalham e podem prejudicar. Começou a se interessar no assunto e a observar “que os venenos vão longe até seis quilômetros, branqueando tudo. No momento em que estou aplicando vem um vento, uma virada e vai machucar meu vizinho. Isto não quero”.

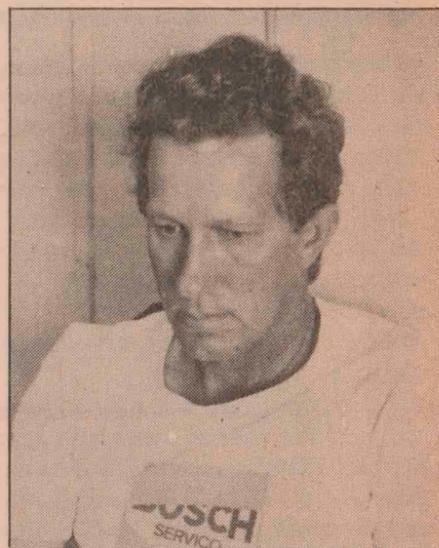
É por isto, que além de escolher o veneno, ele diz que aplica bem fraquinho, mas isso só depois de esperar para ver se a própria natureza não controla as pragas:

— Se não resolver com Deus, tem que aplicar, mas fraquinho. Ano passado nós botamos um pouquinho em roda dos matos, por causa dos fede-fede no trigo. Na soja deixei os bichos comer até um ponto, e daí veio uma chuva e sol quente e alguns morreram no pé. E se boto veneno é fraquinho, prá pragas morrer devagarinho.

Seu Gustavo acha que hoje o



Gustavo Mülbeier: só veneno fraquinho



Hilário Wunder: realidade inevitável

peçoal está entendendo mais este negócio de defensivos agrícolas:

— No início o pessoal era mais atrasado e não sabia que eles prejudicavam. Depois começaram a se preocupar como eu, que comecei a cuidar os fatos, a olhar as coxilhas.

Na sua casa ninguém vai aplicar defensivo sem usar luva, botas, estar bem vestido e usar um chapéu bem grande. Até a máscara, que no tempo de usar pó ele acha que mais atrapalhava do que ajudava, hoje em dia está protegendo qualquer pessoa da família que fica com esta tarefa:

— No tempo do pó, quando se carregava nas costas o aplicador, o sujeito ia tirar a máscara — que sempre incomoda — e o pó caía todo prá dentro. Daí botava de novo e respirava direto prá dentro do pulmão. Agora, usando veneno na água e passando de trator é bem melhor usar.

Sua preocupação, porém, não fica apenas com a hora de aplicar o veneno. Ele deu um jeito de preparar um lugar especial para lavar os equipamentos de aplicação:

— É um lugar que fiz perto do meu mato, onde tem um canhadão, é que é da minha água própria. Também é lá no fundo que eu enterro as embalagens, para não prejudicar em nada prá ninguém.

EXPERIÊNCIA

Na lavoura do seu Albino Brudna, de Mauá (Ijuí), nunca ninguém se intoxicou, nem ele, nem os seus três filhos e nem o empregado. Eles não usam máscara, “que atrapalha muito e dá um nervoso”, mas estão sempre de luvas e prote-





Arlindo Schovanz: pessoal conscientizado

gendo bem o corpo na hora de passar veneno, cuidando ainda de manter o pulverizador sempre em condições. As embalagens vazias eles levam e amontoam perto da casa, "num lugar que não tem perigo de ser levado pela erosão e ir para os riachos. Cuidamos sempre de não deixar espalhado pela lavoura". Seu Albino conta ainda das outras preocupações:

— Abasteceu o pulverizador e daí tem que lavar as mãos com água e sabão. Quem fuma, só pode fumar com a mão lavada. Sempre se procura também as horas mais calmas do dia para aplicar. O nosso pulverizador é com barra, e a gente regula bem baixinho para o tratorista assim não pegar veneno.

Deixar de passar veneno é uma coisa que ele acha difícil, "pois na minha lavoura não dava para evitar, que daí se tinha prejuízo. Dizem que é para contar a quantia das pragas, mas isto a gente já conhece quando é demais, só de passada. Este ano quero ver se vou fazer a experiência da armadilha luminosa, de botar fogo na lavoura para atacar as borboletas. Aí se economiza veneno, porque na nossa região quase todo mundo precisou andar aplicando, que o ataque quando dá numa lavoura dá na região toda".

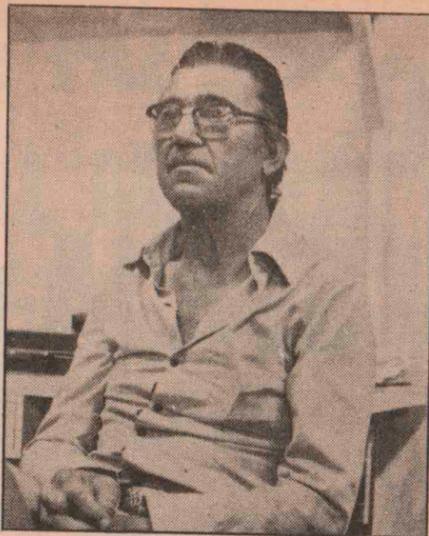
MEIO-AMBIENTE

Faz três anos agora que Arlindo Germano Schovanz, de Gamelinha, também em Tenente Portela, não aplica defensivo nem na soja e nem no trigo. "É que não houve necessidade", ele explica. "Às vezes aconteceu um pequeno ataque de lagarta, mas elas desapareceram por si mesmo, decerto por causa dos seus inimigos naturais".

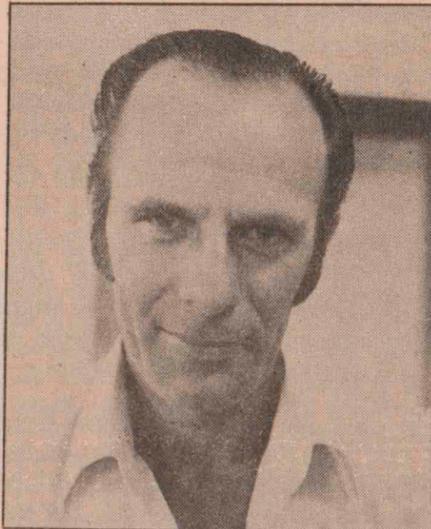
Ele meio que deixou os defensivos de lado mais para proteger a saúde, "tanto da gente como do meio-ambiente, porque toda vez que se aplica veneno se está largando este veneno no ar, e quanto mais a gente pode economizar, também mais se está protegendo a saúde".

Arlindo lembra que não é só ele, lá por Gamelinha, quem anda agindo assim nos últimos tempos:

— A nossa região, onde mais se conhece o pessoal, é de gente que está mais esclarecida quanto aos venenos. O pessoal está muito conscientizado de que não deve matar todos os insetos, e sim deixar os



Albino Brudna: não dava para evitar



Germano Wiegert: maior informação

inimigos naturais das pragas fazerem o seu trabalho. Mas isto muito quer dizer do pessoal, que varia de região para região, que tem lugar onde um vê uma lagarta e já corre para comprar o remédio.

MAIS INFORMAÇÕES

Esta mudança de atitude, de só aplicar quando realmente necessário, é explicada pelo Germano Wiegert, da Linha 13 Norte, Ajuricaba, como resultado de uma maior informação do produtor sobre o assunto. Ele, por exemplo, aplicou veneno na soja apenas em 5 hectares de lavoura, "pois mais não precisava, que não tinha lagarta. Antes, quando aparecia o primeiro bicho, a gente já matava. Se mudou por causa das informações que se teve, assim pelo rádio, e também porque não apareceu mais tanto e já não se tinha tanto medo. E o pior é que se viu que quanto mais se mata mais aparece, que também quando se aplica o veneno se mata o inimigo natural".

Lá pela sua propriedade, de 100 hectares, um pouco de cuidado sempre se teve. As embalagens vazias dos defensivos, por exemplo, ele bota numa laje, "um lugar já apropriado para isto".

O que ele não concorda é com a acusação de que é o próprio agricultor o único responsável e o maior culpado pelo uso errado dos defensivos agrícolas:

— Isto aí é culpado quem vendeu o negócio prá gente e não dizia que podia matar. Depois que todo mundo tava meio envenenado é que começaram a falar em usar máscara e estas coisas todas.

A cartilha dos não pode

— Não use defensivo sem necessidade. O ataque de pragas pode estar acontecendo de forma ainda muito fraca e num estágio em que não é prejudicial à lavoura. Controle as pragas de acordo com o manejo (veja na página ao lado).

— Não use um veneno do tipo "mata-tudo". Existe um defensivo eficiente e menos tóxico para cada caso. Os técnicos podem recomendar o que usar.

— Não aplique o defensivo antes de ler e entender corretamente as recomendações de aplicação.

— Não aplique mais do que o recomendado. Quantias maiores não darão resultado melhor e ainda por cima são um desperdício de dinheiro.

— Com vento forte, ou corrente de ar para cima, é bobagem e um perigo aplicar defensivos. Nestas condições, a maior parte do produto cai fora da lavoura e vai prejudicar a saúde das pessoas e animais das redondezas.

— Quando o tempo se preparar para chuva, não adianta fazer qualquer aplicação, que o tratamento não vai funcionar. Espere um tempo mais firme.

— Não repita qualquer tratamento que não deu resultado antes de procurar saber quais os motivos da falha. Procure um técnico.

— Evite fazer qualquer aplicação pelo menos 15 dias antes da colheita. Isto é importante para evitar que os alimentos mantenham restos de defensivos. Se a lavoura for diretamente para o consumo, tanto de pessoas como de animais, estes resíduos podem intoxicar.

— Não aplique qualquer defensivo perto de animais. Retire-os das pastagens que ficam em volta da lavoura e só os traga de volta depois de passar o tempo recomendado.

— Não deixe os animais beberem em cursos d'água que recebam água de lavouras tratadas.

— Não lave as máquinas de aplicação e nem despeje as águas de lavagem e os restos de defensivos em riachos ou açudes.

— Não lide com defensivos em locais fechados ou perto do fogo. Prefira o ar livre ou um ambiente bem ventilado.

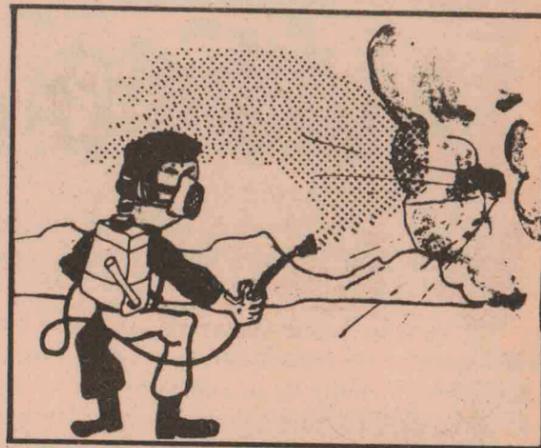
— Não faça aplicações com vento forte ou contra a direção do vento.

— Não faça a aplicação nas horas de sol quente.

— Não deixe as crianças e animais por perto dos locais de aplicação.

— Pessoas doentes não devem trabalhar com defensivos.

— Não aplique veneno com o corpo desprotegido. O recomendado é usar luvas, máscara, chapéu, botas, calças compridas e camisas



de manga, ou então um macacão.

— Evite respingos ou derramamento de líquido na hora de abrir as embalagens.

— Não carregue alimentos para perto da lavoura tratada. Não coma, não beba, e não fume durante a aplicação.

— Se precisar interromper o trabalho, deixe todo material bem protegido, em locais onde não possa causar acidentes. Faça isso, mesmo que pense em voltar em seguida.

— Não fuma, não beba e não coma antes de lavar bem as mãos e o rosto com água e sabão.

— Não utilize máquinas ou equipamentos com vazamento ou qualquer outro defeito. Não faça consertos improvisados.

— Nunca use a boca para desentupir bicos ou qualquer orifício, ou ainda para retirar o líquido das embalagens.

— Durante o tratamento evite o contato com as plantas pulverizadas.

— Não percorra lavouras recém-tratadas sem roupa de proteção.

— Não deixe para limpar os equipamentos mais tarde. Faça isto logo após a aplicação, inclusive lavando o material de proteção (luvas, máscaras, botas, etc).

— Nunca use embalagem vazia de defensivo para guardar alimento ou água.

— Não deixe embalagens vazias jogadas pela lavoura ou perto de vertente, açudes ou riachos. Queime ou enterre bem fundo.

— Nunca use a roupa de aplicação novamente antes de lavá-la.

— Não deixe de tomar banho com bastante água e sabão após cada dia de trabalho.

— Não use remédios caseiros em caso de intoxicação. Procure socorro médico.

— Se o defensivo entrou em contato com a pele, umedeceu a roupa, não continue trabalhando assim. Lave-se imediatamente com água e sabão e troque de roupa.

— Não guarde os defensivos perto de alimentos ou rações, ou em locais onde exista umidade. Mantenha-os longe de crianças e animais, guardando-os sempre em armários bem fechados.

Aplicação tem hora e lugar

A safra passada de soja veio comprovar que quem se apressou em passar defensivos para combater as pragas precisou fazer mais de uma aplicação. É que junto com as lagartas e os fedefede, morreram também os inimigos naturais, que são alguns insetos que se alimentam destas pragas, desempenhando o papel dos inseticidas. Já quem confiou também um pouco no controle da própria natureza, viu muitas vezes as pragas desaparecerem assim como chegaram. E não precisou aplicar nenhuma vez inseticida.

Em alguns casos, é claro, as pragas não iam desaparecer assim no mais, e realmente poderiam causar um prejuízo considerável na lavoura. Mesmo assim, porém, é bom ficar de olho aberto e controlar a incidência de pragas e o estágio de desenvolvimento da lavoura. É isto que se chama de manejo, uma prática simples e barata, que ajuda não só a economizar dinheiro como também a preservar a natureza.

CONTANDO AS PRAGAS

É fundamental no manejo saber em que épocas as pragas são realmente prejudiciais para a lavoura e qual a incidência de pragas que pode ser tolerada. Isto é feito com a ajuda de um pano branco que mede 80 centímetros de largura por um metro de comprimento. Ele deve ser colocado bem aberto entre duas fileiras de soja. Inclina-se as plantas de fora para dentro, batendo firme sobre elas, para que todas pragas que estejam nas plantas caiam sobre o pano. Depois de bater, solta-se as plantas e conta-se rapidamente as pragas que caíram sobre o pano.

O pano de batidas, que funciona muito bem para a contagem de lagartas e percevejos, não é eficiente para o controle da broca das axilas. Esta praga, que fica escondida dentro dos brotos da soja, vai exigir um pouco mais de trabalho. O produtor precisa contar primeiro o número de plantas que existem em dois metros de linha de soja. Depois observar quantas plantas estão atacadas nestes mesmos dois metros. Aí precisa fazer um cálculo para determinar a porcentagem de plantas atacadas. Se nos dois metros forem contadas 50 plantas e as 50 estão atacadas, o ataque da broca é de 100 por cento. Se nestes mesmos dois metros, 10 das plantas estão atacadas o prejuízo é de 20 por cento. O cálculo a fazer é o seguinte:

$10 \text{ plantas atacadas} \div 50 \text{ plantas} = 0,2 \text{ plantas}$

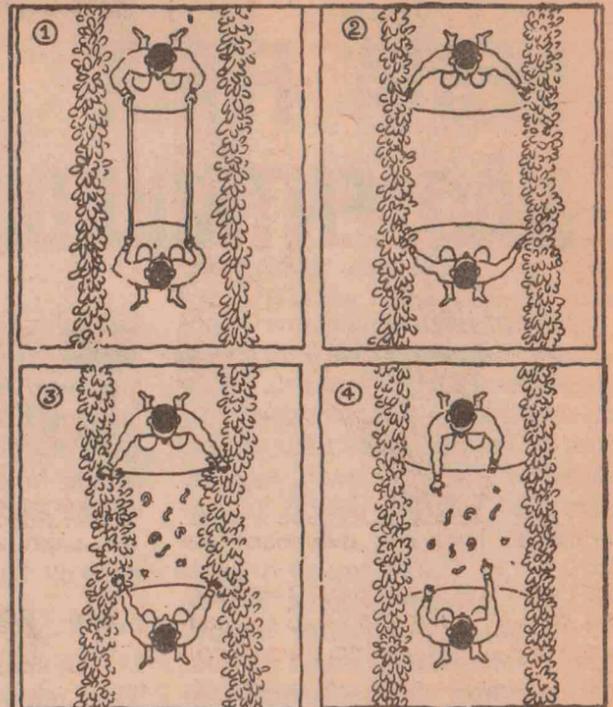
$0,2 \text{ plantas} \times 100 = 20\%$

DESFOLHAMENTO

No mesmo lugar onde foi feita a contagem de pragas, o produtor deve também observar qual o desfolhamento provocado pelas lagartas. Com a prática se determina facilmente o índice de desfolhamento, que se apresenta mais ou menos como na figura ao lado.

QUANDO APLICAR

Depois de fazer estas vistorias na lavoura é que se vai determinar a necessidade ou não de tratar a lavoura. A recomendação técnica, considerando apenas as lagartas com mais de 1,5 cen-



tímetros de comprimento, é de aplicar os defensivos apenas quando:

ANTES DA FLORAÇÃO FOREM ENCONTRADAS MAIS DE 40 LAGARTAS OU 30% DE DESFOLHAMENTO.

DEPOIS DA FLORAÇÃO FOREM ENCONTRADAS MAIS DE 40 LAGARTAS OU 15% DE DESFOLHAMENTO.

MAIS DE 30% DOS PONTEIROS ESTÃO ATACADOS PELA BROCA

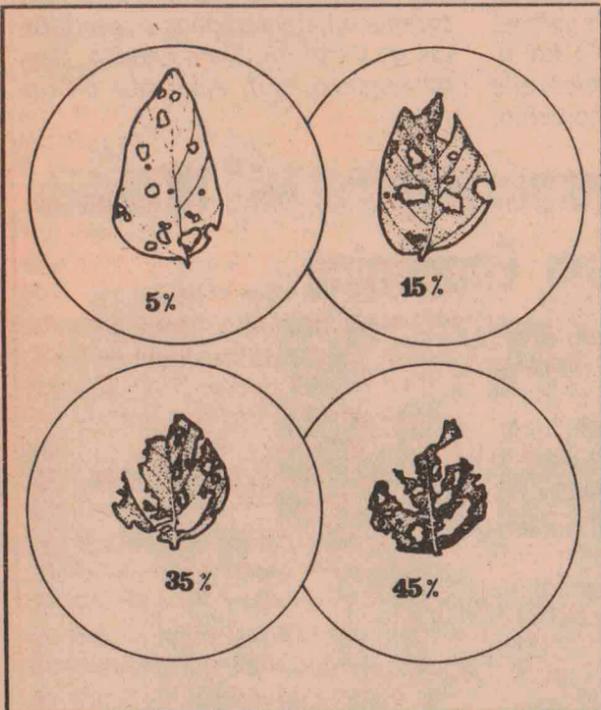
EXISTEM MAIS DE 4 PERCEVEJOS POR AMOSTRAGEM.

LEMBRETES

Sobre os percevejos é bom lembrar que eles só vão representar prejuízo depois que as plantas tiverem vagem. Antes disso é desnecessária qualquer aplicação. O ataque de percevejos começa nas beiradas da lavoura, que deve sempre ser vistoriada pelo produtor. Se forem encontrados mais de 4 percevejos medindo mais de meio centímetro é preciso aplicar defensivos apenas nesta faixa.

A vistoria da lavoura deve ser feita pelo menos uma vez por semana. Se o número de pragas estiver muito perto do limite é bom vistoriar as plantas duas vezes por semana.

Na fase de maturação, quando inicia o amarelamento e quedas das folhas da soja, não é mais necessário aplicar defensivos, mesmo que existam pragas na lavoura.



O bom sono em um colchão que é uma obra de arte

Orthofoam



VULCAN



ORTOPÉDICO DOUBLE-FACE
A eficiência deste colchão, realmente ortopédico, está no perfeito equilíbrio de sua composição. A camada central de espuma rígida estabelece o ponto de apoio do corpo. É constituído de uma face macia e outra firme.



NOBILE
Estampa exclusiva, totalmente acolchoado. Espuma com densidade controlada para longa vida. Fabricado em todas as medidas. Espessura: 12 cm



PERSONA ORTOPÉDICO
A alta densidade da espuma deste colchão o torna eficientemente ortopédico. Mantém a coluna na posição correta, proporcionando um "bom dormir". Fabricado em todas as medidas



DUQUESA
Além de manter as características de um colchão de alta qualidade, sua maciez controlada proporciona um sono tranquilo e repousante. Fabricado em todas as medidas. Espessura: 14 cm



Os colchões de espuma

(e também os travesseiros) você encontra nas Lojas

COTRIJUI



NESTA FEIRA NÃO ENTROU DINHEIRO

Quem não sabia o que estava acontecendo estranhava toda aquela movimentação em torno da venda de uma galinha, de um casal de coelhos ou até mesmo da troca de dois terneiros por um cavalo para ser usado no trabalho pesado da propriedade. Toda essa movimentação fazia a "1a. Feira Livre de Animais de Ijuí", que aconteceu no final de novembro, no Parque de Exposições "Assis Brasil" e que contou, entre outros, com a participação da Cotrijuí. Nesse dia, era comum o pessoal procurar negócio para um casal de faisão, galinhas, codornas, suínos, terneiros, vacas de leite, cavalos, cães. . . Um fato, considerado pelos organizadores até meio estranho foi a ausência de marrecos, gansos, perus e patos, animais bastante procurados pelo pessoal interessado.

Este tipo de comércio não é uma coisa nova: os povos antigos,

bem antes de aparecer o dinheiro e o sistema de compra e venda, costumavam se reunir de tempos em tempos para trocar os animais excedentes da propriedade por aqueles em falta ou por sacos de alimentos ou ainda por roupas de lã. Mesmo assim, a 1a. Feira foi uma novidade da região.

UMA TROCA DE EXCEDENTES

A idéia da realização de uma Feira neste estilo não era nova, "só faltava pôr na prática", comenta o Valdir Groff, veterinário da Cotrijuí. "Nosso pensamento, desde o início, era o de proporcionar alguma espécie de negócio, principalmente para o pequeno produtor, onde não houvesse a participação do intermediário, nem na compra e nem na troca de animais". As coisas começaram a acontecer mesmo, segundo o Valdir, depois de muito ouvir produtores se queixan-



Um sistema antigo de comércio foi uma novidade na região

do de que não sabiam o que fazer com os animais excedentes da propriedade. "Quem se dedica ao gado de leite, por exemplo, nunca sabe o que fazer com os terneiros machos. Então calculamos que essa Feira seria a oportunidade desses produtores se desfazerem das sobras de animais, sem precisar da cobertura financeira dos Bancos e muito menos da ação do intermediários", diz o Valdir.

Mesmo esperando uma participação maior por parte dos produtores da região, o Valdir Groff garante que a Feira cumpriu com a sua finalidade. E tanto foi o sucesso, que até uma próxima no mesmo estilo,

já está sendo programada para o mês de março do ano que vem, quando além de animais, poderão ser negociados trilhadeiras, arados, tratores e outros equipamentos que o produtor não utiliza mais na propriedade. Um alerta desde já do Valdir, é de que animais de valores muito elevados são os menos comercializados.

Sem ter idéia de volume dos negócios realizados na Feira, o Valdir garante que mais ou menos 75 por cento dos animais expostos foram comercializados por produtores de Panambi, Dom Pedrito, Santo Augusto, Ijuí, Ajuricaba e Cruz Alta.

Quando você aplica Blazer, a única coisa que fica em pé é a soja.

É só pulverizar Blazer sobre a lavoura de soja e você verá, 2 a 3 dias depois, mortos pelo chão: o Amendoim

Bravo ou Leiteiro, o Joá, o Carurú, a Trapoeiraba, o Picão Preto, o Picão Branco, a Corda de Viola ou Cipozinho.

A matança é total. O Carrasco só deixa em pé mesmo, a soja. Se você já aplicou Blazer, sabe que isso é

verdade. Caso nunca tenha usado, pergunte a quem já aplicou e só ouvirá uma resposta: O Carrasco é um "baita" produto.



Cotriexport entre as 10 mais do Ano Econômico



A Cotriexport, Companhia de Comércio Internacional (uma subsidiária da Cotrijuí), foi classificada pelo Ano Econômico entre as dez melhores empresas do Rio Grande do Sul, aparecendo nos itens crescimento de receita, rentabilidade do patrimônio e desempenho operacional.

As demais empresas destacadas do Rio Grande do Sul, em seus respectivos ramos, foram: Luxma - Aduvos Trevo, Previdência Aplub, Metalúrgica Gerda S.A., Pirelli Sul, Grendene S.A., Comercial Farroupilha (Grupo Ipiranga); Giacomet Marodin, Renner Hermann S.A. e Zamprogna S.A.

A entrega do prêmio (dez empresas gaúchas e dez de Santa Catarina)

aconteceu no Salão Negreiro do Pastoreio do Palácio Piratini, na noite do dia 12 de novembro, com a presença do governador Amaral de Souza, secretários de Estado e empresários dos diversos setores de atividade. A solenidade foi presidida pelo diretor-presidente da Rede Brasil Sul, jornalista Maurício Sirotsky Sobrinho, empresa editora do Anuário.

Na fotografia, momento em que o presidente da Cotriexport, Oswaldo Olmiro Meotti, recebia a plaqueta alusiva ao prêmio das mãos do sr. Carlos Brasil, Secretário Extraordinário do Governo para Assuntos Econômicos. Ao fundo o governador Amaral de Souza e outras autoridades.

Um terneiro com duas cabeças

Animais de qualquer espécie, que nascem com duas cabeças, até que não são tão raros como às vezes se pensa. Mas o departamento técnico da Cotrijuí registrou, em novembro, o nascimento de um terneiro com uma malformação bem difícil de acontecer. O animal nasceu no dia 13, na propriedade do agricultor Waldemar Roberto Kossa, da Linha 13 Leste em Ijuí, e tinha duas cabeças bem formadas, dois cérebros e duas ligações com a medula do espinhaço.

O veterinário Volnei Frizzo Nemitz e o inseminador Donato Farias Pe-

droso assistiram o parto, pois o seu Waldemar meio que se assustou, quando viu que a vaca holandesa encontrava dificuldades para dar cria. E o parto estava mesmo difícil, pois as duas cabeças do animal dificultavam o nascimento. O terneiro nasceu morto, pois deve ter sofrido asfixia, com tanta demora.

Volnei e Donato examinaram depois o terneiro, e notaram que ele não tinha nenhuma outra deformação, além das duas cabeças, uma igual a outra. O interessante é que a medula, que fica dentro do espinhaço e leva as ordens



Dois cabeças exatamente iguais

do cérebro ao resto do corpo, tinha ligações com as duas cabeças. Volnei conta que o último osso do espinhaço, perto da cabeça, tem, em casos normais, apenas um furinho, para passagem da medula. Mas este terneiro tinha um osso com dois furinhos, e dali saíam as duas ligações, uma pra cada lado.

É difícil de se dizer se

o terneiro sobreviveria, se tivesse nascido vivo, pois isso quase sempre não acontece. É, que se o animal tivesse ficado vivo, seria curioso de se ver qual das duas cabeças iria "pensar" e comandar os movimentos do corpo. Apesar do parto difícil, a vaca holandesa, de leite, não apresentou nenhum problema depois de dar cria.

Dia de Campo

Santo Augusto vai receber produtores da Região Pioneira, no próximo dia 15, para o segundo dia de campo organizado pela Cotrijuí para pecuaristas, a nível de propriedade de este ano. O dia de campo será aberto às 8 horas e 30, na Granja Taperinha, de Fernando Craidy, no Rincão dos Paiva. Ali serão percorridas as áreas com forrageiras perenes de verão, com comentários do proprietário.

Às 11 horas os produtores irão até a propriedade dos Irmãos Grimm, em Monte Alvão, onde acontecerá um debate sobre as forrageiras visitadas na Granja Taperinha. Também haverá palestras sobre a importância das forrageiras perenes de verão, pelo veterinário João Alves Teixeira e o agrônomo José Luís Kessler, da unidade de Santo Augusto, que trocarão idéias com os pecuaristas.

Às 12 horas e 30 será servido um churrasco, e a partir das 14 horas haverá uma palestra sobre comercialização de bovinos pela Cotrijuí. Às 16 horas o dia de campo será encerrado com uma visita à propriedade dos Grimm.

Em Cassino, uns dias na praia

Passar uns dias na praia, e deixar um pouco de lado as preocupações da lavoura, fica muito mais fácil para os associados da Cotrijuí que se inscrevem para o veraneio na Colônia de Férias da Cooperativa em Cassino, no município de Rio Grande. Este ano já estão sendo organizadas excursões em todas unidades, que seguem mais ou menos o mesmo esquema das temporadas anteriores.

Para veraneiar em Cassino os associados têm duas opções. Uma é participar de uma das excursões, se deslocando até a colônia em ônibus contratados pela Cotrijuí. O ônibus fará o percurso de ida e volta com passagens por Santa Maria. A duração do período de férias, nestes casos, será de seis dias, com o custo de Cr\$ 6.000,00 por pessoa (já incluindo as despesas de transporte e estadia). Crianças de dois a cinco anos pagam Cr\$ 2.000,00.

Quem preferir se deslocar até Cassino em con-

dução particular pagará Cr\$ 3.000,00 pelo período de 12 dias de veraneio. Em qualquer um dos casos, tanto de excursão, como de ida em carro particular, é necessário primeiro fazer a inscrição dos participantes, para que se possa programar direitinho a acomodação de todo mundo na colônia de férias.

Os participantes deverão sempre levar roupas de cama (lençol, fronha e cobertores) e ainda material de higiene pessoal (sabonete, pasta de dente, etc). Não existe acomodação em cama de casal e, por esta razão, tanto marido e mulher precisarão levar roupas de cama em separado.

As despesas do veraneio — fora as consideradas extraordinárias, como lanches e bebidas — podem ser debitados na conta-corrente do associado, desde que tenha entregue produto na Cotrijuí. Caso contrário, os pagamentos deverão ser feitos à vista, antes da saída da excursão.

UMA APLICAÇÃO DE PRIMEXTRA VALE ATÉ POR 4 CAPINAS.



E o mato nem aparece no milharal. E enquanto você descansa, seu milho cresce, cresce, cresce...



PRIMEXTRA
O herbicida para milho.

CIBA-GEIGY

A HORA DA MULHER BRIGAR

... não se conquista... missão e sim com diálogo... Ruben Ilgenfritz da Silva encerramento de sua palestra sobre a "Participação da Mulher no Processo Cooperativista", durante o encontro das Senhoras e Filhas de Associados de núcleos de Ajuricaba, Ijuí, Augusto Pestana e Vila Jóia. O encontro aconteceu em Ajuricaba, no dia 2 de dezembro. "Será que não está na hora de deixar um pouco de lado o crochê e o tricô e partir para uma discussão que vá mais longe do que economia doméstica?", perguntou ainda Ruben Ilgenfritz.

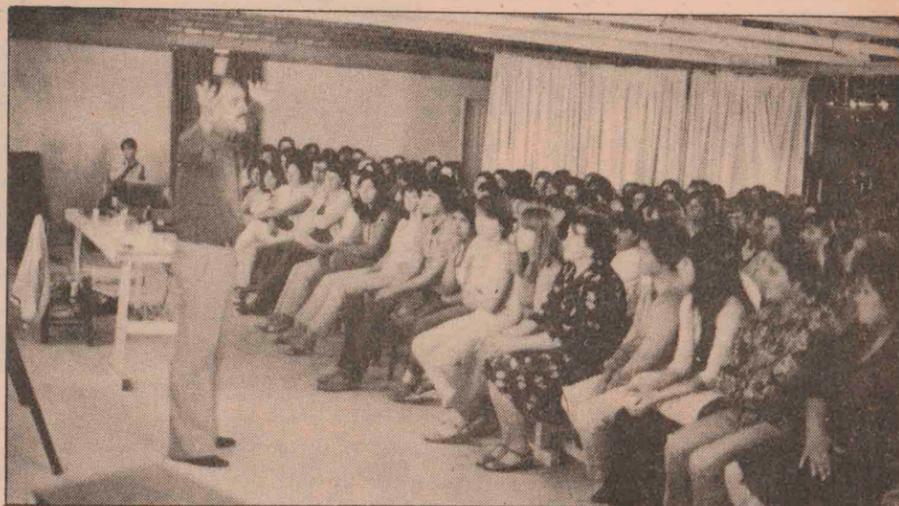
Antes do presidente da Cotrijuí falar sobre a participação da mulher do meio rural, as 250 senhoras e filhas de associados presentes ao encontro, ouviram o agrônomo Clóvis Rorato de Jesus falar sobre o "Sistema Cooperativo de Israel e a vida da mulher rural israelense". Através de projeção de slides, Clóvis mostrou como funciona um Kibutz — onde a terra é de todos e a atividade agrícola também é desenvolvida por todos — e como funciona um moshave — onde a terra é do governo e cada família tem a sua atividade. "Em Israel, o sistema cooperativista iniciou bem antes da própria criação do Estado de Israel, quando grupos que variavam de 30 a 400 famílias começaram a se reunir em agrovilas de onde até hoje tiram apenas o necessário para a sustentação das famílias", falou o Clóvis Rorato. Ele passou três meses em Israel durante este ano, onde fez um curso de contabilidade.

NOVOS CAMINHOS

Ao fazer uma retrospectiva da expansão da Cooperativa, "foi preciso crescer para competir", Ruben Ilgenfritz da Silva disse que hoje é tempo de se buscar novos caminhos, pensando num sistema cooperativista e não apenas numa cooperativa isolada". Admitiu também que se faz necessário uma análise mais profunda da atividade agrícola que está sendo desenvolvida. "Não podemos continuar numa dependência de coisas que os problemas estão muito distantes de nós. Quando tivermos mais atividades, também teremos menos riscos".

MAIS DISCUSSÃO

E a participação da mulher no sistema todo, como é que fica? Segundo Ruben Ilgenfritz, o sistema de produção não é estranho à mulher. Ela sabe como se semeia, se capina e se colhe. É ela que lida com os filhos, com a cozinha, com a ordenha, com a criação, "talvez esteja faltando apenas, entender um pouco melhor o mundo como um todo. A mulher de hoje precisa saber muito mais do que simplesmente usar os alimentos da melhor forma. Ela precisa discutir os destinos da sua organização". Foi em meio a estas colocações que as senhoras quiseram saber por que há tanta discriminação no sistema, com relação a participação da mulher? "Por que quando o marido morre, a mulher precisa se associar novamente à cooperativa?" Admitindo que as leis do cooperativismo não entendem a família como as-



O presidente da Cotrijuí lembrou que é tempo de buscar novos caminhos

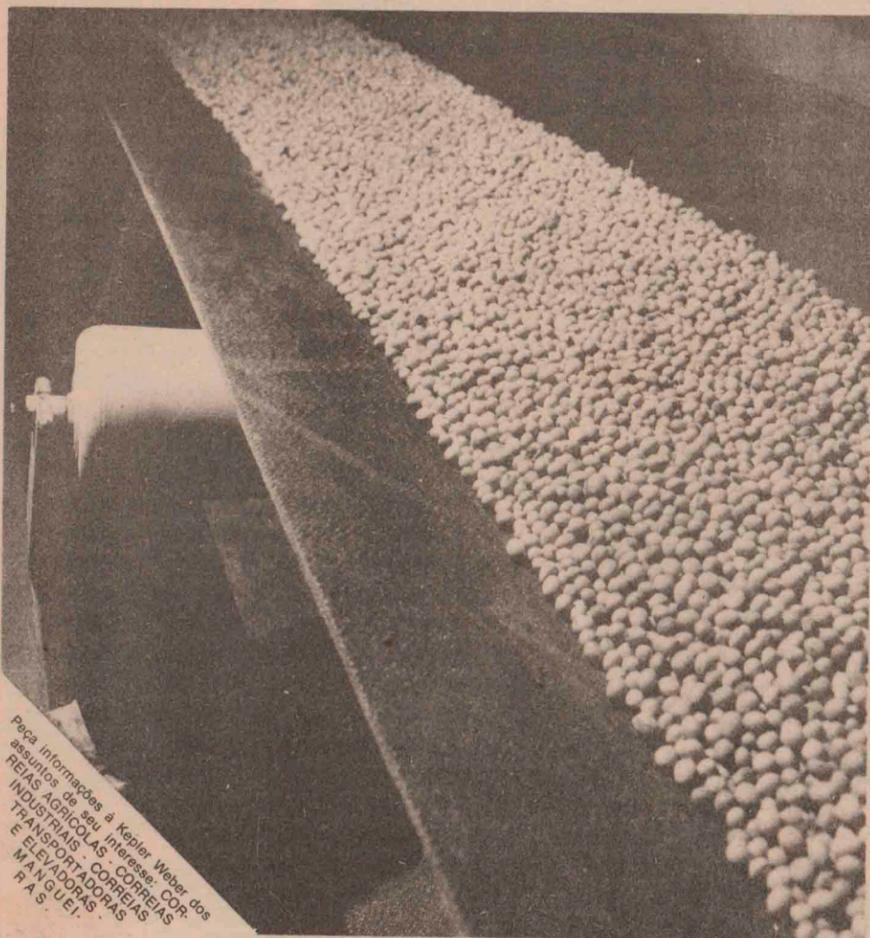


Clóvis contou um pouco de como é a vida da mulher israelense

sociado, o presidente da Cotrijuí lembrou, que embora de forma ainda não oficial, a mulher dentro da cooperativa já está tendo representação. "Está na hora da mulher começar a brigar mais por questões

como estas", reforçou.

Mais para a tarde, reunidas em grupos, as Senhoras puderam trocar experiências, e idéias. Houve ainda momentos de lazer, com apresentação de shows artísticos.



Peça informada à Kepler Weber dos assuntos de seu interesse. COPRIAS AGRÍCOLAS - CORREIAS INDUSTRIAIS - CORREIAS TRANSPORTADORAS - ELEVADORAS - MANEJADORAS - R.A.S.

Kepler Weber apresenta o melhor meio de transporte para seu produto: Correias Gates.

Na hora de transportar a colheita ou o produto da sua indústria, é indispensável que a correia trabalhe de maneira eficiente e sem interrupções.

Para que você não tenha problemas, a Kepler Weber coloca à sua disposição um completo estoque, além de uma equipe especializada em montagem e emendas de correias transportadoras. É a certeza de que, no transporte ou elevação, a melhor correia sempre estará trabalhando para você.



Kepler Weber S.A.

DEPTO. AGROCOMERCIAL

Rua Herrmann Meyer, 43 - Cx. Postal 2 - Fones 2 e 32 (055) 322-2194 - End. Telegr. "KEPLERSA"

Telex 0552349 KEWE BR - CEP 98280 Panambi - RS

O seu distribuidor  Gates do Brasil S.A.

VENDE-SE

Vende-se uma máquina combinada "BRAUD" em ótimo estado de conservação, e sujeita a qualquer exame.

Contatos com sr. Sírio em Ijuí, com sr. Saul em Dom Pedrito ou diretamente em nossos escritórios em Porto Alegre, pelos fones 21.67.55 ou 21.66.32 com Paulo ou Fagundes.



COTRIEXPORT

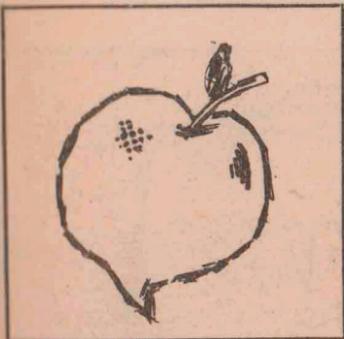
CORRETORA DE SEGUROS LTDA.

A COTRIJUÍ, dispõe de sua própria Corretora de Seguros prestando serviços aos associados, funcionários e amigos.

Seja você o próximo a usar os seus serviços, pedindo quaisquer informações sobre SEGUROS em geral.

Seguro é com a COTRIEXPORT — mais um elo de união.

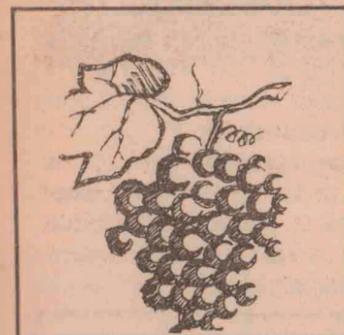
A LAVOURA NO MÊS



CITRUS-LARANJA

No período de verão existe um maior desenvolvimento dos vegetais, inclusive dos inços. Por esta razão o recomendado é que se mantenha a projeção da copa — ou a sombra da árvore ao meio-dia — limpa da concorrência de invasoras. Uma prática bastante positiva é cobrir a área capinada com palha ou outros resíduos para evitar o ressecamento do solo.

Outra prática a executar neste período é a eliminação de toda brotação que a planta emitir próximo ao solo. Esses ramos, chamados ladrões, prejudicam o rápido e adequado desenvolvimento da planta.



VIDEIRA

A massa foliar das parreiras tem tido bom desenvolvimento e, de um modo geral, há uma boa carga de frutas.

O que se tem observado é um intenso ataque de antracnose, que se manifesta na uva em forma de pequenas manchas, denominadas também de "olho de passarinho", o que causa grandes prejuízos à produção. O controle desta doença deve ser realizado de forma preventiva, onde podem ser usados vários produtos, como, por exemplo, Caligran ou outros, de acordo com a orientação técnica.

Na medida em que a uva vai crescendo e se aproximando da maturação, passa-se a utilizar produtos à base de Cobre, que são menos tóxicos, para o controle das doenças que ocorrem neste período. É importante lembrar que o tratamento somente é eficiente se for contínuo, ou seja, repetido com frequência. Após cada chuva é necessário fazer uma reaplicação dos defensivos, para assim garantir a perspectiva de produção.



FEIJÃO

As condições climáticas têm sido, de um modo geral, muito favoráveis à cultura do feijão. Assim, as lavouras em sua maioria, já passaram pelo período de florescimento e estão na fase de enchimento das vagens. Este período apresenta-se como oportuno ao ataque de percevejos, principalmente o fede-fede, o que pode trazer grande prejuízo à produção.

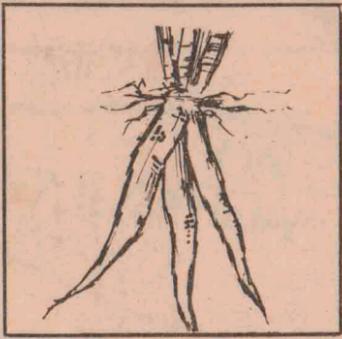
O controle dos percevejos deve ser efetuado assim que se notar a infestação, recomendando-se um contato com o Departamento Técnico das unidades antes da aplicação de defensivos específicos. Continua válida a orientação emitida no mês anterior, de não circular pela lavoura enquanto as folhas estiverem úmidas. Isto é para diminuir a transmissão de doenças de uma planta para as outras, evitando prejudicar a lavoura inteira.



BATATA

Encerrado o período de cultivo da batata, a chamada safra, resta agora armazenar o produto destinado ao consumo próprio e prever a área onde será realizado o cultivo da safriinha, que se inicia em fins de janeiro até fevereiro.

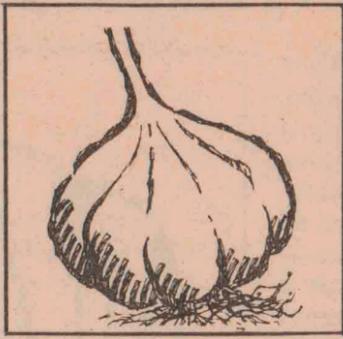
O armazenamento da batata não é muito seguro, mas se o produto for depositado em local fresco, arejado, e que não receba luz direta, as possibilidades de conservação aumentam. É preciso cuidar ainda para que o produto esteja bem maduro e que não tenha sido atacado por murchadeira. Observando-se estas condições, pode-se ter um bom resultado na armazenagem, dispondo-se do produto por um período mais longo, quando normalmente o preço da batata fica mais elevado.



MANDIOCA

As novas variedades introduzidas no CTC (Centro de Treinamento Cotrijuí) estão se desenvolvendo bem, o que também ocorre com a maioria das lavouras da região.

Neste período, para as lavouras implantadas em solos de fertilidade baixa, deve-se fazer uma cobertura com uréia na proporção de 50 quilos por hectare. Esta prática aumentará o vigor da planta e melhorará as condições de formação das raízes. A aplicação de uréia é mais eficiente se for efetuada quando o solo apresentar um adequado nível de umidade.

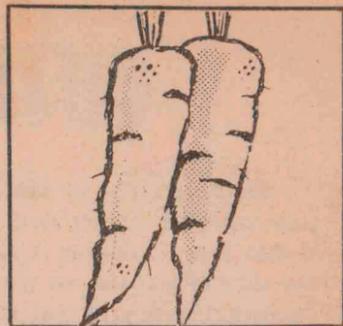


ALHO

O alho das variedades precoces, na sua maioria, já foi comercializado, pois está completamente curado.

O alho Portela, colhido mais tarde, somente agora está começando a ficar em condições de comercialização. Esta variedade está apresentando perspectivas muito animadoras de colocação, devido a sua boa qualidade.

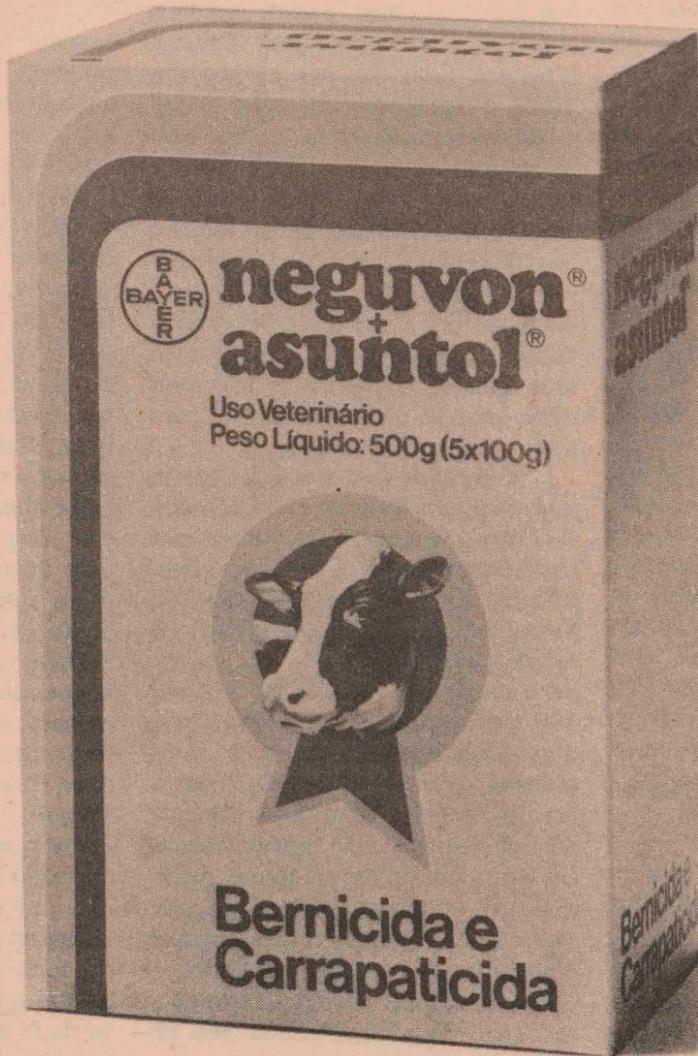
Lembra-se mais uma vez a importância de um cuidado na preparação final do alho, ou seja, a cura e limpeza, que são fundamentais para se obter resultados compensadores e uma melhor cotação comercial.



HORTALIÇAS DIVERSAS

O período mais quente do ano traz algumas dificuldades para a produção de hortaliças. Mesmo assim, existindo a possibilidade de obtenção de água, o produtor pode conseguir bons resultados com esta atividade. A horta doméstica pode fornecer produtos de boa qualidade, pois hoje existem variedades da maior parte de hortaliças que se adaptam muito bem ao cultivo de verão. Assim, tomate, pimentão, repolho, alface, rúcula, feijão-vagem e outras, podem ser cultivados de acordo com a orientação técnica na seleção das variedades. Os canteiros devem ser cobertos com palha, para manter os níveis de umidade e facilitar o desenvolvimento das plantas.

O tratamento de saúde e beleza da vaca moderna.



As mais famosas estrelas do leite usam Neguvon + Asuntol.

Sua fórmula exclusiva garante maior eficiência com menos mão-de-obra. É só seguir as instruções e esquecer por muito tempo os bernes e carrapatos.

Neguvon + Asuntol é o único que permite uma ordenha 10 horas depois da aplicação.

Vaca que se preza sabe que não existe nada mais prático, confortável e seguro do que a dupla ação de Neguvon + Asuntol e sua proteção mais prolongada.

Neguvon[®]
+
Asuntol[®]



Se é Bayer, é bom.

Crédito

OUTRA MUDANÇA NÃO SERÁ SURPRESA

Seria surpresa se 1982 não tivesse também, como vem ocorrendo ano a ano, alguma mudança na área de crédito para a agricultura. Pois esta surpresa não vai acontecer. O Conselho Monetário Nacional estará reunido, neste fim de ano, e repetirá de novo uma medida que o governo vem adotando, principalmente de 1978 para cá: vai restringir ainda mais os financiamentos aos produtores, e especialmente aos médios e grandes. A reunião do CMN acontecerá no próximo dia 21, mas as alterações do Pacote de Natal deste ano já são mais ou menos conhecidas.

Assessores dos ministérios da Agricultura e do Planejamento se encarregaram de divulgar as mudanças, mesmo que elas não sejam ainda oficiais. No início, se falou muito num aumento do juro, que dos 45 por cento atuais, para custeio, passaria para 60 por cento. Depois, houve quem dissesse que as taxas ficariam em 55 por cento, e finalmente o governo antecipou o que realmente irá mudar. A taxa deverá permanecer a mesma, mas a forma de liberação dos financiamentos para custeio é que irão arrochar ainda mais o produtor.

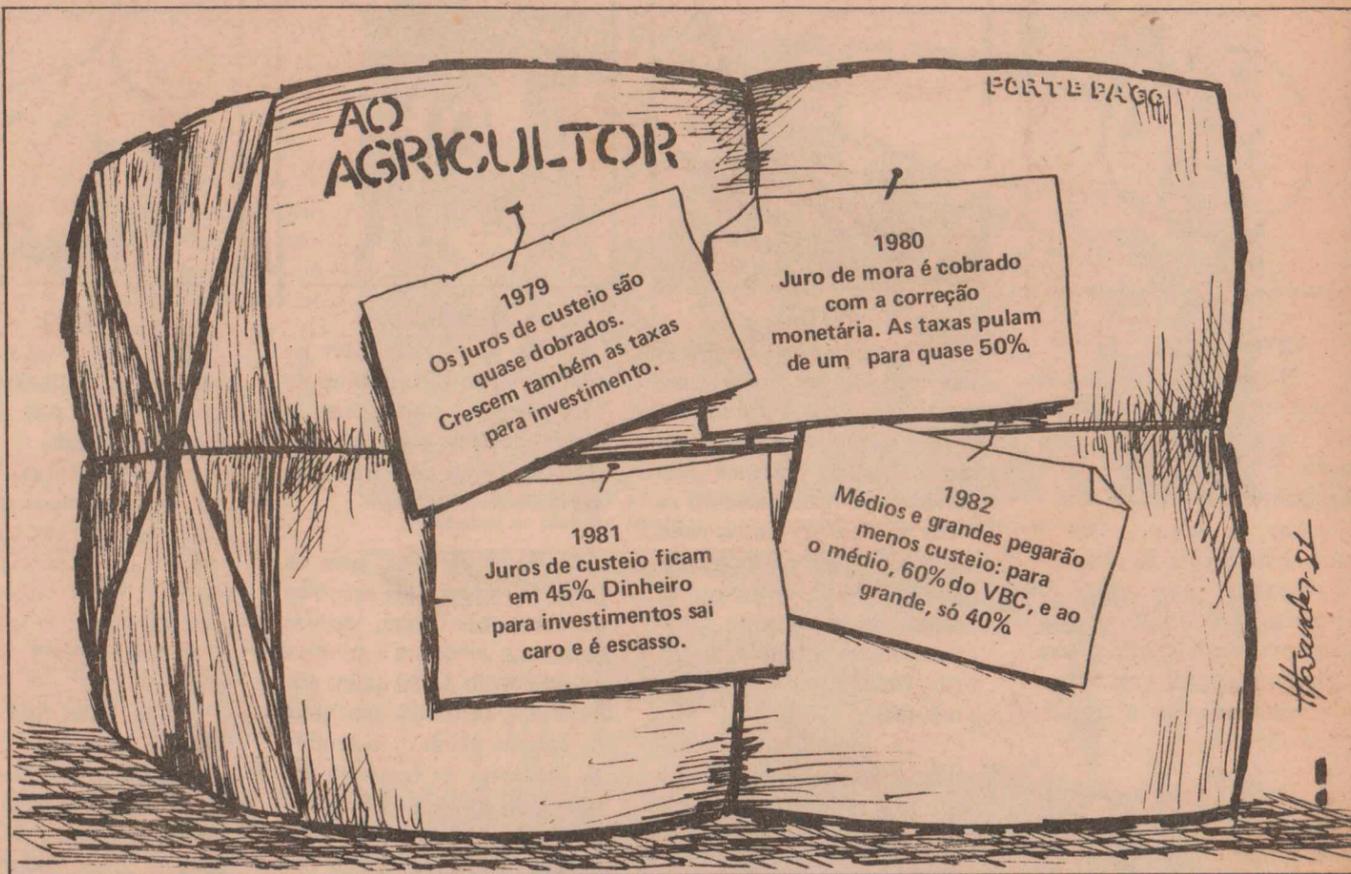
MÉDIOS E GRANDES, OS ATINGIDOS

As últimas informações vindas de Brasília, e que são dadas como as mais certas, anunciam que o médio produtor não mais receberá 80 por cento do VBC (Valor Básico de Custeio) para as lavouras plantadas em 1982. Estes passariam a receber apenas 60 por cento do total do custo previsto da lavoura. Isso quer dizer que, se o VBC para a soja fosse, por exemplo, de Cr\$ 20 mil, o agricultor considerado médio receberia apenas Cr\$ 12 mil. Os outros Cr\$ 8 mil, para completar o custeio, teriam que ser buscados nos bancos a juros de mercado, com taxas pra mais de 100 por cento ao ano.

O grande produtor também vai receber menos. Atualmente, ele pega 60 por cento do VBC, e a partir de 1982 deverá tomar apenas 40 por cento dos recursos necessários. Os outros 60 por cento, para cobertura do custeio, ele terá que buscar também nos bancos com taxas de juros altas. Ainda não se sabe, no entanto, como ficará a situação dos minis e pequenos produtores, que talvez continuem recebendo 100 por cento dos recursos necessários. Também quanto a investimentos, as mudanças não foram divulgadas.

EM 1979 COMEÇOU O ARROCHO

Com uma olhada para trás, se confirma que o arrocho no crédito para o agricultor começa a acontecer, aos poucos, bem na época em que a agricultura é anunciada como atividade prioritária para o governo. Durante a década de 70, e até 1978,



os juros para custeio agrícola e investimentos eram de 15 por cento, para grandes e médios, e de 13 por cento para minis e pequenos. Mas em 78 o governo decide diferenciar bem os produtores, considerando as rendas de cada um, e em 1979 entram em vigor os novos critérios para liberação de financiamentos.

A partir de 1979, então, os minis e pequenos têm custeios com juros de 24 por cento, e investimentos com taxas de 29 por cento. Os médios e grandes pegam custeios com taxas de 33 por cento, e investimentos com 38 por cento. Em 1980, o crédito aperta mais, e o juro de mora, que era de um por cento ao ano, pula para quase 50 por cento, de acordo com a correção monetária, calculada com base nas taxas ORTNS (Obrigações Reajustáveis do Tesouro Nacional). Com o aumento dos juros de mora, o agricultor ficou obrigado a saldar logo seus débitos no banco, e não mais pôde esperar melhores preços para a sua soja.

Este ano, veio o maior aperto, que atingiu principalmente os investimentos. As taxas de custeio foram unificadas em 45 por cento, valendo para todos os produtores (minis, pequenos, médios e grandes). A diferença é que, a partir daí, os minis e pequenos começaram a tomar 100 por cento do custeio; os médios pegaram 80 por cento; e os grandes, 60 por cento. Os investimentos ficaram com uma taxa de 45 por cento ao ano apenas nos casos de reformas de máquinas, aquisição de implementos e outros maquinários movidos à tração animal ou à combustível não-importado.

Os tratores, as automotrizes e todas as máquinas pesadas tiveram que ser compradas com juros de

mais de 70 por cento. Mas o problema não foi só o dinheiro caro, oferecido para investimentos, mas a escassez dessas verbas. Os recursos estiveram tão escassos, durante o ano, que as filas, para conseguir financiamentos para máquinas, cresceram bastante, e houve indústrias dessa área que enfrentaram dificuldades, em função da pouca demanda, da falta de compradores.

PROBLEMA É COM O SUBSÍDIO

Essas restrições, que vão alarmando os produtores, reduzem pouco a pouco o subsídio dado à agricultura. Esse subsídio, na forma de juros baixos, representaria um custo muito alto, e estaria estimulando a inflação (veja matéria sobre Crédito Rural, no Cotrijornal de outubro). A forma como retirar o subsídio é que às vezes divide os ministros em Brasília, como aconteceu agora. O ministro da Agricultura, Amaury Stábile, defendeu a manutenção dos juros em 45 por cento, e uma mudança apenas na diferenciação dos produtores, com menos recursos para médios e grandes.

O presidente do Banco Central, Carlos Langoni, queria que os juros subissem para 55 ou 60 por cento, mas parece que perdeu para Stábile, na hora de se definir o que iria ser alterado. O ministro da Agricultura acha que, com o crédito mais caro, o produtor terá, de qualquer forma, compensações. "A partir daí — diz ele, os agricultores vão encontrar seus preços no próprio mercado". Com isso, ele quer dizer que, ao mesmo tempo em que se aumenta o preço do dinheiro, o produtor também poderá conseguir preços mais altos para suas safras. A verdade é que, desde 78, quando os juros começaram a subir, o agricul-

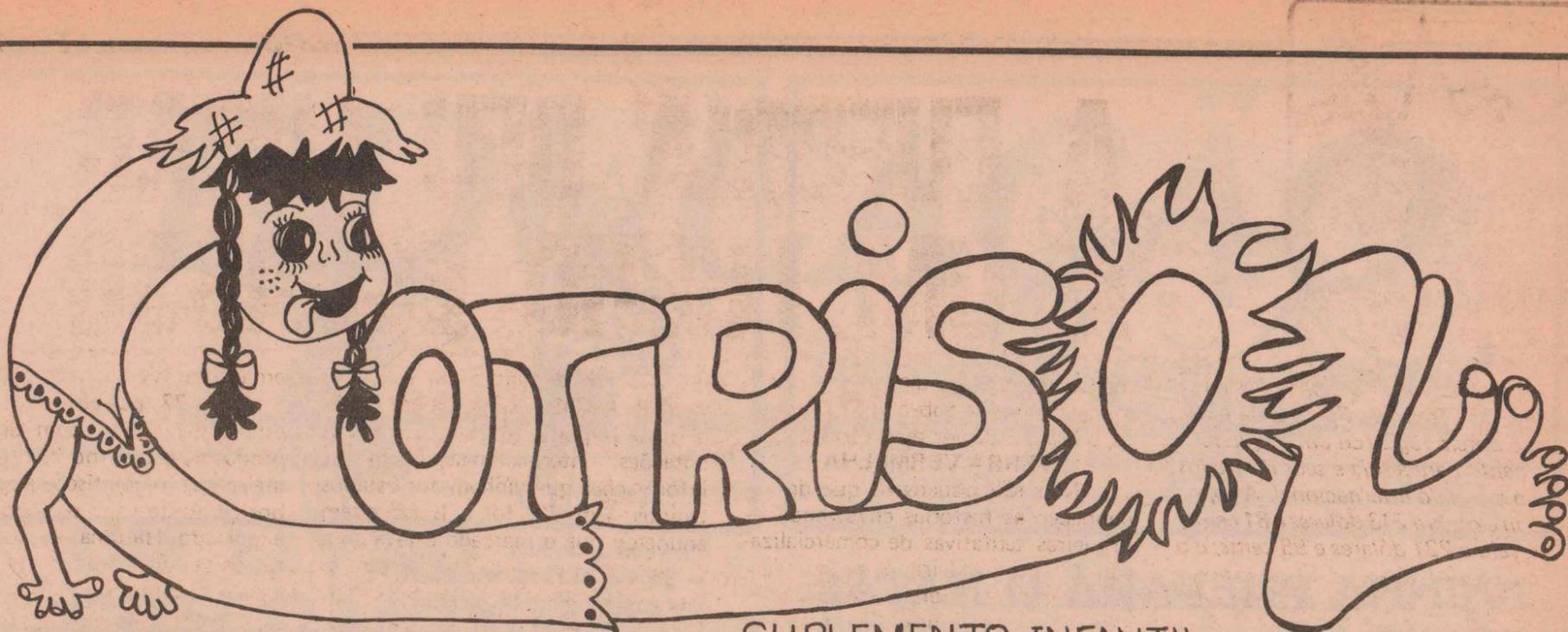
tor não viu o preço de seus produtos também aumentar.

COMERCIALIZAÇÃO LIVRE EM 82

A reunião do Conselho Monetário Nacional, dia 21, deverá confirmar essas notícias desfavoráveis para o produtor, em termos de crédito, mas também aprovará, pelo menos, uma boa decisão para as cooperativas e indústrias. É que o governo decidiu acolher uma antiga reivindicação das entidades ligadas à produção e industrialização da soja, e finalmente deixará livre a comercialização do produto, a partir de 1982. Isso quer dizer que não mais serão fixadas previamente as quotas de exportação, como vinha ocorrendo até agora, para garantia do abastecimento interno.

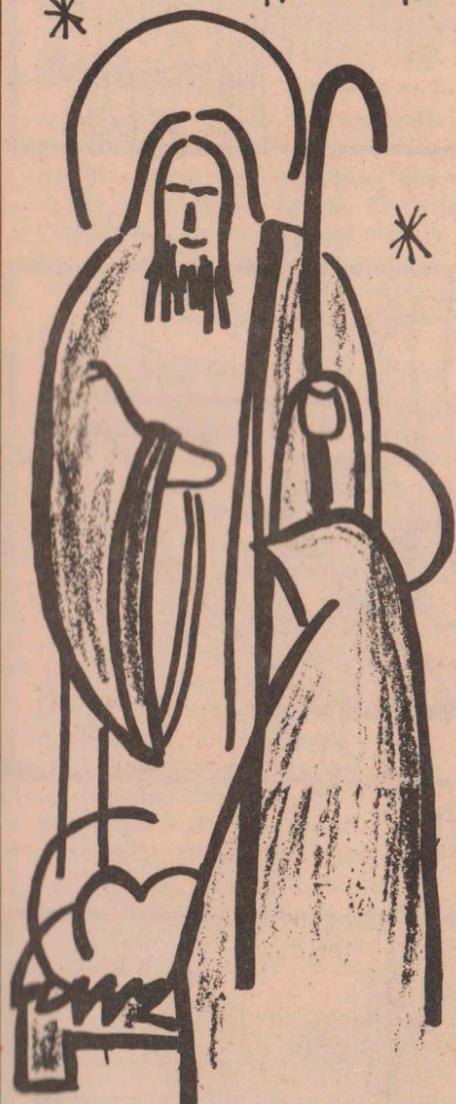
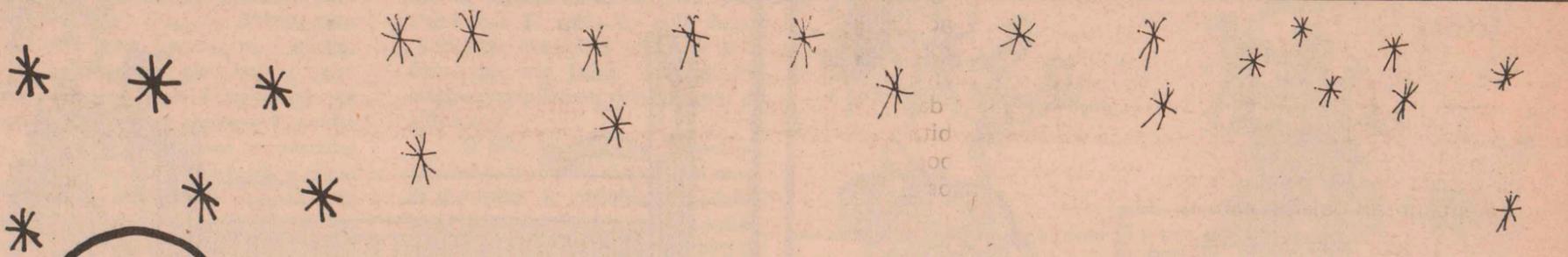
Se isso ocorrer, conforme se anuncia, as exportações de grãos, óleo e farelo serão livres, e o Brasil poderá inclusive importar o que for necessário. Para que o abastecimento nacional seja garantido, será formado apenas um pool, um grupo de indústrias, que ficarão com o encargo de assegurar o suprimento interno. Assim, haveria uma espécie de estoque regulador de todos os derivados da soja.

Segundo Oswaldo Meotti, diretor financeiro e administrativo da Cotrijuí, essa medida "há muito era esperada", e permitirá que o produtor brasileiro se mantenha o ano todo no mercado. Até agora, as quotas estabelecidas para exportações vinham sendo imprevisíveis, e isso dificultava as previsões de negócios. "O produtor — diz Meotti — já pode se guiar sozinho quanto a mercado". Para ele, a decisão "vai premiar quem é dinâmico", ou seja, quem realmente entende de comercialização e é capaz de fechar bons negócios.



SUPLEMENTO INFANTIL

ELABORADO NA ESCOLA DE 1º GRAU FRANCISCO DE ASSIS - FIDENE IJUI



NOITE DE NATAL

O Natal de 1981 aproxima-se. As crianças estavam felizes. Elas preocupavam-se com a limpeza e arrumação da casa.

— Vou lavar o assoalho da casa até virar espelho, disse Maria, de 10 anos.

— Eu vou varrer o pátio, retirando folhas secas, disse Raul, de 9 anos.

— Eu vou limpar o galinheiro, o chiqueiro, a estrebaria, prometeu Ricardo, de 8 anos.

Todas as crianças da casa combinaram enfeitar bem o lugar onde moram, enquanto os pais foram trabalhar na roça.

— Vamos ensaiar um canto bem lindo? Convidou uma das crianças, toda entusiasmada.

— Uma música bem suave — sugeriu Raul.

— Uma música cheia de amor — disse Maria, suspirando.

E as crianças, cada uma diferente da outra, falaram de jeito igual.

— Vamos fazer da Noite do Natal 1981, uma noite especial.

E a faxina começou. As crianças não paravam. Iam e vinham. Arrumando, limpando, lavando, enfeitando. Em pouco tempo tudo ficou tão bonito!

— Isto está maravilhoso — comentou Ricardo.

— Agora vamos refletir mais no Natal, lembrou uma das crianças.

— Mas o que significa mesmo,

Natal?

Falaram ao mesmo tempo, as três crianças.

Correram para falar com o Vovô.

Vovô estava pensativo.

— O Natal me deixa tão feliz e ao mesmo tempo, preocupado!

As crianças contaram que tinham enfeitado bem a casa.

— Tudo está brilhando — gabou-se Maria.

— E as outras crianças também estão preparadas para festejar o Natal? — perguntou muito curioso, Ricardinho.

Vovô explicou:

— Não, nem todas estão preparadas para o Natal.

E contou!

Alguns pais compram tantos brinquedos prontos nas lojas, até o pinheirinho e não dão oportunidade para que as crianças participem dos preparativos do Natal.

Hoje em dia o Natal para certas famílias não lembra o Nascimento de Jesus e sim uma data a mais para dar festas e receber presentes.

— Vovô, o que nós podemos fazer para devolver ao Natal, o seu verdadeiro sentido?

— Ah! meus amiguinhos. Que esta festa não seja apenas uma data a mais para consumir, consumir... coisas.

— Que cada criatura ame mais o seu irmão e que todas as crianças tenham as mesmas condições de vida.

E contou!

— Nesta Noite seria bom que todos virassem irmãos; que todos pensassem mais na mensagem de amor que Jesus trouxe à Humanidade.

Maria falou:

— Então o Natal seria a Noite do amor!

— Nesta noite as pessoas pensariam nas injustiças, nas maldades, na exploração e procurassem mudar o que está errado. Falou vovô.

— Aí as crianças teriam todos os mesmos direitos, as mesmas oportunidades? Indagou Ricardo.

— Sim, respondeu vovô.

E uma música foi inventada pelas crianças:

Natal, Natal
Nós vimos Jesus descer à Terra...

Nascer... trazendo mais

Amor

Paz

Justiça...

Para todas as crianças.

Pensamos nos reis e nos que

não são reis.

Jesus não gosta de ouvir falar

das guerras e dos comércios.

Dos exploradores e dos malfeitores.

Este mundo está tão ruim,

Jesus se entristece!

Depois ele adormece,

E nós o levamos no colo

Para dentro de nossa casa!

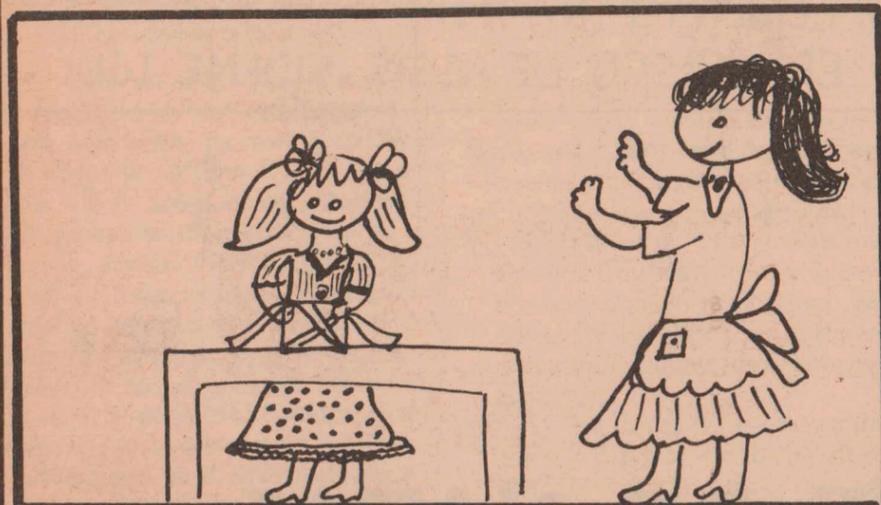
— Texto: Irene L. Lucchese



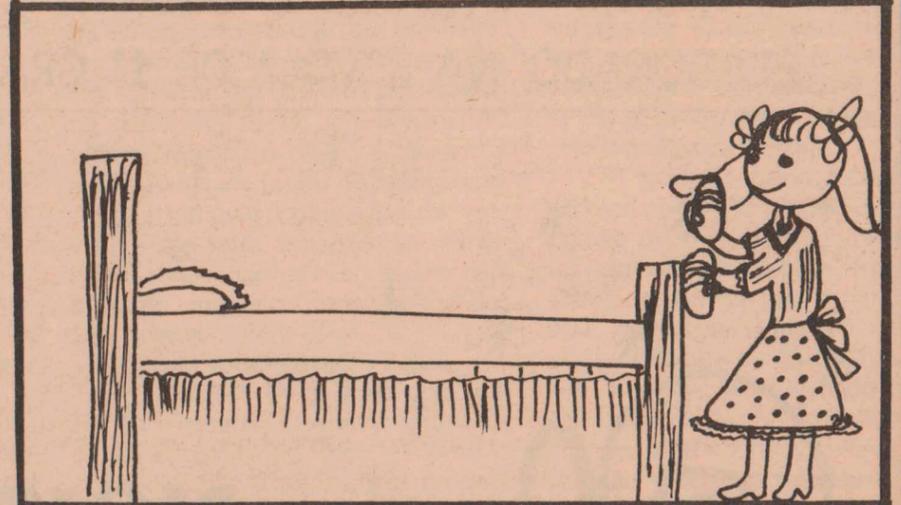
ANINHA PREPARA O NATAL



1. Para cama, Aninha!
— Espera, não está terminado,
vou colocar a minha estrela.



2. Rápido para cama, menina!
— Não terminei o meu pacote.



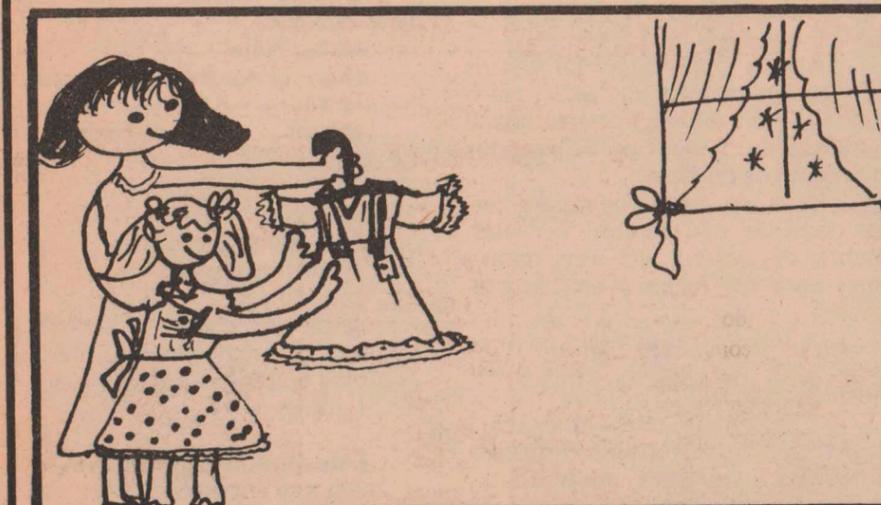
3. E o pai não colocou ainda
seus chinelos na frente da cama.



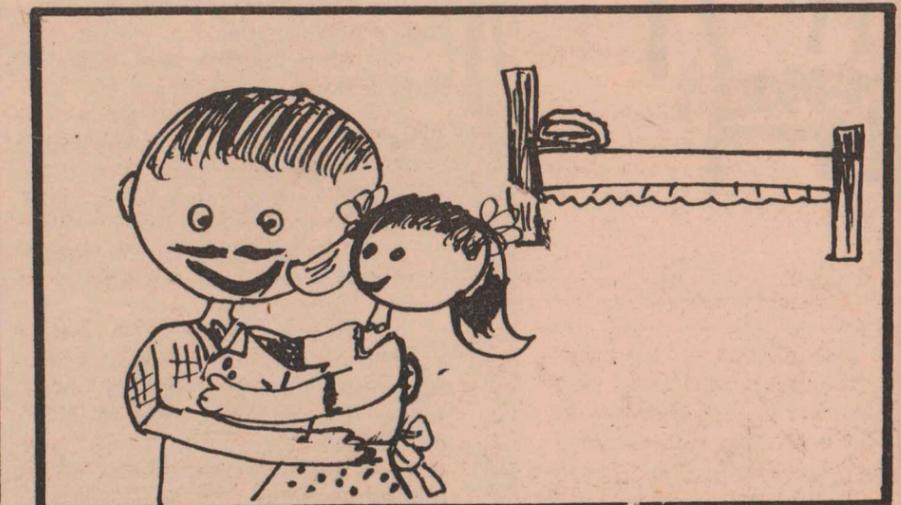
4. Rápido, rápido para cama.
— Espera, não terminei,
quero ver o pinheiro iluminado.



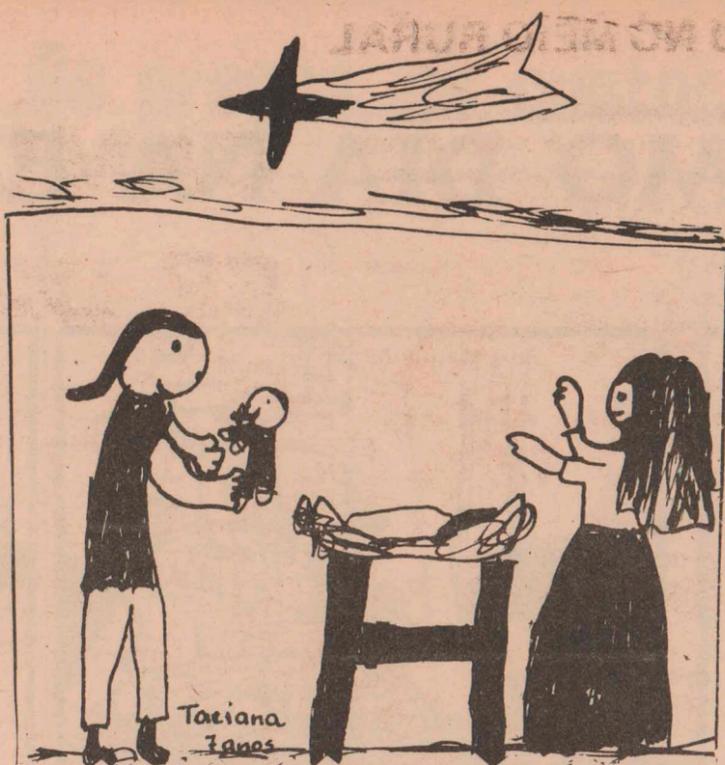
5. — E quero olhar para fora as luzes.
E depois, não tenho vontade de ir
para cama!



6. Mãe diz:
— Olhas, eu preparei a tua saia e a
blusa nova para amanhã.



7. Se tu não dorme,
Nunca vai ser amanhã,
E amanhã é Natal.
Boa Noite, Aninha!



O Presépio

A palavra presépio significa mangedoura para os animais.

Jesus Cristo, ao nascer na gruta de Belém, foi envolto em faixas e colocado sobre uma mangedoura forrada de palha. Era o presépio. As paredes fortes e simples, chão de pedras, a cobertura de palhas. De limpo e bem cuidado só um lugar: a mangedoura, onde eram postas ervas e alimento dos animais.

Vocês conhecem a história do presépio? Foi assim.

Era uma vez uma povoação pequena e pobre. Não era a mais bonita. Mas haveria de se tornar a mais

famosa porque diziam as antigas histórias que ali haveria de nascer o grande rei, o mais poderoso rei.

Certo dia surgiu uma lei que mandava todas as pessoas irem a cidade onde tinham nascido, para dizerem às autoridades o seu trabalho, a sua residência e o número de filhos.

E a lei foi obedecida.

De uma cidade chamada Nazaré partiu para a de Belém, um carpinteiro, José, com sua esposa Maria.

Mas, por causa daquela lei, os homens e as mulheres de todas as

aldeias e campos do país, foram para Belém, e ocuparam todos os lugares onde se poderia dormir.

Quando José e Maria chegaram não conseguiram um só lugar para se instalar. Podem imaginar com que desconforto Maria viajara, já que estava grávida.

A noite vinha chegando e era preciso encontrar um abrigo para passar a noite. Procuraram pelos arredores da cidade, mas não encontraram uma só casa que tivesse lugar para eles.

Até que, passando perto de um presépio, perceberam um lugar

onde poderiam ficar. E nesse presépio, naquela noite, nasceu Jesus Cristo, que foi anunciado pelos anjos do céu como o grande Rei que traria uma mensagem de amor à humanidade. Ele nos ensinou muitas coisas e agora nós compreendemos que só nas mãos desse Menino poderemos ter paz, segurança, vida, essas mãos que Ele nos estende no Presépio, não para nos repelir, mas pelo contrário, para nos trazer a Si, numa demonstração de amor e de piedade para com todas as crianças, principalmente, àquelas que sofrem.

CARTAS

Recebemos bonitas cartinhas de:

Marisa Beatriz Scheffler da Linha 9 Oeste – Ijuí. Ela escreve que gosta de ler as estorinhas e as adivinhações.

Rúbia Isabel Scheffler – “Estou escrevendo com muita alegria e vontade. Gosto muito do Cotrisol”... mandou uma história ilustrada e lembranças prá nós...

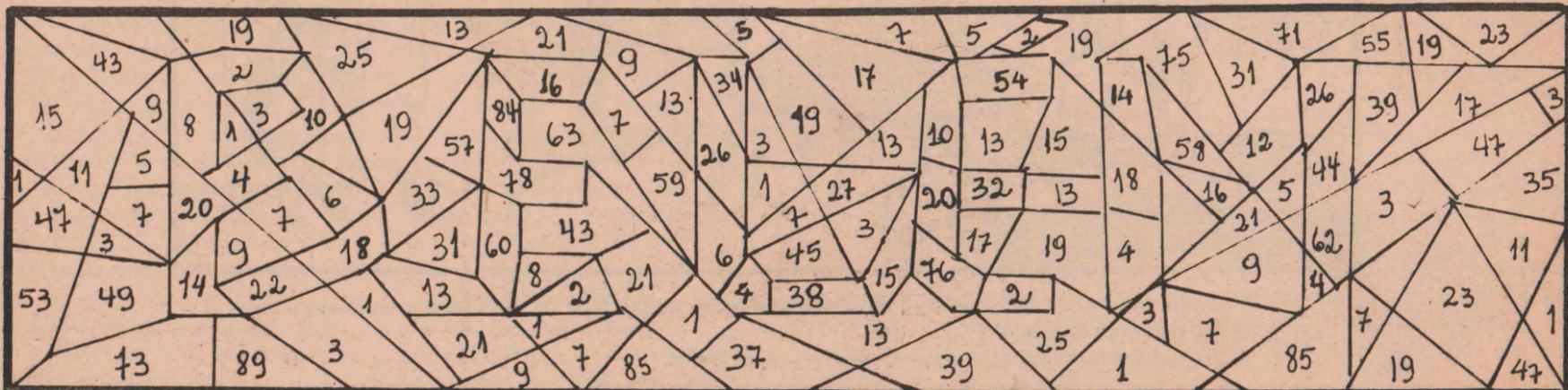
Telmo Egmar Deifeld da Linha 25 Norte – Ajuricaba – diz: “Sou amigo do Cotrisol”. Manda alguns “ditos populares”.

Agradecemos as cartinhas e aguardem que publicaremos as contribuições.

Continuem escrevendo para o Cotrisol – Rua das Chácaras, nº 1513 – Ijuí, RS.

Números pares

Com lápis de cor encha todos os espaços que tenham números pares. Assim você vai saber o local que nasceu o Menino Jesus.



O ÚLTIMO DIA NA ESCOLA



1. É o último dia de escola. A professora diz: — hoje vamos guardar tudo!



2. Primeiro, se esvazia as prateleiras. Os desenhos estão atados com um elástico. Os recortes estão guardados numa pasta.



3. Maria reencontra a sua bonita flor. — Oh, eu a tinha esquecido. Vou dar a minha avó.



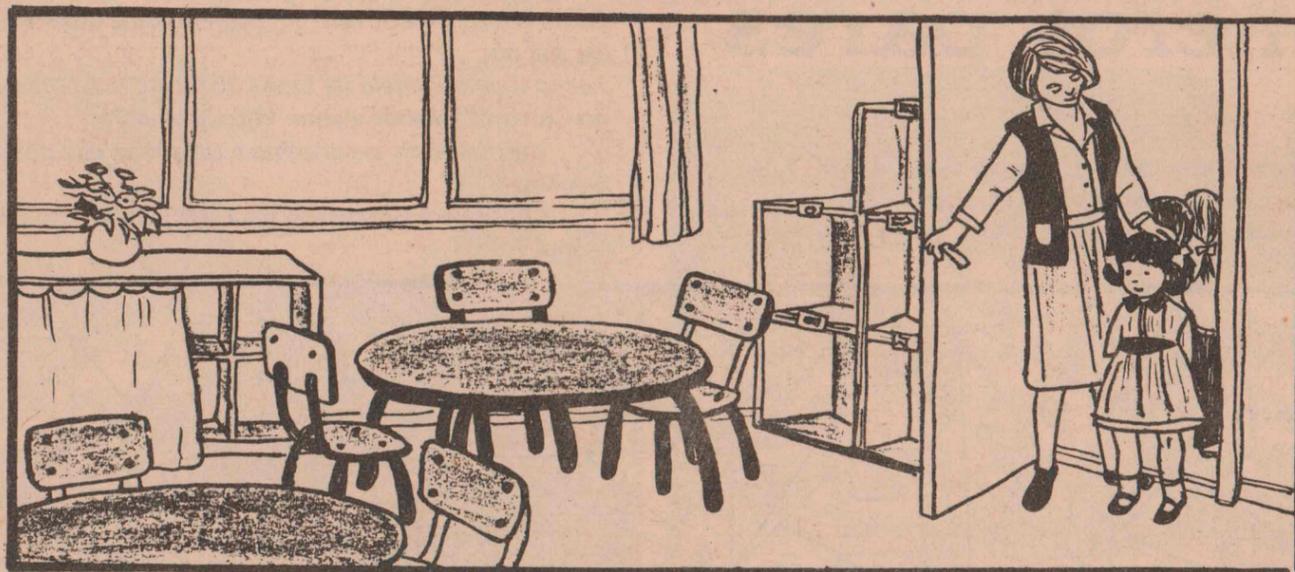
4. João tira os desenhos do mural. Marcos guarda os percevejos na caixa e Claire bota as folhas na mesa.



5. As crianças desatam também as bandeirolas. Marisa se enrola com elas para se fantasiar de rainha. Telmo grita: — pára, tu vais estragá-las!



6. José e Rosa juntam os papéis. O cartaz, na ponta, está um pouco rasgado. Maria pergunta: — posso ficar com ele?



7. Não tem mais nada nas paredes e as prateleiras estão vazias. Não dá mais para reconhecer a sala. Maria diz: Que engraçado! A professora fecha devagar a porta. Agora, eis as férias.

EDUCAÇÃO

COMUNIDADE – FAMÍLIA – ESCOLA

Suplemento elaborado pelo Grupo de Assessoria aos Professores Rurais – Convênio Cotrijuí/Fidene

UM LIVRO COM CARINHO

Aprender a ler e escrever são habilidades mínimas a serem alcançadas pelas crianças nos primeiros anos de escola. É a chamada alfabetização. Isso dito assim sem maiores comentários está supondo que todas as crianças, ao adquirirem a capacidade de compreender os mecanismos da escrita e da leitura, podem ser consideradas alfabetizadas. No entanto, não é este o conceito de alfabetização definido pela professora Iselda Sausen Feil em seu livro, **ALFABETIZAÇÃO UM DESAFIO NOVO PARA UM NOVO TEMPO**. Para a Iselda, "... alfabetizado é aquele aluno que lê e compreende tudo o que entenderia se usasse a linguagem oral e, sabe por outro lado, escrever de forma legível para a compreensão de outros o que poderia dizer". A viabilização deste conceito é um dos propósitos da proposta metodológica apresentado neste mesmo livro.

A exemplo do que ocorre com o ensino de um modo geral, o trabalho nas primeiras séries do 1º Grau não consegue obter um rendimento de qualidade. Referindo-se ao trabalho de alfabetizadores lemos na introdução do citado livro: "... O que se constata, na maioria das vezes, é algo assustador. Crianças caladas, enchendo o caderno de símbolos desconhecidos". Realmente, é muito enganador ensinar as crianças a juntar letras e sílabas de forma mecânica, sem que compreendam o significado do que estão lendo ou escrevendo.

O método pedagógico criado pelo belga Ovidio Decroly no ano de 1907 serviu de base para a professora Iselda definir os princípios de sua ação como alfabetizadora.

"A ESCOLA HÁ DE SER PARA O MENINO, E NÃO O MENINO PARA A ESCOLA".

"UM MENINO, NÃO É OUTRO MENINO, HÁ GRANDES DIFERENÇAS ENTRE ELES, INCLUSIVE SENDO IRMÃOS, EDUCADOS EM CONDIÇÕES IDÊNTICAS".

Estas são algumas afirmações de Decroly, indicadoras da sua linha de pensamento, definida por um profundo respeito à educação, à liberdade, à individualidade, à ação e à intuição de cada criança.

TERRENO FÉRTIL

Durante cinco anos de atuação na Escola de 1º Grau "Francisco de Assis", esta proposta para alfabetizar pode ser testada e aperfeiçoada pela sua autora. Foi no trabalho realizado com crianças provindas de diferentes

níveis sócio-econômicos que se encontrou o terreno fértil para se desenvolver as experimentações. São estes cinco anos de aplicação, onde foram alcançados resultados altamente positivos, que nos fazem acreditar nas amplas possibilidades desta maneira de alfabetizar.

O livro apresenta em sua primeira parte um rápido diagnóstico sobre as condições de trabalho dos professores alfabetizadores, ressalta a necessidade de definição de um método de trabalho, além de fazer algumas considerações sobre aspectos da linguagem. Em seqüência é abordada a questão do método de alfabetização. Procura mostrar a superação dos Métodos Sintéticos pelos Métodos Globais e descreve os princípios e a operacionalização do Método de Decroly. Temos ainda, na leitura deste livro, a oportunidade de conhecer em detalhes a proposição organizada pela professora Iselda.

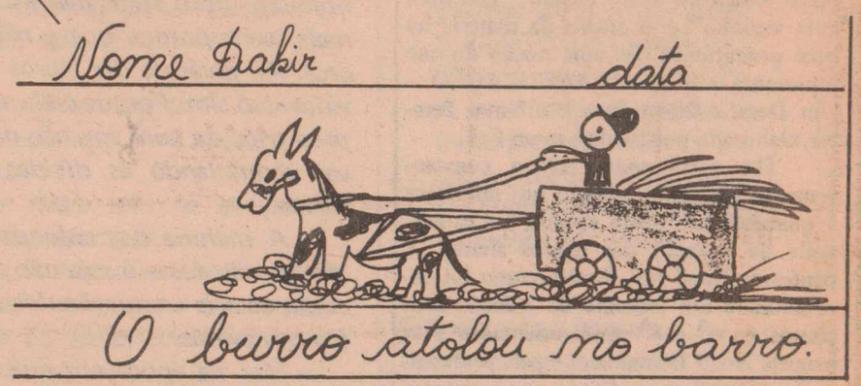
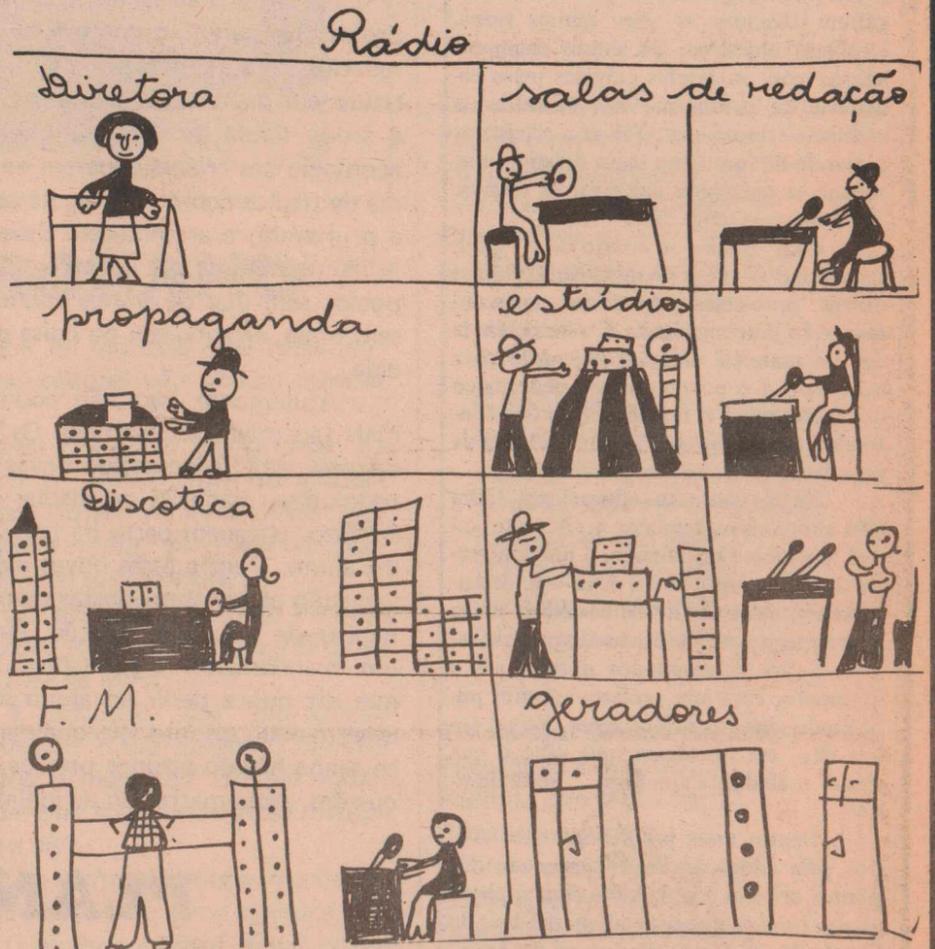
Nesta proposição vamos perceber que a aprendizagem da leitura e da escrita constitui apenas uma das etapas da alfabetização. Para chegar a estas habilidades muitos são os pré-requisitos a serem dominados pelas crianças. Quer dizer, a alfabetização compreende o domínio de inúmeras habilidades e da compreensão de muitos fatos e fenômenos vividos pelo alfabetizando.

A proposta apresentada neste livro nos mostra que é possível fazer a crianças ir vencendo os obstáculos ou desafios com naturalidade. Assim, através de atividades variadas em grande parte determinadas pelo interesse das próprias crianças, vai acontecendo a aprendizagem.

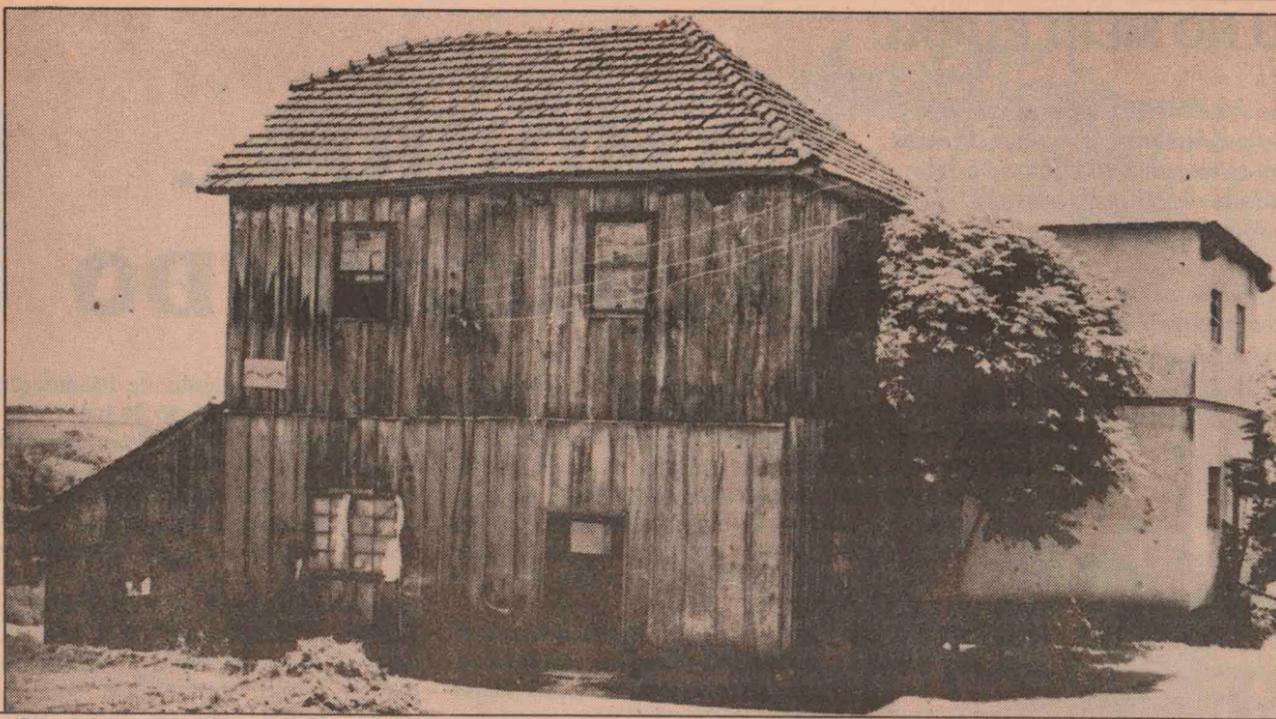
O trabalho é realizado a partir de temas geradores. Com isto, os conteúdos mínimos da série não deixam de ser estudados, mas certamente mudam as estratégias para a aprendizagem e também o enfoque de abordagem destes conteúdos.

Quanto às ilustrações, vamos encontrar desenhos e trabalhos escritos de autoria dos alunos, além de algumas leituras e atividades elaboradas pela professora.

Alfabetização – Um Desafio Novo Para um Novo Tempo constitui-se num importante estudo para todos os envolvidos nesta importante tarefa. Dentre estes envolvidos estão os adultos que um dia foram também crianças e não esqueceram disto, os professores que fundamentalmente acreditam no seu trabalho de educadores e finalmente as crianças que lutam por um mundo melhor.



A todos estes o livro é oferecido com muito carinho por quem o idealizou.
ALFABETIZAÇÃO – Um Desafio Novo Para um Novo Tempo.
 Livraria Universitária – FIDENE – Ijuí.
 Rua São Francisco, 509
 98.700 – Ijuí – RS



O moinho, na Vila Bozano, em Ijuí...

RELATO DO PASSEIO A BOZANO

"Fomos a Bozano no dia 03/11/81, com finalidades de visitar o moinho do Sr. Rafael Rasia e conhecer os personagens dum texto estudado em aula.

Saímos às 8 horas e voltamos às 10h45min.

Foi a 5ª, 6ª, 7ª e 8ª Séries.

Quando chegamos lá estava chovendo e seu Rasia nos abrigou.

Conforme perguntávamos ao

Seu Rasia ele ia respondendo.

O moinho iniciou em 1966. A causa de seu Rasia querer o moinho antes era porque o colégio para os filhos era longe e ali seria mais perto, então mudou-se para lá.

Os moinhos grandes queriam fechar os pequenos e até que se reuniram e fizeram o sindicato que os defendeu.

Seu Rasia mõe trigo, milho e ar-

roz, ele foi multado duas vezes porque os clientes não tinham modelo 15.

Seu Rasia não planta trigo, arrendou as terras, antes só ajudava plantar. No seu moinho o que mais se mõe é milho, seu Rasia também trabalha na suinocultura.

Ele tem 62 ha de terra e a irmã que mora junto tem 25 ha, portanto são 87 ha de terra.

A situação dos moradores, quando seu Rasia fundou o moinho era boa e melhorou, diz seu Rasia. Ele diz que os colonos estão melhor do que ele.

Do milho seu Rasia recebe farelo, do trigo e do arroz dinheiro.

O moinho ainda é de mó de pedra, seu Rasia disse que antes ele dava lucro e agora não.

Seu Rasia só precisa comprar na cidade sal, açúcar, etc. . . o resto tem em casa.

Ele não tem conta do banco, se tivesse, disse ele, teria carro, caminhão, etc. . .

Seu Rasia não se queixa do INPS e ele paga-o por conta.

Sua mulher, diz ele, antes ajudava no moinho, até mais que ele, agora não e D. Rosa, sua irmã, nunca ajudou no moinho.

D. Rosa acha a juventude de hoje uma alegria, porque antes tinha que levantar cedo, tirar leite, tratar os porcos, etc. . . e agora não.

Seu Eleutério estava na casa de seu Rasia e fizemos algumas perguntas a ele, mas ele falou pouco.

A situação de seu Eleutério de 75 pra cá melhorou um pouco, ele tem um lote de 20 por 50, que dá para sua moradia.

Na época de 65 seu Eleutério tinha propagandas do MDB em sua casa, que era o seu partido e agora ainda prefere o MDB, que é agora PMDB".

Lizete Casalini - 6ª série

BILHETE DO MENINO CAMPONÊS AO PAPAI-NOEL

Buenos dias, Patrão Velho,
Patrão Deus Nosso Senhor
Eu quero aqui com fervor
Lembrar o Santo Evangelho
Que ensinou ao índio vago
Um padre língua sovada
Nos altares do meu pago.

O Padre amigo e buenacho
Bueno na viola e na rima,
Logo ganhou minha estima
E foi dizendo em tom baixo:
Papai Noel sem igual,
(Eta velho camarada)
Distribui à criançada
Bons presentes de Natal.

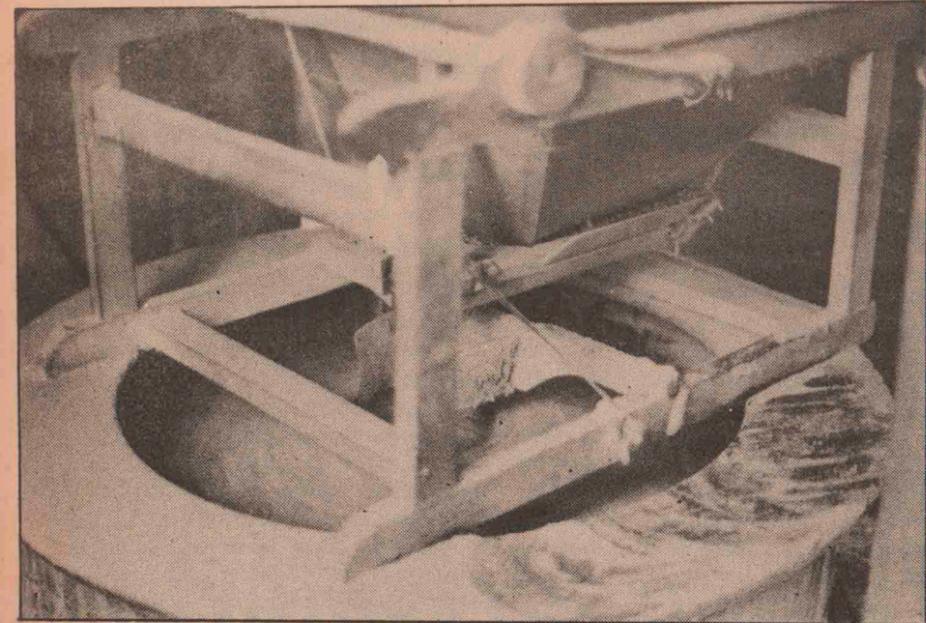
Eis-me aqui de alma largada,
Papai Noel a invocar. . .
Pedindo que venha dar
Presentes à gurizada
Pobretona e marginal
Desta coxilhas sem fim.
Que talvez por ser assim,
Nunca teve seu Natal.

Carrega teu saco às costas. . .
E ruma cá prá Campanha,
Verás o quanto é tamanha
A miséria que se arrasta. . .
Terás piedade então
Destes pequenos viventes,
E hás de encher de presentes
Os garotos do rincão

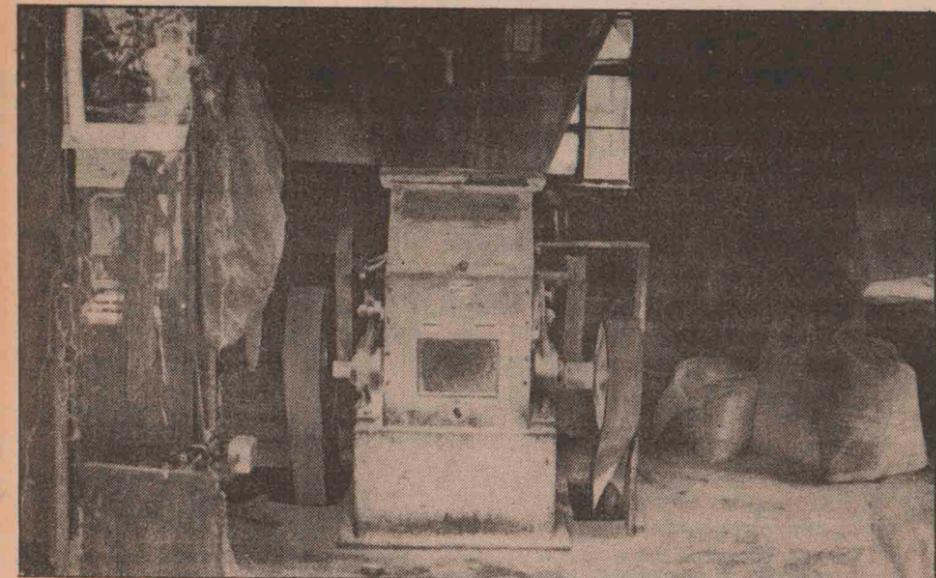
E fico então a pensar
Que nestes pagos existe
Muito guri pobre e triste
Que precisa se alegrar. . .
Cuja pobreza infeliz
Envergonha esta querência
E faz grande concorrência
A São Francisco de Assis.

Papai Noel aqui fica
Este bilhete campeiro
Patrão velho e justiceiro,
Nunca a ninguém prejudica
Os guris dos pagos meus
Merecem ter sua vez,
Pois o filho de camponês
Também é filho de Deus.

(Argeu Veiga)



... foi visitado pelos alunos de primeiro grau. . .



... que conheceram as personagens de um texto estudado em aula

O ENSINO DE 1º GRAU NO MEIO RURAL

No mês de maio deste ano, divulgamos, neste suplemento, aspectos de um trabalho que vem sendo desenvolvido junto a professores de escolas situadas no meio rural em municípios da região. Trata-se de um trabalho que busca uma melhor relação deste ensino com a realidade vivida pelas pessoas destas localidades. Apresentávamos então, naquela oportunidade, aos leitores do Cotrijornal, os livros CAMINHOS... como um dos recursos importantes para o desenvolvimento das atividades escolares. Ao final daquela matéria, informávamos que durante o ano de 1981 estaríamos trabalhando com estes livros juntamente com professores e alunos atuantes no meio rural.

Agora, quando estamos ao final do ano letivo, voltamos ao assunto, desta vez para comunicar alguns dos resultados do trabalho até o momento realizado.

O PROFESSOR QUE SABE O QUE QUER

Professores conscientizados e conseqüentemente organizados constituem-se numa das condições necessárias para que aconteça um ensino de qualidade em nossas escolas. Estamos entendendo por conscientizado aquele professor que sabe o que quer alcançar com o seu trabalho. É um professor que sabe o que faz e em favor de quem faz a sua ação pedagógica.

A conscientização é um resultado da própria prática e ao mesmo tempo se reflete nesta prática. É no desenvolvimento do seu trabalho como educador e na convivência diária com a realidade que esta conscientização torna-se real. Na medida em que adquirimos esta consciência também nos organizamos e agimos. Quer dizer, nada disto acontece em separado.

A proposta metodológica que estamos elaborando juntamente com os professores rurais exige, para o seu funcionamento, um professor consciente que assuma com vontade e decisão a sua tarefa de educar.

Os professores de Coronel Bi-

caco descobriram uma forma interessante de organizar os seus trabalhos. Dividiram-se em seis núcleos para a realização de reuniões. Nestas reuniões foram planejadas atividades; houve trocas de experiências, além de outros estudos e debates envolvendo a sua prática como educadores.

Também em Miraguai os professores estão se propondo a se organizar em núcleos para discutir e planejarem as atividades do processo ensino-aprendizagem para 1982.

Assim, com reuniões periódicas dos núcleos e mais algumas reuniões gerais, estarão estes professores abrindo a "picada" para a melhoria do seu trabalho em sala de aula e na comunidade. Além disto, é muito importante destacarmos que este trabalho também deverá provocar um melhor entendimento da sua prática pedagógica. Em conseqüência deverá aumentar o grau de conscientização destes professores e os seus trabalhos também certamente serão mais qualificados.

CAMINHOS... SE DEFININDO

Saber o quê, como e porque ensinar as crianças são aspectos fundamentais num processo de ensino-aprendizagem. Muitas vezes ensinamos aos nossos alunos coisas que nenhum significado têm para as suas vidas. Ensinamos conteúdos somente porque estes constam no programa e/ou porque estão contidos nos livros didáticos.

As poucas proposições expressas em parte nos livros Caminhos... definem estratégias para conseguirmos desenvolver um ensino mais identificado com as nossas reais necessidades. Durante a prática desenvolvida neste ano, especialmente no segundo semestre, nos municípios de Coronel Bicaco e Miraguai, constatamos ser possível a concretização de muitas de nossas idéias. Percebemos também inúmeras falhas que precisam ser corrigidas através da revisão constante do nosso trabalho. Porém, mesmo sabendo da existência de entraves — dentre estes, as limitadas condições de trabalho dos professores e as limitações da própria proposta que elaboramos — entendemos que vale a pena continuar.

A PROPOSTA CAMINHOS... funciona! Poderíamos gritar enfaticamente. Se não o fazemos é porque temos consciência das limitações acima citadas. Mas, também não podemos nos calar diante dos resultados positivos que atingimos.

Muitos professores realizaram um trabalho diferente daquele normalmente realizado. Aconteceram muitas atividades novas em muitas escolas de Coronel Bicaco e também em algumas de Miraguai. Os alunos foram levados a visitar olarias, barbaquás, lavouras, aviários, realizaram observações de animais e plantas, entrevistaram pais e outras pessoas das localidades, assistiram palestras, coletaram dados sobre produção agrícola e sobre as despesas caseiras, fizeram hortas, entre outras atividades.

Todas estas atividades consideradas extra-classe, certamente influenciaram no trabalho mais interno de sala de aula. Aí, os alunos foram incentivados a escrever textos, compôr versos, montar dramatizações, organizar tabelas, ler, debater, etc.

Um outro indicador da dinamização do trabalho escolar, (não de todos é óbvio) mas de boa parte destes professores está na variedade de recursos utilizados para as atividades didáticas. Foram bastante utilizados materiais tais como: livros Caminhos... , livros diversos, jornais, revistas, cartolinas, retalhos de fazendas, caixas, barro, madeira, mudas de vegetais, fotos antigas e atuais, taquara, animais, sementes, roupas velhas, sacos de estopa, instrumentos musicais, pincéis, capim, além de outros materiais de uso comum nas escolas.

É muito importante salientarmos que todas estas atividades faziam parte de uma unidade de estudo, isto é, de uma prática escolar sobre um assunto, como por exemplo, plantação, alimentação, saúde... . Nestas unidades, por nós chamadas de "aula integrada", é que foram trabalhados os conteúdos específicos de cada área do ensino, ou seja, de Comunicação e Expressão, de Iniciação às Ciências e de Integração Social.

Contudo, segundo depoimentos de professores foi no trabalho com as áreas de ensino que residiram as maiores dificuldades. Como trabalhar de forma integrada estes conteúdos? Como se utilizar dos fenômenos e/ou acontecimentos constatados na realidade através das atividades acima citadas para desenvolver os conteúdos de Matemática, Estudos Sociais, Ciências e Língua Portuguesa?

Foi diante dessas dificuldades que os professores sentiram a necessidade de estudar cada vez mais e assim conhecer melhor os conteúdos, para, como se diz, ter mais base. As orientações sobre atividades e sobre os conteúdos organizados durante o ano, pelos participantes (GAPR e PRs), em muito auxiliaram na solução destes problemas.

Assim, o desenvolvimento do nosso trabalho em 1981 fez com que chegássemos a importantes conclusões. Conseguimos superar muitas dúvidas que tínhamos sobre a nossa proposta de trabalho no meio rural. Outras dúvidas surgiram e se apresentam como novos desafios tanto para nós, como também, e principalmente, para os professores municipais que estão assumindo estes novos Caminhos.



Em Miraguai os professores planejaram em conjunto suas atividades



Em Coronel Bicaco os alunos fazem trabalhos bem diferentes, com este grupo de 3ª e 4ª série da Escola João R. de Almeida.